



NOVA FCSH

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA

O papel da agenda no jornalismo cultural: a presença online do PÚBLICO

Ana Sofia Malheiro

Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo

Versão corrigida e melhorada após defesa pública

maio de 2024

Relatório de estágio apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Jornalismo, realizado sob a orientação científica da Professora Dora Santos Silva.

*«When I was a child, when I was an adolescent, books saved me from despair:
that convinced me that culture was the highest of values.»*

- Simone de Beauvoir

Agradecimentos

À Mafalda, por descobrir o mundo e a vida comigo.

À nossa cadela, por me ir tirando da frente do computador.

Às demais estagiárias, Beatriz e Cristiana, pela companhia nas pausas para café e pelo ombro amigo sempre presente.

Aos editores Maria Paula Barreiros e Pedro Rios, pelas entrevistas concedidas.

Aos demais jornalistas do PÚBLICO, pela disponibilidade e confiança. Um agradecimento especial à Karla Pequenino, por me confiar parte da cobertura da Web Summit; e ao Sérgio Gomes, por destacar uma reportagem perdida entre os escritos da gaveta nas capas do suplemento P2 e do PÚBLICO.

Ao professor António Granado, que me incentivou a partilhar esta mesma reportagem com o mundo.

À minha orientadora, Dora Santos Silva, pelos conhecimentos partilhados e pelas sugestões ao longo desta trajetória.

À NOVA FCSH, a minha primeira e eterna faculdade.

Aos meus amigos e família, por tudo.

O papel da agenda no jornalismo cultural: a presença online do PÚBLICO

Resumo

O presente relatório discorre sobre o fenómeno do agendamento nas produções culturais do PÚBLICO e é parte de um estágio curricular realizado na secção online do jornal. A análise centra-se, por isso, na observação dos conteúdos dispostos no website - todos os artigos projetados para o papel são também publicados no formato online, mas o contrário já não se verifica. Com o objetivo de caracterizar a expressão da agenda entre a cobertura cultural do PÚBLICO, o estudo serve-se de uma metodologia mista, baseada na catalogação e padronização de 422 artigos jornalísticos, compreendidos entre setembro e novembro de 2023, e nas entrevistas a dois dos editores responsáveis pela Cultura-Ípsilon. A investigação também questiona a articulação das várias expressões culturais no jornal, o modo como o órgão de comunicação coloca os vários géneros jornalísticos ao serviço ou à margem da agenda e a incisividade da agenda em jornais generalistas de maior ou menor massificação. Os resultados indicam que a maioria das produções analisadas estão inseridas numa lógica de agendamento, denotando-se um potencial crescimento de géneros e formatos utilitários e uma propensão para a antecipação de momentos e/ou bens culturais, ganchos em muito ligados ao trabalho das assessorias de imprensa. As áreas mais trabalhadas - música, cinema e literatura - espelham o cânone que ainda vigora entre as Indústrias Culturais e Criativas. É, no entanto, o tratamento mediático destas áreas que permite que o jornal preserve o arquétipo da editoria, a crítica, especialmente vulnerável à crise da classe e das instituições mediáticas.

Palavras-chave

Jornalismo Cultural, Agenda Cultural, Agenda Jornalística, Indústria(s) de Cultura, Indústrias Culturais e Criativas, Independência Jornalística.

The role of the agenda in cultural journalism: PÚBLICO's online presence

Abstract

This study discusses the phenomenon of agenda in PÚBLICO's cultural productions and it is part of a curricular internship carried out in the newspaper's online section. Therefore, the analysis focuses on the website content - all the articles projected for the paper version are also published online, but the opposite is no longer true. In order to characterise the expression of the agenda in PÚBLICO's culture journalism, the study has a mixed methodology, based on the cataloguing and standardisation of 422 journalistic articles, from September to November 2023, and on the answers given by the two cultural editors interviewed. This research also seeks to answer how the various cultural expressions are articulated in PÚBLICO, how the media organisation places the various journalistic genres at the service or on the margins of the agenda and how editors perceive the strength of the agenda in different generalist newspapers. The results indicate that most of the productions analysed are part of an agenda logic by focusing on the anticipation of cultural moments or assets (these hooks are related to the work of the press offices). Besides that, the potential growth of utilitarian genres and formats is also noticeable. The artistic areas most worked on - music, cinema, and literature - reflect the canon that still prevails among the Cultural and Creative Industries. However, in PÚBLICO, the journalistic treatment of these areas helps to preserve the critic, the cultural section's archetype. The critic is especially vulnerable to the crisis of class and mediatic institutions.

Keywords

Cultural Journalism, Agenda, Cultural Agenda, Culture Industry, Cultural and Creative Industries, Journalistic Independence.

Índice

Introdução	1
Capítulo I: Estágio	4
1.1. Para uma breve história do PÚBLICO.....	4
1.1.1. O PÚBLICO online	5
1.2. Diário de bordo: entre as secretárias com vista para o rio.....	6
1.2.1. O estágio acabou. E agora?.....	12
Capítulo II: Estado da Arte	13
2.1. Editoria cultural: um produto dos próprios constrangimentos.....	13
2.1.1. Cultura: escrita no singular, pensada no plural.....	13
2.1.2. Da Indústria Cultural às Indústrias Culturais e Criativas	14
2.1.3. Jornalismo cultural, um conceito polissémico	18
2.1.3.1. Os géneros jornalísticos aplicados ao jornalismo cultural	20
2.1.3.2. O jornalismo cultural contemporâneo	23
2.2. Agenda, aliada ou impostora?	30
2.2.1. Um olhar pelas várias teorias dos média	30
2.2.2. A agenda cultural dentro da agenda jornalística.....	32
2.2.2.1. A agenda cultural enquanto género jornalístico.....	34
2.2.2.2. A agenda cultural enquanto estratégia editorial	35
2.3. Independência jornalística: onde a prática e a academia divergem	41
Capítulo III: Desenho da Investigação	44
3.1. Objetivo do estudo e perguntas de investigação	44
3.2. Metodologia	44
3.2.1. Análise de conteúdo.....	44
3.2.2. Categorias de variáveis.....	47

Capítulo IV: Apresentação de resultados	49
4.1. A agenda enquanto género e estratégia na secção cultural do PÚBLICO	49
4.1.1. Um propósito, servir.....	49
4.1.2. Sob a batida de um relógio adiantado	53
4.1.3. A quebra da quarta parede.....	56
4.2. Nem «tudo o que é cultura está no Ípsilon»	57
4.2.1. Indústrias limítrofes e expressões culturais não artísticas.....	59
4.3. Muito mais que notícias.....	61
4.4. A agenda cultural em jornais generalistas de maior ou menor alcance.....	62
Conclusão	64
Bibliografia	68
Anexos	77
Anexo A: Produção no PÚBLICO	77
Anexo A.1. Artigo sobre a Web Summit. Primeira produção para a edição em papel.....	77
Anexo A.2. Primeira página de uma produção para a secção de Desporto	78
Anexo A.3. Capa do P2. Reportagem elaborada em contexto letivo	79
Anexo B: Entrevistas completas	80
Anexo B.1. Entrevista Pedro Rios - Editor do suplemento Ípsilon (02/05/2024).....	80
Anexo B.2. Entrevista Maria Paula Barreiros - Coeditora de Cultura no jornal diário (07/05/2024).....	85
Anexo C: Análise das peças jornalísticas	89

Índice de Figuras

<i>Figura 1</i> Distribuição diária da produção cultural no PÚBLICO de setembro a novembro de 2023.....	45
<i>Figura 2</i> Ganchos para conteúdos em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita).....	49
<i>Figura 3</i> Motivações de agenda (cultural, sem antecipação, a cores; e jornalística a tons de cinzento) em setembro.....	50
<i>Figura 4</i> Géneros jornalísticos em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita)	51
<i>Figura 5</i> Aspetos utilitários em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita).....	52
<i>Figura 6</i> Conteúdos de agenda em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita)	53
<i>Figura 7</i> Ganchos de antecipação em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita).....	54
<i>Figura 8</i> Antecipação de momentos em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita).....	54
<i>Figura 9</i> Antecipação de bens em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita)	55
<i>Figura 10</i> Localização da etiqueta “cultura” em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita)	58
<i>Figura 11</i> Secções (esquerda) e conteúdos (direita) referentes a expressões culturais não artísticas em setembro	59
<i>Figura 12</i> Divisão dos artigos sobre expressões culturais artísticas em setembro	60
<i>Figura 13</i> Divisão dos artigos de acordo com a sua proveniência em setembro.....	61

Introdução

«Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades». A frase de Luís Vaz de Camões não é sobre jornalismo, tão pouco sobre jornalismo cultural, mas aplica-se facilmente ao universo tratado neste relatório. A invenção da Internet e a sucessiva impregnação da tecnologia no modo de vida humano - em Portugal a normalização do fenómeno deu-se já depois da viragem para o século XXI - representa um novo tempo entre as eras da história da humanidade, mas não só. Além de mudar o tempo, a Internet acelerou-o. A pouco e pouco, tudo se foi tornando acessível à distância de um clique. Hoje, a norma é a informação recorrente, ininterrupta, “ao minuto”. E «o tempo é um luxo de que os jornalistas dispõem cada vez menos» (Kovach e Rosenstiel, 2004, p. 154).

Isto não é diferente entre os meandros das editorias culturais, outrora conhecidas pelo seu carácter crítico e reflexivo. Pois foi a industrialização crescente dos setores - jornalístico e cultural - que fez com que as agendas - uma inerente à prática profissional, de nome jornalística; outra própria da editoria que aqui importa tratar, a cultural - se tornassem numa das principais linhas condutoras de inúmeras produções jornalísticas sobre cultura. Para efeitos de introdução, importa definir conteúdos de agenda como aqueles cuja produção decorre do trabalho e/ou divulgação feito por uma entidade que excede o órgão de comunicação que os partilha. No que à agenda cultural diz respeito, esta impregnação traduz-se em produções estruturalmente guiadas pela calendarização de eventos ou, em última instância, pela exposição sucessiva de momentos e produtos. De certo modo, a estratégia inerente à máquina do agendamento também serve uma lógica de “jornalismo sentado” (Tulha, 2012), prática invariavelmente mais rápida e barata - é importante não esquecer que a queda da publicidade e a queda das vendas são problemas ainda não sanados pelo meio.

Claro que, e sendo a ligação entre agenda e jornalismo uma dicotomia mutuamente obrigada, importa saber se e como podem os média escapar de uma engrenagem com tendências aglutinadoras. Tomando-se o caso do PÚBLICO como único exemplo, problematizar-se-á também - e em conjunto com dois dos editores de cultura deste órgão de comunicação - se os desafios sentidos pela editoria poderiam divergir ou adensar-se se o PÚBLICO fosse um jornal de menor alcance e/ou financiamento.

Na intenção de percorrer todos os ganchos aqui introduzidos, o presente relatório encontra-se dividido em quatro grandes capítulos.

O primeiro centra-se numa breve história do PÚBLICO e do PÚBLICO online, secção do estágio referente a este relatório. Após esta historiografia, encontra-se uma descrição e balanço do estágio decorrido entre novembro de 2023 e janeiro de 2024.

Segue-se o segundo capítulo, composto por diferentes prismas e entendimentos sobre o conceito de cultura, de indústria ou indústrias de cultura, de indústrias culturais e criativas e de jornalismo cultural. Aqui chegados, importará esclarecer a aplicação dos géneros jornalísticos à editoria e o seu estado na atualidade. Após a explicação dos vários termos implicados no tratamento académico do fenómeno da agenda, far-se-á um balanço sobre algumas teorias dos média, seguido pela problematização da dupla expressão da agenda cultural, capaz de se apresentar de modo mais ou menos explícito em géneros jornalísticos cujo formato denunciam o seu teor utilitarista e/ou de se camuflar entre decisões às quais o leitor não acede. Por fim, e sendo a agenda um elo de dependência entre os órgãos de comunicação e instituições alheias ao seu funcionamento, discorrer-se-á sobre o conceito de independência jornalística.

Já o terceiro capítulo parte das quatro questões de investigação abaixo e contempla a metodologia usada nesta investigação. Primando pela objetividade do estudo, desenvolveram-se cinco categorias de análise usadas para categorizar e padronizar a amostra compreendida entre setembro e novembro de 2023.

Q11. Qual a expressão da agenda enquanto género utilitário e/ou estratégia editorial entre a cobertura cultural do PÚBLICO?

Q12. De que modo se articulam as variadas conceções culturais, desde o conteúdo limítrofe às grandes indústrias às expressões culturais não artísticas, no jornal?

Q13. Qual a presença dos géneros jornalísticos que excedem a cobertura noticiosa nos temas pertencentes e à margem da agenda cultural?

Q14. Na ótica dos editores culturais, qual a relação entre a maior ou menor massificação de um jornal generalista e a maior ou menor permeabilização da agenda cultural nesse mesmo órgão de comunicação?

No quarto e último capítulo, procurar-se-á responder às perguntas de investigação alinhavadas, centradas na expressão da agenda enquanto género utilitário e/ou estratégia editorial entre a cobertura cultural do PÚBLICO; na articulação das variadas conceções culturais (cultura de massas *versus* limítrofe, expressão artística vs não artística) no jornal; no tratamento jornalístico dos temas pertencentes e à margem de qualquer agenda; e na permeabilização da agenda em diferentes jornais generalistas.

Capítulo I: Estágio

1.1. Para uma breve história do PÚBLICO

«Abrir portas onde se erguem muros», pode ler-se junto ao grande P vermelho que hoje preenche o nosso imaginário comum. Idealizado antes da queda de um dos muros mais célebres de sempre - o de Berlim -, e após vários “números 0” e uma primeira impressão falhada, o jornal chegou às bancas dois anos depois (já o muro havia caído). Nessa altura, o logotipo ainda era preto com uma pincelada de azul e o *slogan* usado na campanha publicitária foi «mais perto do público, mais perto do acontecimento», escolhido em detrimento da primeira ideia «um jornal sem fronteiras».

Fruto da saída de um vanguardista grupo de jornalistas do semanário *Expresso*, que se aliaram a Belmiro de Azevedo, então presidente do grupo SONAE, o PÚBLICO de então deparava-se com um cenário jornalístico muito diferente do de hoje. A Internet ainda não era uma realidade, tão pouco as redes sociais. Na televisão, só se via RTP. Quanto aos jornais, o preto e branco ainda imperava e aqui começava a primeira disrupção de um jornal que queria marcar a diferença. Além da impressão a cores, o PÚBLICO surge já com duas edições simultâneas (saídas das sedes em Lisboa e no Porto) e suplementos diários, que incluíam também o fim de semana. A 5 de março de 1990, sob a direção de Vicente Jorge Silva (cargo hoje ocupado por David Pontes), imprimiram-se 120 mil exemplares, esgotados em banca.

Inspirando-se no modelo informativo de vários jornais de referência, tais como o espanhol *El País*, o italiano *La Repubblica*, o francês *Le Monde*, o britânico *The Independent*, além dos americanos *The Washington Post* e *New York Times*, à semelhança do descrito no livro de estilo do jornal, também o PÚBLICO se sedimentou enquanto padrão de qualidade no cenário jornalístico nacional.

Nestes frutíferos meses, não foi o andar na Avenida Fontes Pereira de Melo, a primeira sede em Lisboa, nem o edifício da Quinta do Lambert, a primeira “casa oficial” do jornal na capital, que me acolheu. Mas também neste novo bloco, cujo nome, Diogo Cão, evoca um passado marítimo que tão bem remete para a localização junto à Doca de Alcântara, continua a primar o jornalismo de qualidade, regido por um estatuto editorial que, até hoje, permanece inalterado.

1.1.1. O PÚBLICO online

1995. Foi este o ano que marcou a mudança de todo um paradigma. Ler o PÚBLICO passava a estar à distância de um aparelho com acesso à, ainda recente, Internet, na qual se começava a colocar artigos da versão impressa, mesmo que esporadicamente. A sistematização viria a 22 de setembro do mesmo ano, dia que marcou o início do que hoje damos como adquirido - as atualizações diárias (que entretanto se tornariam “ao minuto”). Mais tarde, já em 1999, o PÚBLICO online (hoje publico.pt) deixaria de ser outro veículo de difusão, paralelo ao papel (embora a consulta da versão impressa do jornal através do website seja ainda uma realidade), para se apresentar enquanto um novo suporte, capaz de abrigar novos e distintos conteúdos.

Já em 2005, o online passou a ter conteúdos exclusivos, disponíveis mediante pagamento, numa intenção de mitigar os estragos oriundos do desconhecimento e consequente má conceção do negócio em moldes digitais. E ainda que a procura de um modelo económico que viabilize o negócio da informação online não tenha sido completamente logrado até aos dias de hoje, pois é difícil convencer os consumidores a pagarem um serviço fornecido gratuitamente durante um longo período de tempo (Canavilhas, 2005); hoje, o PÚBLICO é líder nacional em assinaturas digitais, mas também na circulação total paga (assinaturas e vendas em banca), mesmo que num cenário de queda iminente - em 2022, a venda de publicações generalistas caiu 6%¹.

Não obstante, é importante frisar que, segundo o Digital News Report Portugal 2023, Portugal continua entre os mercados onde menos se paga por conteúdo informativo em formato online (apenas 11% dos utilizadores paga pelo serviço, face a uma média global de 17%). Sob um questionário que permitia múltiplas respostas, as principais motivações assinaladas foram a busca por conteúdo diferenciado (40%) e matéria especializada, afetas a secções como a cultural (20%). Ainda assim, a segunda razão entre os não assinantes, logo após o valor a dispensar, aponta para a falta de interesse e relevância do conteúdo apresentado pelos vários órgãos de comunicação.

¹ Estes dados são referentes ao ano de 2023, embora o mesmo tenha acontecido no mesmo período de 2022 (<https://www.publico.pt/2024/03/01/sociedade/noticia/publico-unico-jornal-generalista-crescer-circulacao-total-paga-2023-2082152>). Segundo outro levantamento, referente ao primeiro trimestre do ano transato (<https://www.publico.pt/2023/08/31/sociedade/noticia/publico-aumenta-circulacao-semester-ano-cresce-digital-2061821>), seguia-se à média de 47.707 assinaturas no PÚBLICO, a do Expresso, calculada em 47.310, e a do Jornal de Negócios, já em 5.907.

1.2. Diário de bordo: entre as secretárias com vista para o rio

“Alcântara vê o Tejo aos pés
Que vem ao mar
E anda a bailar no vai e vem das marés
Cantar e rir
Não há melhor p’ra mim
E notem bem
Feliz de quem sabe viver assim”

Era ao som da marcha de Alcântara de 1969, ora pela voz da eterna Amália, ora na versão renovada da também fadista Carminho, que passei parte das várias e longas viagens até ao grande P vermelho. E mesmo que cansada, era feliz de assim viver. Sendo feriado no primeiro dia de novembro, tudo começou na quinta-feira de dois. O tempo estava chuvoso, os transportes lotados, as horas de sono haviam sido menos que as normais, os nervos eram alguns, se não muitos. Mas a espera tinha, por fim, terminado.

2 de novembro de 2023

Recebida pelo jornalista Pedro Esteves, dada a baixa de Mariana Adams (inicialmente destacada como orientadora no local de estágio), foi-me introduzida a redação, bem como as suas diferentes ilhas e funcionalidades. A minha introdução ao pessoal seria apenas mais tarde (aqui descobri que os jornalistas não eram tão madrugadores quanto imaginava, algo que a geografia da redação não facilita). Ao longo do dia, os lugares lá se foram preenchendo, ainda que muitos ficassem pelo outro lado do ecrã - mudanças propiciadas pela passada covid-19, explicavam.

Não havendo informáticos *in loco*, não foi possível ter acesso às ferramentas necessárias para a produção de material, pelo que o dia foi mais leve e de convívio, o que acabou por se mostrar importante no desenvolvimento das relações interpessoais entre os recém-chegados e os ‘da casa’, sempre prestáveis. Ainda assim, e em conjunto com a outra estagiária do online, Cristiana M. Reis, fomos recebendo alguns desafios, entre os quais a escrita de uma pequena caixa para o guia tecnológico e a atualização dos incidentes consequentes ao mau tempo, destacado no “ao minuto” do dia².

² Disponível em <https://www.publico.pt/2023/11/02/azul/noticia/mau-tempo-causou-40-ocorrencias-ha-sete-districtos-aviso-vermelho-2068762>.

6 de novembro de 2023

Foi na segunda de seis que a engrenagem começou a arrancar. Como ainda não tínhamos acesso ao *back office*, não nos era possível puxar notícias de agências, adversidade que acabou por se mostrar positiva. Da ininterrupta navegação nos mais variados órgãos de comunicação, nacionais e internacionais, cheguei à ida dos manifestantes do Climáximo a tribunal³, informação ainda não presente no jornal. E assim surgiu a primeira notícia assinada em nome próprio. Após a sua publicação, tive ainda a oportunidade de a atualizar com declarações exclusivas, que permitiram que a breve excedesse o comunicado do grupo de ativistas. Após este arranque, sugeri outros temas, alguns encaminhados para as secções P3, Fugas e Ípsilon. Vejamos como corre.

7 de novembro de 2023

O clima é de agitação total. O país para, quer ouvir as declarações do ainda primeiro-ministro, António Costa. A redação não o pode fazer. Num misto de seres simultaneamente cidadãos e jornalistas, uns encaram as grandes televisões da redação, agregados no semicírculo no qual trabalha a direção; outros fazem-no sentados à secretária - querem escrever as declarações em tempo real. Os responsáveis pelo papel, reagem freneticamente. A agenda do dia seguinte mudara completamente. O despedimento de quem se tornará “chefe em funções”, a queda iminente do governo e as suspeitas de novos casos de corrupção no país terão de ocupar as páginas do próximo jornal. Quantas? Não se sabe. Discute-se a reestruturação do que seria mais uma quarta-feira. Além do “ao minuto” das guerras (neste mesmo dia fazia um mês do reavivar do conflito israelo-palestino), surge um outro. O online fica também sem mãos a medir.

8 de novembro de 2023

Ainda assoberbada pelo dia anterior, Sónia Sapage, Diretora-adjunta do jornal, pede-me que cubra a apresentação do livro “Mundo às Avessas” de Nuno Severiano Teixeira, cronista do PÚBLICO, a ter lugar no auditório da redação. Sendo Augusto Santos Silva, Presidente da Assembleia da República, o apresentador do serão, foram várias as televisões que se reuniram à entrada do jornal, na esperança de terem declarações sobre os acontecimentos políticos que irão domar as próximas semanas, se não meses.

³ Disponível em <https://www.publico.pt/2023/11/06/azul/noticia/tres-activistas-climaximo-vao-tribunal-tercafeira-2069202>.

Chegada a apresentação do livro, surge a minha primeira experiência *in loco* (mesmo que o lugar não tenha, efetivamente, mudado). Depois de escrever tudo o quanto podia nas minhas notas de telemóvel, sigo para o *back office*, na intenção de atualizar uma notícia já publicada sobre o assunto⁴.

9 de novembro de 2023

Depois de uma semana de integração e trabalho crescente, sai a minha primeira fotogaleria, Jamaika: o “último capítulo” do bairro pela lente de José Sarmento Matos⁵. Fruto de uma maior pesquisa e investimento do que os trabalhos até então (neste mesmo dia puxei a minha primeira “lusa”⁶), senti esta notícia, em moldes de fotogaleria, como o culminar dos primeiros esforços.

14 a 16 de novembro de 2023

Uma semana fora do escritório. Cobrir a Web Summit é não só um desafio, dada a dimensão da cimeira tecnológica, como uma possibilidade de aprendizagem constante. Além das diversas palestras, umas sobre jornalismo lento e diversidade na prática jornalística, outras sobre inteligência artificial como benefício para pessoas com deficiências e prejuízo para o mundo artístico, tive a oportunidade de conhecer e entrevistar pessoas e histórias merecedoras de maior atenção pública.

Foi uma semana que além de diferente foi divertida e enriquecedora. Mas não foi fácil. Estar na cimeira durante o dia e escrever à noite foi um ritmo que apenas resultou dada a finitude temporal do evento. Após o recuperar do fôlego, ficam os frutos. Três artigos, um por dia. Dois deles, no papel. Tecnológica portuguesa quer criar nova forma de comunicar. “É como telepatia”⁷ (anexo A.1), o que mais gostei de escrever, foi o artigo de destaque no guia tecnológico de 17 de novembro.

30 de novembro de 2023

Um mês já se passou - e rápido! Mas Novembro acaba com um cenário pouco promissor. A situação no país é crítica e o jornalismo não fica atrás. O trabalho da

⁴ Disponível em <https://www.publico.pt/2023/10/18/mundo/noticia/livro-dar-sentido-mundo-avessas-2067177>.

⁵ Disponível em <https://www.publico.pt/2023/11/09/p3/fotogaleria/jamaika-ultimo-capitulo-bairro-lente-jose-sarmento-matos-411167>.

⁶ Disponível em <https://www.publico.pt/2023/11/09/culturaipilon/noticia/estruturas-cultura-cancelam-protesto-junto-parlamento-2069581>.

⁷ Disponível em <https://www.publico.pt/2023/11/16/tecnologia/noticia/tecnologica-portuguesa-quer-criar-nova-forma-comunicar-telepatia-2070236>.

segunda quinzena passou pela descoberta de notícias. De títulos nacionais a internacionais, as manhãs eram de sugestões. Entre cultura, ambiente e sociedade - e alguns toques de tecnologia - os artigos também foram chegando às redes sociais⁸.

6 de dezembro de 2023

Hoje o trabalho fora de horas foi mais desafiador. O segundo mês já começou, a semana vai já a meio, e o cansaço começa a dar sinais. O tema - novo aeroporto de Lisboa - foge ao que tenho trabalhado. Preciso de me inteirar, ler o que já se publicou, perceber o problema. O tempo de autocarro permite-me tratar disso. E lá vou.

A cobertura de um debate⁹ que envolve tantas questões não foi fácil, constrangimento fomentado pelo carácter de conversa informal, com intervenções pouco estruturadas. O truque ficou na simplificação da abordagem. Foi o possível.

9 de dezembro de 2023

A semana continua na rua. Os prazos apertados também permanecem. Com a nova manifestação do Climáximo em Lisboa¹⁰, é preciso um jornalista no local. E lá fui.

Foi a primeira vez a trabalhar com um fotojornalista. Gostei muito da experiência. A partilha de visões e estratégias de trabalho foi enriquecedora - e o feedback da redação foi positivo. Nunca me soube tão bem trabalhar a um sábado.

14 de dezembro de 2023

Cinco dias depois, voltava ao Climáximo. Propuseram-me que continuasse a mediação de outra ação de protesto¹¹, o que aceitei com prontidão. Mas desta vez o cenário era diferente. Os gritos pareciam os mesmos, mas as reações já não eram pacíficas (mesmo que no sábado anterior já se notassem sinais de descontentamento).

Esta não era uma manifestação publicamente anunciada. À exceção do PÚBLICO e da Lusa ninguém fora do coletivo sabia que o viaduto Duarte Pacheco, em Lisboa, estaria interdito à passagem de carros e outros grandes veículos durante a manhã de

⁸ Disponível em <https://www.instagram.com/p/Cz3hhOdtGwj/>.

⁹ Disponível em <https://www.publico.pt/2023/12/06/economia/noticia/alem-aeroporto-vai-necessario-criar-bocado-cidade-2072826>.

¹⁰ Disponível em <https://www.publico.pt/2023/12/09/azul/noticia/climaximo-protesta-lisboa-catastrofe-atras-catastrofe-fingimos-algo-futuro-2073106>.

¹¹ Disponível em <https://www.publico.pt/2023/12/14/azul/noticia/activistas-climaticos-penduramse-viaduto-duarte-pacheco-lisboa-2073656>.

uma quinta-feira. E as pessoas não estavam contentes, emoções visíveis em ações menos próprias e nas próprias redes sociais, onde o trabalho circulou largamente.

Sempre de telemóvel na mão, foi-me pedido que escrevesse e tirasse fotografias a tudo que achasse oportuno - mesmo que com um telemóvel pouco adequado à qualidade típica do jornal. Além de testemunha ocular, falei com polícias, manifestantes e ouvi alguns transeuntes. Algures na redação do Porto, estava a jornalista Andréia Azevedo Soares, com quem coescrevi o texto. Fomos as primeiras a lançar a notícia.

22 de dezembro de 2023

Dezembro teve outra reportagem conjunta, esta com a também estagiária Cristiana M. Reis. Depois de algumas semanas em espera - a chuva permanente impedia a inauguração do campo de basquetebol pintado em honra de T-Rex, o artista mais ouvido no Spotify Portugal em 2023¹² - e de algumas desventuras com os transportes, avistámos Monte Abraão. Entre deslocação, pequenas entrevistas e escrita, o preenchido dia acabou a altas horas, pelo que o texto só foi publicado na manhã seguinte. Mas valeu cada pestana queimada.

26 de dezembro de 2023

Ainda cheira a Natal. Como prenda, compro o jornal e lá está ele: o último grande artigo do ano em papel¹³ (anexo A.2) - dias antes havia publicado outro, no guia tecnológico¹⁴. Além de ser o primeiro exclusivo, categoria para os textos apenas disponíveis a assinantes, *Transição desportiva: como podem os atletas transgénero competir?* foi um trabalho decorrente de muitas horas de trabalho, não só pela vasta pesquisa, mas também pelas variadas tentativas de contato, das quais resultaram oito entrevistas (três delas a atletas transgénero estrangeiros: Halba Diouf, Mara Gómez e Lucas Kamara).

Mesmo com a imparcialidade e cuidado com que trato todos os temas, sabia que o alto escrutínio era provável (se não certo). E assim foi. Entre alguns comentários de

¹² Disponível em <https://www.publico.pt/2023/12/23/p3/reportagem/trex-saltou-monte-abraao-top-spotify-terra-nao-esquece-2074694>.

¹³ Disponível em <https://www.publico.pt/2023/12/25/desporto/noticia/transicao-desportiva-podem-transgenero-competir-2074139>.

¹⁴ Disponível em <https://www.publico.pt/2023/12/21/tecnologia/noticia/dificuldades-presentes-ultima-hora-ia-ajudar-2074334>.

ódio, o texto também foi alvo de pareceres construtivos. Com o ciclo fechado, considero que não só servi um tema com sede de visibilidade e desmistificação mediática, como aprendi enquanto jornalista e cidadã - como, de resto, me tem acontecido dia após dia.

18 de janeiro de 2024

2024 arrancou e trouxe novas notícias - desde a ascensão do neofascismo em Itália¹⁵ à apresentação de um carro telecomandado na Consumer Electronics Show, em Las Vegas¹⁶. Também hoje, o retrato de futuro fez-se acompanhar por uma reflexão sobre o passado. Poder estar presente numa reunião com a direção do jornal, na qual se debateu os sucessos e desafios do jornal e do jornalismo - prazos e salários apertados, além da desconfiança e pouco investimento nos média - foi o ponto alto da semana.

27 de janeiro de 2024

É sábado e volto a sair à rua. O motivo é o mesmo - uma manifestação. Mas hoje clama-se por habitação para todos¹⁷. Com o cinquentenário do 25 de Abril à porta, milhares encheram as ruas de Lisboa e outras capitais de distrito do país.

Entre os manifestantes estão vários jornalistas do PÚBLICO, organizados consoante os trabalhos pretendidos. No meu caso, fiquei escalada com a Mariana Godet, sempre acompanhada da sua câmara e tripé. Além de estar encarregue por alguns clipes para as redes sociais, fiquei incumbida de entrevistar um diversificado leque de pessoas - pequenas conversas filmadas e editadas pela fotojornalista.

A experiência de trabalho acompanhado voltou a ser um ponto alto a assinalar. Há alturas em que tudo o que preciso é sair da secretária. Acabo, ainda assim, a destacar outros textos (também de janeiro, mas escritos sob a luz dos ecrãs e entre as quatro paredes): uns pelo que aprendi - Maternidade de substituição pode salvar o rinoceronte-branco-do-norte¹⁸ -, outros pelo quanto me diverti - A portuguesa Taberna Londrina vai

¹⁵ Disponível em <https://www.publico.pt/2024/01/09/mundo/noticia/video-mostra-centenas-pessoas-saudacao-fascista-roma-oposicao-pede-respostas-2076184>.

¹⁶ Disponível em <https://www.publico.pt/2024/01/10/tecnologia/noticia/sony-honda-apresentam-carro-telecomandado-nao-brincar-2076381>.

¹⁷ Disponível em <https://www.publico.pt/2024/01/28/video/manifestacao-direito-habitacao-abril-exige-casa-viver-20240128-003905>.

¹⁸ Disponível em <https://www.publico.pt/2024/01/26/azul/noticia/maternidade-substituicao-salvar-rinocerontebrancodonorte-2078266>.

abrir perto de Paris. E quer “globalizar a francesinha”¹⁹ - e ainda uns nos quais aprendi, divertindo-me: De juízes e políticos à Casa Branca, o swatting não poupa nada nem ninguém²⁰ e “Pornoграфия prateada”: gosto ou gatilho para predadores em potência?²¹.

1.2.1. O estágio acabou. E agora?

Terminado o estágio, permanece a saudade e com ela cresce a vontade de voltar. O balanço é indubitavelmente positivo. Até pelos momentos de maior calamidade - entre artigos perdidos e edições intermináveis - sinto algum saudosismo. Afinal, foi este desejo pelo frenético que me trouxe à música, depois a Lisboa e agora ao jornalismo.

Saio, mas deixo o meu cunho em 57 artigos - quase um por dia de estágio -, fora as “lusas”, “reuters” e “ao-minuto” que também preencheram algumas horas. Já depois do estágio, o jornal publicou uma reportagem que desenvolvi para o mestrado²² (anexo A.3). Não contava que chegasse às capas - nem à do P2, nem à principal - mas aconteceu. Agora fica o desejo de conquistar mais, o desejo de descobrir mais, o desejo de escrever mais. E por isso o meu caminho no jornalismo não pode e nem há de ficar por aqui.

¹⁹ Disponível em <https://www.publico.pt/2024/01/23/fugas/noticia/portuguesa-taberna-londrina-vai-abrir-perto-paris-2077459>.

²⁰ Disponível em <https://www.publico.pt/2024/01/21/mundo/noticia/juizes-politicos-casa-branca-swatting-nao-poupa-nada-ninguem-2077040>.

²¹ Disponível em <https://www.publico.pt/2024/02/29/impar/noticia/pornoграфия-prateada-gosto-gatilho-predadores-potencia-2078615>.

²² Disponível em <https://www.publico.pt/2024/03/24/sociedade/reportagem/familias-arcoiris-portugal-cores-2084273>.

Capítulo II: Estado da Arte

2.1. Editoria cultural: um produto dos próprios constrangimentos

2.1.1. Cultura: escrita no singular, pensada no plural

Nem tudo é cultura, embora tudo possa ser percebido mediante uma perspectiva cultural (Santos Silva, 2012, p. 22). Aqui reside a primeira e grande problemática de qualquer revisão de literatura que se achesse nos meandros culturais.

A cultura é um conceito heterogêneo, complexo e fluído, marcado por um campo de tensões resultantes das múltiplas definições que coexistem, nomeadamente a artística e a antropológica, às quais se juntaram os novos papéis desempenhados pela cultura no ambiente industrial, económico e digital.²³ (Santos Silva, 2016, p. 277)

As primeiras definições de “cultura” datam do início do século XVIII (Santos Silva, 2015, p. 13), mas a sua vivência acompanha-nos desde a Antiguidade. Antes do Homem definir cultura, já a cultura definia o Homem. E mesmo que conscientes da pluralidade inerente à Humanidade, não deixa de ser surpreendente que os antropólogos Kroeber e Kluckhohn tenham inventariado, em 1952, 164 definições para a palavra. Não fossem estas suficientes, é possível ler mais de 300 no livro *Redefining Culture: Perspectives across disciplines*, editado, em 2006, por John Baldwin, Sandra Faulkner, Michael Hecht e Sheryl Lindsley (*idem*, p. 10). Definir cultura é, não haja dúvidas, uma tarefa hercúlea.

Inicialmente ligada ao cultivo do espírito, numa associação metafórica à lavoura da terra (“colere”, em latim), esta visão - aos olhos de hoje, “clássica” - da cultura consiste no seu entendimento enquanto «ação de aprimorar o homem». Mais tarde, esta lógica seria enviesada, passando-se de uma ação, a de instruir, para um estado: «ter ou não cultura» (Siqueira & Siqueira, 2017, p. 6). Quanto a quem detinha ou não essa cultura, os pareceres variavam, consoante a teoria unidirecional adotada. Para uns, «a cultura descia da gente de qualidade para o vulgo», configurando-se «de cima para baixo»; para outros, a cultura era do povo, que brotava criatividade, sendo, assim, uma construção «de baixo para cima» (Santos, 1988, p. 694).

²³ Tradução livre de «Culture is a heterogeneous, complex and fluid concept, marked by a field of tensions as a result of multiple definitions that co-exist, particularly the artistic and anthropological ones, to which we add the new roles that culture plays in industry, economics and digital environments.» (Santos Silva, 2016, p. 277)

Foi por meio da antropologia, com E. B. Tylor, Lewis Morgan e James Frazer, que a cultura passou a ser entendida enquanto expressão coletiva, «capaz de se estender a toda a sociedade e isenta de quaisquer restrições» (Fernandes, 2015, p. 4). Pensar cultura seria, a partir do século XIX, indissociável da reflexão sobre os costumes e hábitos adquiridos pelo Homem enquanto membro de uma sociedade (Tylor, 1871).

Esta percepção de cultura enquanto expressão de uma estrutura que rege as formas culturais (Ferin, 2002 *apud* Santos Silva, 2015, p. 15) é também nítida no entendimento da palavra em diferentes universos linguísticos. Se, por exemplo, “culture” era, na língua francesa do século XVIII, «universal e comum a toda a humanidade», assentando numa série de saberes que diferenciavam o Homem da natureza, projetando-o «rumo ao progresso e desenvolvimento»; “kultur”, em alemão, abarcava uma forte crítica social à burguesia afrancesada da época, que preteria os seus valores por «manifestações falsas» (Siqueira & Siqueira, 2017, pp. 7 - 8) de cultura ou civilidade, noções que se embrenharam, mesmo que nunca se confundindo (Williams, 2007, p. 117).

Aos olhos da contemporaneidade, «uma definição básica, se não mesmo estereotipada, de “cultura” engloba tudo aquilo que é manifestação artística e/ou produto das indústrias culturais e criativas» (Cecílio, 2015, p. 4).

2.1.2. Da indústria cultural às indústrias culturais e criativas

Em consequência da Revolução Industrial (1760 - 1840), «matriz conceitual da sociedade de massa» (Maia, 2014, p. 50), a possibilidade de “serialização” atingiu níveis sem precedentes. Com a industrialização, as obras «deixam os salões» (Siqueira & Siqueira, 2017, p.4), mas não para serem livres, pois passariam a depender de empresas e governos e, em última instância, da subserviência ao público, «uma massa anónima» que alberga «gente ignorante» e «culturalmente pouco qualificada» (Santos, 1988, p. 700). Deste modo, e mesmo que o entendimento da cultura enquanto indústria acarretasse um potencial de democratização da mesma (ou até por causa disso), as críticas foram várias.

Na opinião de Adorno e Horkheimer, a cultura estava prestes a perder toda a capacidade enquanto crítica utópica, por se ter tornado mercadoria - algo para ser comprado e vendido.

Para eles, a cultura e a indústria deveriam ser opostas, mas, na democracia capitalista moderna, as duas colapsaram juntas. Daí Indústria Cultural.²⁴ (Hesmondhalgh, 2013, p. 24)

«A indústria cultural absolutiza a imitação», pode ler-se num escrito de Theodor Adorno e Max Horkheimer (1944/2002, p. 177), ambos filósofos e sociólogos afetos à Escola de Frankfurt²⁵. Relacionado à diversão desprovida de esforço mental, o termo centra-se na «união forçada das esferas de arte superior e inferior» (Adorno, s.d./1991, p. 99), encontro que não implicava apenas a depravação da “alta” cultura, mas a espiritualização da que consideravam “baixa” (Adorno & Horkheimer, 1944/2002, p. 185). E a realidade retratada por Scott (1999) vai de encontro a este cenário:

A maioria dos meios de comunicação social adota uma estratégia que consiste em continuar a aceitar a importância cultural das formas de arte mais antigas, mas de interesse claramente minoritário, e em elevar a cultura popular de massas ao mesmo estatuto.²⁶ (p. 51)

Um quarto de século depois, já se estudaria esta integração de esferas enquanto ferramenta para «a superação de várias dicotomias tradicionais (cultura de elite, popular e de massa) e a legitimação quer da difusão cultural, quer da análise crítica» (Santos Silva, 2012, p. 91). Mas para os pensadores alemães, «quem pretendesse ignorar a influência [da indústria cultural], por cepticismo em relação àquilo que ela faz engolir às pessoas, seria ingénuo» (Adorno, s.d./1991., p. 101).

Um conceito análogo ao de “indústria cultural” é o de “heteronomia cultural”²⁷, também criado no contexto da Escola de Frankfurt. Na visão de Adorno, estávamos perante um círculo vicioso, já que «quanto mais sólidas as posições da indústria cultural, mais ela conhece as necessidades do público consumidor», sendo capaz de sugerir ideias a um público que acredita estar a tomar decisões autónomas, criando-se assim uma falsa sensação de individualidade (Junior, 2017, pp. 7-8). E mesmo despertando «sensações

²⁴ Tradução livre de «In Adorno and Horkheimer’s view, however, culture had almost entirely lost this capacity to act as utopian critique because it had become commodified – a thing to be bought and sold. Culture and Industry were supposed, in their view, to be opposites but, in modern capitalist democracy, the two had collapsed together. Hence, Culture Industry.» (Hesmondhalgh, 2013, p. 24)

²⁵ Escola de análise e pensamento surgida na Universidade de Frankfurt, Alemanha.

²⁶ Tradução livre de «most upmarket media outlets adopt a strategy of continuing to accept the cultural importance of older- established but distinctly minority interest art forms and then elevating mass popular culture to the same status.» (Scott, 1999, p. 51)

²⁷ Obediência passiva aos costumes, neste caso, culturais.

agradáveis», o autor entendia a indústria cultural como um «movimento corrupto», promotor de saciedade (numa perspetiva de fastio e aborrecimento) e apatia (*idem*), impossibilitando a «formação de indivíduos autónomos e independentes, capazes de avaliar (...) e de tomar decisões» (Adorno, s.d./1991, p. 106). Invertia-se o modo de pensar e fazer cultura, passando-se de uma disposição para a «instrução e formação do público» para o foco no «lucro e rentabilidade» (Paiva, 2022, p. 7).

Embora também integrado no Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt, Walter Benjamin denotava «uma visão muito mais moderna que a de Adorno» (Santos Silva, 2012 p. 29). No ensaio *A obra de arte na era da sua reprodutibilidade técnica* (1936), o também filósofo e sociólogo reconhece que «em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível», já que o que o Homem fazia «sempre podia ser imitado por outros» (p. 166). Neste sentido, o potencial que se atrofiava com o surgimento da era da reprodutibilidade técnica, era o da “aura” da obra, conceito que definia como «aparição única de uma coisa distante» (pp. 168 - 170). Ainda assim, Benjamin sublinhava que «no momento em que o critério da autenticidade deixa de aplicar-se à produção artística, toda a função social da arte se transforma. Em vez de fundar-se no ritual, ela passa a fundar-se em outra práxis: a política» (pp. 171 - 172).

Já na década de 1950, com a fundação dos *Cultural Studies* por Richard Hoggart, Raymond Williams e Edward Thompson, aos quais se juntaria Stuart Hall, surgiu uma alternativa que procurava a integração das novas formas e meios culturais, evitando a apocalíptica²⁸ visão frankfurtiana. A cultura passava de uma «resposta submissa à determinação económica» para ser também «geradora de significados» (Santos Silva, 2012, p. 34), à semelhança do Homem, «produto e produtor de cultura» (Franco, 2013, p. 14), e dos média, «difusores e produtores de cultura» (Santos Silva, 2015, p. 20).

Em *Culture and Society* (1960), Raymond Williams frisa que «a cultura não é apenas um conjunto de obras intelectuais e imaginativas; é também e essencialmente todo um modo de vida»²⁹ (p. 344). E se a cultura é um modo de vida, esta passa a ser

²⁸ As denominações “integrado” e “apocalíptico”, de Umberto Eco, referem-se aos «que viam o desenvolvimento dos *media* como gerador de um novo ambiente cultural» e aos que «associavam a comunicação de massa à corrosão do pensamento crítico», respetivamente (Santos Silva, 2012, p. 36).

²⁹ Tradução livre de «Culture is not only a body of intellectual and imaginative work; it is also and essentially a whole way of life.» (Williams, 1960, p. 344).

não só comum como omnipresente, já que todos têm a sua. Nas palavras de Dora Santos Silva (2015), esta mudança assinalou que «não existe cultura de elite ou popular», pois «se a cultura não se restringe à produção artística e inclui todas as expressões e valores das pessoas, a supremacia da alta cultura é destronada»³⁰ (p. 19).

Partindo do pensamento multimodo da cultura, a pluralização do termo “indústria cultural” mostrou-se inevitável. O singular «tornou-se amplamente utilizado em polémicas contra as limitações percebidas da vida cultural moderna»³¹, pelo que, quando retomado pelos sociólogos franceses, foi convertido (Hesmondhalgh, 2013, p. 24). Por sua vez, a utilização do termo no plural assinala também «uma recusa de simplificar a avaliação e a explicação» da industrialização³² (*idem*, p. 25).

E se atualmente já não faz sentido cingir o entendimento de “cultura” a uma conceção ilustrada e aristocrática, associada ao tratamento exclusivo das belas-artes - embora esta confusão entre “arte” e “cultura” seja reforçada pelos próprios meios de comunicação (Santos Silva, 2021a, p. 44) - o termo passa a estar ligado, no final dos anos 90, ao de “indústrias criativas” (Azevedo, 2017, p. 174).

Assumindo-se não ser óbvio o que distingue “cultura” e “criatividade”, generalizou-se o binómio “indústrias culturais e criativas”. Mas Hesmondhalgh (2007) frisa uma importante diferença: enquanto «as indústrias criativas incorporam significados simbólicos e métodos de produção à escala industrial», como a publicidade ou arquitetura; as indústrias culturais, mesmo que comercializadas numa escala industrial, denotam uma «essência performativa», perceptível na música ou no cinema³³ (*apud* Santos Silva, 2015, p. 27). Quando utilizadas enquanto termo composto, as

³⁰ Tradução livre de «There is no such thing as elite culture or popular culture. On the other hand, culture isn't restricted to artistic production – it includes all expressions and values of people. The supremacy of high culture is, therefore, dethroned.» (Santos Silva, 2015, p. 19)

³¹ Tradução livre de «The term 'Culture Industry' became widely used in polemics against the perceived limitations of modern cultural life and was picked up by French sociologists (most notably Huet et al., 1978; Miège, 1979; Morin, 1962) (...) and converted.» (Hesmondhalgh, 2013, p. 24)

³² Tradução livre de «Using the term 'cultural industries' signals (...) a refusal to simplify assessment and explanation.» (Hesmondhalgh, 2013, p. 25)

³³ Tradução livre de «Hesmondhalgh also sees a major difference: creative industries incorporate symbolic meanings and production methods on an industrial scale in cinema, audiovisuals, recorded music, and in creative arts such as theatre or concerts, which performative essence is not industrial, but are marketed in DVDs, TV and even in cinema on an industrial scale.» (Santos, 2015, p. 27)

“indústrias culturais e criativas” referem-se às «atividades que têm origem na criatividade individual, na habilidade e no talento (...) através da criação e exploração da propriedade intelectual» (Pina, 2014, p. 4).

Em Portugal, o debate em torno do potencial económico e social destas indústrias surge apenas em meados da década de 2000 (Ferreira & Quintela, 2018, p. 94), quase uma década depois dos pioneiros Reino Unido e Austrália (*idem*, p. 89).

2.1.3. Jornalismo cultural, um conceito polissémico

Definir “jornalismo cultural” é uma «tarefa árdua (para alguns talvez absurda) dada as conceções não consensuais existentes» (Santos Silva, 2012, p. 69). Tal polissemia deriva do largo espectro perpetrado pelo termo “cultura”, já que sempre que este «se transforma e alarga os seus horizontes, também o jornalismo cultural vê ampliado o seu campo de ação» (Moreira, 2012, p. 5). Segue-se uma possível definição:

O jornalismo cultural é uma zona muito complexa e heterogénea de meios, géneros e produtos que abordam com objetivos criativos, reprodutivos e informativos os terrenos das belas-artes, as ‘belas-letras’, as correntes de pensamento, as ciências sociais e humanas, a chamada cultura popular e muitos outros aspetos que têm a ver com produção, circulação e consumo de bens simbólicos. (Rivera, 2003, p. 19)

Já autores como Frias (2001) ressaltam que todo o jornalismo, ao exprimir «o gesto humano dentro de contextos», sejam estes ideológicos, políticos, sociais ou relacionais é cultural (*apud* Cunha & Magalhães, 2002, p. 4). «Porque então chamar apenas uma secção de (...) cultural quando todo o jornal é cultural?», questionam Denise e David de Siqueira (2017, p. 5). Com efeito, e recorrendo à definição de “cultura” por Laraia (1999) que a categoriza como algo «transmitido para as gerações seguintes», assuntos como a política ou a agricultura seriam culturais (*apud* Azevedo, 2017, p. 175). Também a definição de “indústrias culturais” pela UNESCO (2006), que as descreve como as que «combinam a criação, produção e comercialização de conteúdos de natureza intangível e cultural; adicionam valor individual aos conteúdos; geram valor individual e social (...); alimentam a criatividade e desenvolvem a inovação nos processos de produção e comercialização»³⁴ (p. 3 *apud* Santos Silva, 2015, p. 22),

³⁴ Tradução livre de «combine the creation, production and commercialization of contents which are intangible and cultural by nature, add individual and social value to content (...), nurture creativity and

corroborar a ideia de que todo o jornalismo é uma cultura, «com práticas, rotinas, conceitos e preconceitos» próprios (Stangl, 2016, p. 15). A particularidade do jornalismo sobre cultura é que este se ocupa «em divulgar estas mesmas indústrias ao mesmo tempo que faz parte delas» (Cecílio, 2015, p. 5).

Surgida no final do século XVII (Briggs & Burke, 2006 *apud* Azevedo, 2017, p. 123), a especialização cultural é fruto da «necessidade humana de restringir o campo de investigação e de conhecimento para obter melhores resultados»³⁵ (Ramírez, 2010, p.11), mas também da consequente formação de grupos de consumidores «cada vez mais distintos» (Tavares, 2009, p. 118), aos quais é preciso dar resposta. De acordo com Anchieta de Melo (2007), o jornalismo especializado em cultura surge da urgência de mediação e aproximação de um saber que, até então, permanecia restrito a uma determinada elite. Mas com grandes funções advém grandes responsabilidades:

Uma vez que são responsáveis pela difusão da cultura, os jornalistas culturais devem ser altamente especializados, a fim de proporcionar o acesso ao capital artístico àqueles que não possuem os códigos culturais, a formação académica e a sensibilidade para o assimilar de forma gratificante.³⁶ (Pastoriza, 2006, p. 14 *apud* Santos Silva, 2015, p. 52)

Para o melhor entendimento dos jornalistas de cultura, o termo «intermediários culturais», do sociólogo francês Pierre Bourdieu (1997), serve de importante guia. Dentro da lógica de intermediação cultural, os jornalistas «têm uma força de dominação rara» (p. 66 *apud* Santos Silva, 2015, p. 53), já que são detentores de notoriedade pública, além de diferirem dos restantes (proprietários de galerias de arte ou editores de livros) por «oferecerem um ponto de vista independente, mesmo que não indiferente»³⁷ (Santos Silva, 2015, p. 53).

develop innovation in production and marketing processes.» (UNESCO, 2006, p. 3 *apud* Santos Silva, 2015, p. 22)

³⁵ Tradução livre de «La especialización surge, por tanto, de la propia necesidad del ser humano por acotar el campo de su investigación y conocimiento para lograr mayores resultados.» (Ramírez, 2010, p.11)

³⁶ Tradução livre de «Since they are responsible for the diffusion of culture, cultural journalists should be highly specialized in order to provide access to artistic capital for those that lack the cultural codes, the academic education and sensibility to assimilate it in a rewarding way.» (Pastoriza, 2006, p. 14 *apud* Santos Silva, 2015, p. 52)

³⁷ Tradução livre de «(...) they offer an independent, although not indifferent, point of view (...). Bourdieu also distinguishes journalists (or cultural journalists) from other cultural intermediaries in the same logic: “They have a rare force of domination: they have power over the means to express publicly, to exist publicly, to be known and to have access to public notoriety” (1997, p. 66).» (Santos Silva, 2015, p. 53)

Neste sentido, o tratamento jornalístico da cultura é resultado direto de um fenómeno eminentemente social que transformou os suplementos culturais num «objeto privilegiado para análise das mudanças pelas quais passam a sociedade, as artes, a cultura e, por extensão, os próprios meios de comunicação de massa» (Siqueira & Siqueira, 2017, p. 3). Em conformidade, Piza (2003) ressalva que o papel do jornalismo cultural «nunca foi apenas o de anunciar e comentar as obras lançadas nas sete artes, mas também o de refletir o comportamento, os novos hábitos sociais, os contatos com a realidade político económica» (p. 57), apresentando-se como «uma actividade que reflectia as problemáticas globais de uma época, satisfazendo demandas sociais concretas e interpretando dinamicamente a criatividade do homem na sociedade» (*idem*, p. 65). Por conseguinte, Carla Baptista (2014) vê na especialização cultural uma «metáfora perfeita da tensão ancestral que funda quase todas as práticas humanas, entre o belo e o útil, o ideal e o pragmático, o amor e o dinheiro» (p. 10). Este entendimento enquanto «espaço de confluência» (Torres da Silva, 2013, p. 16) potencia a visibilidade de certas temáticas, grupos, instituições e acontecimentos (Berger *apud* Cardoso & Golin, 2009, p. 77), pois aplicam-se «as mesmas circunstâncias e critérios do jornalismo geral» (Rivera, 2003, p. 71); ao passo que apresenta uma constituição discursiva complexa, resultado da «adoção de estratégias e práticas discursivas particulares» (Torres da Silva, 2013, p. 15). Tal conduz a uma editoria de «forte presença autoral, opinativa e analítico-conceptual» (Santos Silva, 2012, p. 72). Note-se que, ao contrário do jornalismo tradicional: «a crítica cultural não se pauta, grosso modo, pela objetividade; um crítico avaliará o produto artístico de acordo com as suas próprias perspectivas, esperando-se dele uma certa liberdade de ação em relação a agentes exteriores» (Cecílio, 2015, p. 8).

Ainda assim, «será porventura exagerado afirmar que [o jornalismo cultural] se distingue exclusivamente pelo seu estilo» (maior presença da criatividade estética e coloquialidade ou menor delimitação entre géneros jornalísticos) «e não pela natureza dos temas que aborda» (Santos Silva, 2012, p. 71).

2.1.3.1. Os géneros jornalísticos aplicados ao jornalismo cultural

Quando o assunto é cultura, os parâmetros que distinguem os vários géneros jornalísticos tendem a tornar-se menos objetivos. Como referem Golin & Cardoso

(2009), citados por Santos Silva (2014), «mesmo nas peças informativas mais convencionais, como as notícias, é frequente encontrar na Cultura elementos próximos da análise e da crítica através de opiniões do jornalista, uso de adjetivos e outros elementos que implicam a qualificação de uma ação»³⁸ (p. 56).

Tal não extingue a importância dos géneros jornalísticos no enquadramento cultural, já que estes podem ser entendidos enquanto «promessa» ou «possibilidade de conteúdo», uma «espécie de contrato previamente acordado entre emissor e recetor», além de servirem como «artifícios instrumentais» que auxiliam na produção de conteúdos (Marques de Melo e Assis, 2016, pp. 44-45). A sua perceção varia consoante a ótica adotada. Evoque-se o funcionalismo, corrente de comunicação cultivada por Lasswell (1948) e revista por Wright (1968). Para estes teóricos norte-americanos, o cerne do estudo dos média e dos seus géneros baseava-se nas suas funções sociais, pois compreendiam a instituição mediática como «um dos elementos de equilíbrio da sociedade». Já a teoria crítica, difundida por Adorno, apostava na denúncia e questionamento dos padrões, fórmulas e estereótipos, uma vez que os interpretava enquanto «estratégias adotadas pelos conglomerados» mediáticos.

Partindo da assimilação destas duas correntes teóricas, díspares no seu estudo dos géneros jornalísticos, Marques de Melo (2003) opta por agrupar os géneros jornalísticos consoante a sua génese - noção que compreende a finalidade e as normas pelos quais os textos são regidos, seja numa perspetiva linguística, seja no modo como estes se inserem nas rotinas de produção jornalística. Neste sentido, o autor sugere um total de cinco categorias: a informativa, a opinativa, a interpretativa, a de entretenimento ou diversional³⁹ e a utilitária (Assis, 2011, pp. 216 e 219-227). Com a padronização destas categorias, o autor reconhece os atos de informar, expressar opiniões, interpretar fatos, oferecer diversão e prestar serviços enquanto atividades de foro jornalístico (Assis, 2011, p. 226).

³⁸ Tradução livre de «Even in the most conventional informative pieces, such as news, it is frequent to find in Culture elements close to analysis and criticism through journalist's opinions, use of adjectives and other elements that imply qualification of an action.» (Golin & Cardoso *apud* Santos Silva, 2014, p. 56)

³⁹ O funcionalismo e a teoria crítica também divergem no modo como entendem o entretenimento, já que para o funcionalismo, o entretenimento pode ser visto como uma função necessária e até relevante no processo de desenvolvimento intelectual e moral dos indivíduos.

Começando pelo setor mais antigo e dominante - a concepção da imprensa enquanto arma de vigilância social vem já do século XVII (Marques de Melo e Assis, 2016, pp. 49-50) -, enquadram-se no quadrante informativo produções como as notícias, as reportagens e as entrevistas. Segundo elabora Kunczik (2002), estas produções devem ser regidas pela objetividade e neutralidade (*apud* Assis, 2010, p. 21), embora autores como Dora Santos Silva (2021a) admitam que mesmo as «notícias do quotidiano incluem elementos de gosto, orientação e consumo»⁴⁰ (p. 47).

Segue-se outro ramo intrínseco ao tratamento jornalístico do meio cultural: os géneros opinativos. Na intenção de constituir um «fórum de ideias» (Marques de Melo e Assis, 2016, pp. 49-50), os editoriais, os comentários, as críticas, as crónicas e até as caricaturas transformam a imprensa num espaço ativo de formação da opinião pública - ainda que, e à semelhança do indicado por Ana Atorresi (1995), haja diferenças entre uma «opinião propriamente dita» e uma «crítica especializada» (*apud*, Assis, 2010, p. 21). Para Beltrão (1980), é a possibilidade de exercitar uma opinião «que valoriza e engrandece a atividade profissional», desde que «expressa com honestidade e dignidade, com a reta intenção de orientar o leitor, sem tergiversar ou violentar a sacralidade das ocorrências» (*apud*, Assis, 2010, p. 21). Admite-se, no entanto, a priorização de rumos (Marques de Melo e Assis, 2016, p. 45).

Estando a informação e a opinião em convivência no espaço mediático desde o século XVIII, há textos dessa época, como os do inglês *The Daily Coyrant* (o primeiro jornal diário do país), nos quais as “notícias e comentários” aparecem desassociados (no caso, em “news and comments”). Mas a hibridização mostrar-se-ia inevitável, tal como expõem os estudos de Jacques Kayser, que opta por não só separar a informação da opinião mas também da «mescla de informações e comentários» (Assis, 2011, p. 217).

Só mais tarde surgem os ramos interpretativo e utilitário, legitimados já no século XX. Entende-se como género interpretativo as peças de cariz educativo ou esclarecedor, como as análises e sondagens, mas também artigos com perspetivas complementares, como os perfis. Nestes casos, o jornalista necessita de contexto prévio que sirva de complemento à nova produção (Marques de Melo e Assis, 2016, pp. 49-50),

⁴⁰ Tradução livre de «even the daily news include elements of taste, guidance and consumption.» (Santos Silva, 2021a, p. 47)

apresentando uma peça de jornalismo em profundidade na qual não sobressaem os seus valores pessoais (Beltrão, 1976, pp. 47-48 *apud* Assis, 2010, p. 21). Já numa intenção de orientação, disposta em guias e roteiros ou mesmo na «incorporação de informação de serviço a textos mais convencionais» (Parrat, 2008, p. 32 *apud* Assis, 2010, p. 28), a conceção de um jornalismo utilitário surge do entendimento dos cidadãos enquanto consumidores. Embora possa ser também chamado de jornalismo de serviço, teóricos como Tyciane Vaz (2009) contestam esta denominação, já que o propósito de todo o jornalismo é o de servir a sociedade (Assis, 2010, p. 28).

E se assim o é, o jornalismo de entretenimento, também vindo do século passado - no qual boa parte da população passou a ter dias de descanso (Assis, 2010, p. 26) -, serve para preencher o ócio. Mas o que à primeira vista pode parecer simples é, na verdade, controverso. O próprio Marques de Melo (2003) nem sempre considerou o entretenimento com um género, apontando-o como um «mero recurso narrativo que busca estreitar os laços entre a instituição jornalística e o seu público» (p. 64). Mas ao classificar o diversional enquanto género autónomo, o autor passa a reconhecer a produção de «informação que diverte» (Dias et al, 1988 p. 14 *apud* Assis, 2010, p. 25), assumindo a impregnação de uma atividade que até então entendia como exclusivamente séria. Note-se, no entanto, que mesmo com a intenção de fazer divertir - algo visível na «maneira de organizar o texto, de compor a mensagem de forma mais poética» (Gonçalves e Santos, 2017, parágrafo 6) -, estes conteúdos «nada deixam a desejar em termos de verossimilhança das informações e de seu conteúdo» (Assis, 2010, p. 27), pelo que não devem ser confundidos com a comumente denominada “imprensa cor-de-rosa”. No caso do género diversional, trata-se de uma «abordagem do género pela forma (...) ainda que seus temas em nada se relacionem à diversão» (Gonçalves e Santos, 2017, parágrafo 6).

2.1.3.2. O jornalismo cultural contemporâneo

Se é certo que o jornalismo cultural «compôs, ao longo da história do género, a expectativa do público», servindo de «elemento distintivo ao qual a audiência recorria para se informar, selecionar e classificar, em torno de critérios especializados da crítica, a variedade aparentemente desordenada dos fatos» (Faro, 2012, p. 194); hoje, o jornalismo cultural já não se define mediante «critérios do passado» (Santos Silva &

Torres da Silva, 2017, p. 89). Se antes se destringavam «critérios estéticos, analíticos e argumentativos», os estudos mais recentes desvelam um alinhamento perigoso «com o marketing promocional» (Santos Silva, 2021a, p. 44). No limite, caminha-se «para uma situação em que o jornalismo cultural pode vir a tornar-se o pior inimigo da cultura» (Baptista, 2017, p. 58).

Ignorar as pressões exercidas sobre o exercício livre da profissão, resultantes de um modelo de negócio de precária autossustentabilidade (Azevedo, 2017, p. 176), às quais se seguem a falta de tempo e recursos, seria não só utópico, como ingénuo. Mas pensar jornalismo cultural sem refletir na industrialização da cultura (e da própria prática jornalística, inserida, agora, numa lógica cultural de massas) mostrar-se-ia ainda mais insipiente, já que a reconfiguração do jornalismo cultural, especialização outrora conhecida pelo seu carácter crítico e reflexivo, bem como a consequente entrada da editoria na espiral da velocidade do circuito informativo, é uma repercussão direta dos tempos em que vivemos. «Não é que acontecessem menos coisas», assegura o jornalista Mário Lopes (2021), «mas agora o ciclo informativo é tão constante que tens de responder a tudo a toda a hora» (*apud* Rodrigues, 2021, p. 60). Carla Baptista (2017) sumariza:

O paradigma não trouxe consigo as mais valias habituais: aumento da diversidade dos temas abordados, mais investigação, mais fontes de informação consultadas, mais pontos de vista e melhor cobertura institucional e processual dos temas culturais. Pelo contrário, implicou uma diminuição global da cobertura jornalística. (p. 50)

Num cenário de industrialização já sedimentada, surgiu uma outra variável, em tudo determinante - a digitalização. «É inegável que o advento e a disseminação da Internet, nos finais do século XX, alterou de forma radical o paradigma jornalístico» (Cecílio, 2015, p. 1). De acordo com Fernandes (2015), «o jornalismo cultural muito tem a lucrar com as potencialidades acrescentadas pelo digital» (p. 61). Ainda assim, o autor admite a discrepância entre o que podia ser, dada a presença de um espaço, em teoria, infinito (Rodrigues, 2021, p. 60), e o que é verdadeiramente. «Deixemos por uns segundos a mera descrição factual do objeto porque se, de facto, uma das grandes vantagens do jornalismo digital é a amplitude de espaço, há que saber tirar maior proveito», pode ler-se no mesmo escrito (*idem*, p. 56).

Há, contudo, um problema que se acresce. «Se quer ser relevante e útil neste tempo, o jornalismo tem de dar respostas com rigor e profundidade de forma ininterrupta», já que o digital acelerou «o tempo do jornalismo» (Reis, 2015, para. 8). Na prática, o trio rigor, profundidade e continuidade apenas tem um problema - a sua utopia. Sendo a continuidade uma das palavras de ordem no mercado da contemporaneidade, que obriga a produções mais rápidas - «em concorrência, quase sempre perda, com a Internet» (Belanciano, 2010, para. 5) -, relega-se, geralmente, a profundidade, deixando-se que a pressão se materialize em trabalhos cada vez mais breves (Costa, 2017, p. 5), que não permitem refletir sobre o que se aborda e/ou consome. Nos casos mais graves, o rigor é também preterido.

E mesmo que os estudos de Hovden e Kristensen (2018) também corroborem o crescimento da importância dos géneros noticiosos no jornalismo cultural, demarcando-o como uma tendência global - relação baseada noutros estudos, como os de Jaakkola (2015), Szántó et al. (2004), Verboord e Janssen (2015) - estes sublinham que nem todos os autores veem neste fenómeno uma ligação direta à marginalização da lógica estética ou a uma crise iminente. Para Heikkilä et al. (2017), Kersten e Janssen (2017) ou Jaakkola (2015), por exemplo, a tónica assenta numa natureza jornalística mais híbrida, capaz de misturar lógicas culturais e noticiosas (Hovden e Kristensen, 2018, p. 5).

Com efeito, este contexto de massificação não só conduziu à diminuição do tamanho das produções jornalísticas sobre cultura como alargou o seu âmbito, já que a editoria passou a albergar o entretenimento e o lazer (Santos Silva & Torres da Silva, 2017, p. 90). Na visão das autoras, o jornalismo cultural deve passar a ser entendido sob uma dupla dimensão, permeável tanto à «lógica de mercado e do entretenimento», quanto «à produção intelectual», ainda capaz de extravasar as fronteiras da «mera cobertura noticiosa» (*idem*, p. 91). A prática jornalística passa a ser interpretada como um «continuum entre cultura, *lifestyle* e consumo», já que os limites entre estéticas culturais, produtos e bens de consumo são imprecisos (Kristensen, 2010, p. 69).

Ainda assim, Kristensen (2010) insiste que a expansão e desenvolvimento natural do foco, bem como «a interpretação e a apresentação da cultura em linha com uma cultura e uma indústria de consumo em mudança» não depreende um jornalismo

cultural em declínio, visão com a qual discorda⁴¹ (p. 69). Não obstante, a autora também admite que a «a indefinição das fronteiras (...) está a desafiar as definições existentes de jornalismo cultural como um objeto jornalístico distinto»⁴² (*apud* Santos Silva, 2021a, p. 44). Também Rivera (2006) compreende a ameaça sentida pelos «puristas da cultura», mas reforça que «o melhor jornalismo cultural (...) é aquele que reflete os problemas de uma época», pelo que «não podemos fechar os olhos (...) e viver num passado que já não existe». Para o autor, a modernização não é automaticamente prejudicial, desde que se mantenha «o legado de qualidade, reflexão e raciocínio analítico»⁴³ (*apud* Santos Silva, 2021a, p. 47).

Ao contrário do que se tem dito a respeito de uma “profunda” crise na imprensa, que se traduziria no desaparecimento ou no enxugamento de órgãos tradicionais, com a consequente perda da qualidade informativa de sua produção, as manifestações jornalísticas especializadas na cobertura de eventos culturais, na sua avaliação e na reflexão em torno de tendências da arte e do pensamento contemporâneo, mostram-se bastante intensas e numerosas e, em alguns casos, com sustentação material de razoável consistência. (Faro, 2006, p. 145)

Ainda assim, é certo que com o aumento da amostra, também a complexidade temática da editoria se adensou (Rivera, 2003, p. 30). Até a crítica, então género nobre da editoria, deixou de ser, pelo menos em parte, «da responsabilidade de apreciadores do mundo artístico» (um não jornalista especialista numa determinada matéria), para ser trabalhada por «jornalistas em geral», regidos por critérios que embora eticamente desejáveis, tal como a objetividade, nem sempre se adequam ao que a editoria exige, incorrendo em «análises superficiais» (Paiva, 2022, p. 13). Neste caso a editoria volta a

⁴¹ Tradução livre de «cultural journalism is not in decline. Rather it has quite naturally expanded and developed the focus, interpretation and presentation of culture in line with a changing culture and consumer industry and an increasingly competitive and professionalized media landscape.» (Kristensen, 2010, p. 69)

⁴² Tradução livre de «the blurring of boundaries between cultural, lifestyle and consumer journalism is therefore challenging existing definitions of cultural journalism as a distinct journalistic object.» (Kristensen & From, 2012, p. 26 *apud* Santos Silva, 2021a, p. 44)

⁴³ Tradução livre de «The best cultural journalism, says Rivera (2006, p. 11), is the one which reflects the problems of an era and interprets the creative potential of the society or the individual, therefore we can't close our eyes to what is happening in the cultural field and live in a past that doesn't exist anymore.» (Santos Silva, 2021a, p. 47)

separar as áreas tradicionais de alta cultura - música erudita, teatro e dança -, ainda feitas por intelectuais; das áreas associadas à cultura popular, como a televisão, delegada aos jornalistas culturais (Santos Silva, 2021a, p. 68), embora muitos deles tenham também formações nas artes e humanidades (Hovden e Kristensen, 2018, p. 4).

Note-se que a adoção de uma «visão objectiva», em consonância com a estrutura hierarquizada do jornalismo convencional (Siqueira & Siqueira, 2017, p. 11), traça um curioso contraste com outras áreas, contaminadas por comentadores (Pereira, 2015, p.8). E embora esta «despersonalização do conteúdo» (Santos, 2016, p. 22) seja fruto das sucessivas crises financeiras e consequentes mudanças nas linhas editoriais (Santos Silva, 2015, p. 52), que optaram por reduzir o número de colaboradores e críticos externos especializados (Sequeira, 2018, p. 19), Henry Jenkins⁴⁴ aponta que «a quantidade e a velocidade da profusão informativa acabam por inviabilizar qualquer tipo de especialização» (*apud* Cecílio, 2015, pp. 8-9).

Em detrimento desta ótica de substituição, entre “apreciadores artísticos” e “jornalistas em geral”, apontada por Paiva (2022), mas também defendida, à semelhança do que retrata Carla Baptista (2017), por Hellman e Jaakkola (2012) (p. 46); Dora Santos Silva (2012), para a qual o jornalismo cultural é já indissociável de um entendimento de «orientação ao consumo» (p. 135), frisa que «o papel do jornalista cultural não é o de curador ou crítico, mas de serviço cultural»⁴⁵ (*idem*, 2015, p. 68). Seguindo-se esta ótica mercantil, as mutações sofridas na editoria, inicialmente concentrada na «formalização da crítica e cânone literário» e hoje integrante de géneros como guias ou *rankings*, são também fruto da necessidade de melhor responder às especificidades das novas manifestações culturais a cobrir, tal como a moda ou a banda desenhada (Stangl, 2016, p. 4). O jornalismo cultural passa a ser um «espaço em que os deveres do jornalista e do especialista se confundem» (Torres da Silva, 2013, p. 15).

No decorrer desta hibridização, também a produção «oscila entre a reprodução do já existente e disponível para o consumo e a criação parcialmente permitida e existente nessas editorias» (Gadini, 2010, p. 29), pelo que as equipas, já com pouca

⁴⁴ Investigador responsável pelos *Comparative Media Studies*, do Instituto de Tecnologia de Massachusetts, entre 1993 e 2009.

⁴⁵ Tradução livre de «The role of the cultural journalist is not a curatorial or critical one, but one of cultural service.» (Santos Silva, 2015, p. 68)

ambição e repertório, «trocam a exigência pela complacência (tudo é bom, desde que o leitor goste) e o charme pela previsibilidade (a construção do texto é convencional, a opinião omitida idem)» (Piza, 2003, p. 65).

E mesmo que Moreira (2012) alerte sobre a importância da audiência, «tão mais bem servida quanto maior for a profundidade dos assuntos do seu interesse» (p.10), para o potencial crescimento da área; esta preocupação é frequentemente preterida pelo investimento em publicações generalistas, não por permitirem uma linha editorial mais diversificada, mas por se mostrarem mais rentáveis, ao serem «passíveis de interessar a diferentes segmentos de audiência» (Franco, 2013, p. 64). Na ótica de Cecílio (2015), tal não quer dizer que já não existe espaço para uma imprensa especializada, na verdadeira acepção do termo. «O grande problema (...) é não atingir mais que um pequeno nicho de leitores» (p. 7).

E este problema vem de uma questão basilar: o entendimento da imprensa enquanto produto subordinado à lógica de mercado (Rivera, 2003, p. 98), segundo a qual o jornalista é o «operário de uma mercadoria que é necessário vender o mais possível» (Tengarrinha, 1989, p. 229). Para Costa (2017), é a mercantilização do produto jornalístico que ameaça e transfigura a sua prática (p. 3), sendo a «verdadeira razão pela qual o jornalismo cultural contemporâneo enfrenta crises de identidade» (Paiva, 2022, p. 13). Neste sentido, «a notícia assume cada vez mais a forma de um produto banal, que se compra ou consome de imediato e com o qual o cidadão comum perde menos do seu tempo», ainda que muitas vezes tenha a desconstrução e a análise a seu cargo (Futre, 2018, pp. 32 e 37).

Não obstante, a análise de Hovden e Kristensen (2018) sugere que não só a «os jornalistas culturais não sentem a sua interligação com agentes ou fontes da indústria cultural (anunciantes, profissionais de relações públicas, artistas, distribuidores) como mais influente no seu trabalho quotidiano do que outros jornalistas»⁴⁶, como, «na maioria dos países, os jornalistas culturais parecem sentir menos as pressões - de produção ou interferência editorial na seleção e enquadramento das histórias (ou seja,

⁴⁶ Tradução livre de «cultural journalists do not experience their intertwinement with culture industry agents or sources (advertisers, PR professionals, artists, distributors) as more influential in their daily work than other journalists.» (Hovden e Kristensen, 2018, p. 16)

pressões de dentro da organização noticiosa) ou dos anunciantes e das fontes (ou seja, pressões de fora da organização noticiosa) - que os outros jornalistas. Assim, dentro da organização noticiosa, a redação cultural parece ainda representar um espaço privilegiado»⁴⁷ (p. 16).

Independente dos jornalistas culturais serem mais ou menos pressionados, na visão de Faro (2012), o jornalismo sobre cultura permanece como «um segmento jornalístico incompreendido na sua natureza e deficitário na capacidade com a qual opera sua tarefa mais importante»: «produzir mediação entre público e obra» (p. 193). Neste sentido, representar uma manifestação de cultura popular sem preocupação com os imbricamentos desse acontecimento «reduz o jornalismo cultural, transportando-o para aquém de seu conceito fundamental» (Freire & Lopez, 2007, pp. 8-9).

Segundo Siqueira & Siqueira (2017), hoje, «os cadernos de cultura nem sempre parecem representar tudo o que a sociedade oferece em termos de cultura e de debate intelectual» (p. 8), almejando «ser cópia mimética da realidade (priorizando temas como política e economia)» (*idem*, p. 12), nas quais o capital é elemento central. O fenómeno da agenda, cujo papel nos importa analisar, é fruto desta lógica mercantil, também vigente em Portugal. E assim se assemelha o jornalismo de cultura nacional à imagem do próprio país: «pequeno e com poucos recursos» (Franco, 2013, p. 79).

⁴⁷ Tradução livre de «cultural journalists in most countries appear to feel many of the pressures in their work less strongly than other journalists do, such as production pressures or editorial interference in story selection and framing (i.e. pressures from within the news organization) and pressures from advertisers and sources (i.e. pressures from outside the news organization). Within the news organization, the cultural newsroom thus still seems to represent a privileged space.» (Hovden e Kristensen, 2018, p. 16)

2.2. Agenda, aliada ou impostora?

2.2.1. Um olhar pelas várias teorias dos média

Segundo Gadini (2010) falar de jornalismo cultural «sem ter presente o olhar dos editores» mostra-se inócuo (p. 32), já que os média não são totalmente neutros à informação transmitida. E se o que é mediatizado pelos órgãos de comunicação social, especialmente nos de maior tiragem e alcance, é não só reflexo do que e de quem detém maior espaço nas indústrias como fomenta essa prevalência hegemónica, vale problematizar a aplicação das várias teorias dos média à editoria cultural.

Evoque-se a compreensão dos média enquanto *gatekeepers*⁴⁸, já obsoleta num cenário de digitalização (Silva, 2017, p. 60), já que os média perderam o monopólio da comunicação e deixaram de decidir, de forma exclusiva, o que merecia ou não ser foco de atenção pública. Mas ainda que o surgimento da Internet tenha eliminado barreiras e fomentado a partilha de material (Santos Silva, 2015, p. 30), pode dizer-se que os órgãos de comunicação são ainda capazes de «oferecer ao leitor conteúdo que este normalmente não tem acesso ou conhecimento» (Rodrigues, 2021, p. 38). Desta forma, a ideia de que as mensagens «passam por uma série de (...) áreas de decisão, até chegarem ao destinatário» (Rivera, 2003, p. 78), teorizada pelo sociólogo e especialista em comunicação norte-americano David Manning White, é ainda aplicável, já que os média compreendem ainda a capacidade de filtrar e divulgar (Azevedo, 2017, p. 181).

No cenário contemporâneo, estas áreas de decisão baseiam-se não na exclusiva vontade dos órgãos de comunicação, mas na valorização de temas que supram critérios como “atualidade” ou “proximidade”. Estes “valores-notícia” ou “critérios de noticiabilidade”, parâmetros que remetem para a avaliação do acontecimento em termos de importância e/ou interesse (Rivera, 2003, p. 80), «são, de algum modo, uma resposta organizacional à necessidade de produzir diariamente informação» (Franco, 2013, p. 26). E mesmo que a “popularidade” não esteja teoricamente elencada como “valor-notícia”, Mário Lopes, jornalista do PÚBLICO, confessa que, na prática, é

⁴⁸ O termo “*gatekeeper*” provém do nome da ideia de “*gatekeeping*” (ou “controlo de acesso”, partindo-se do termo inglês “*gate*” ou, em português, “portão”). De acordo com a teoria de David Manning White, haveria um portão, ou filtro, entre os órgãos de comunicação e o público, que assim dominavam o que era ou não do conhecimento público, assumindo-se uma ótica mais determinista que a já abordada conceção do jornalista cultural enquanto “intermediário”, por Bordieu.

importante, mesmo que não determinante, «ter em conta o interesse que [o artigo] pode despertar no leitor» (Rodrigues, 2021, p. 47), já que antes de serem uma instituição social, os média são um negócio (Antunes, 2022, p. 32). Tal como constata Gordon (2019), «posso investir dez horas e fazer um artigo sobre uma banda que nunca ninguém ouviu falar, mas se apenas cinco pessoas o lerem o meu chefe vai perguntar o que é que ando para aqui a fazer» (*apud* Rodrigues, 2021, p. 37).

Perante a imensidão de assuntos cobertos pelos média, é preciso suprir uma necessidade psicológica básica - a de orientação. Surge, neste sentido, a teoria do agenda-setting, desenvolvida por autores como Maxwell McCombs (1972, 2011), Eugene (1979) e Donald Shaw (1972). Geralmente aplicada à política, embora transversal às várias secções editoriais, a teoria do agendamento estuda a valoração de certos produtos, eventos e até indivíduos em detrimento de outros. Note-se que para o público que considera certo objeto irrelevante, os efeitos da agenda-setting são fracos. Já entre aqueles onde a relevância do tópico é elevada, é necessário averiguar a relação entre leitor e objeto. Se compreendem a essência do tópico, a necessidade é moderada, mas se procuram saber mais sobre, os efeitos são ávidos (McCombs, 2011, pp. 9-10).

Na perspetiva dos estudiosos da teoria do agendamento, ao «prestarem atenção a certos acontecimentos e ignorarem outros, os meios de comunicação de massas, produzem efeitos sobre as pessoas que os consomem, indicando-lhes quais são os temas importantes da atualidade» (Franco, 2013, p. 27). Além do que é ou não tratado, McCombs (2011) menciona ainda a importância de como os assuntos são trabalhados, dinâmica que caracteriza como «agenda de atributos» (p. 5): «Influenciar o foco da atenção pública é um papel poderoso, mas influenciar a agenda de atributos para uma dada questão ou figura é o epítome do poder»⁴⁹ (*idem*, p. 8).

À semelhança de White, McCombs, Eugene Shaw e Donald Shaw, também Nelson Traquina (1995) reconhece não haver qualquer aleatoriedade no agendamento da comunicação social, pois considera que os órgãos de comunicação são capazes de sugerir «em que pensar, mas também como pensar nisso, e conseqüentemente o que pensar» (p. 204). Deste modo, as publicações conduzem «o leitor a consumir o que está

⁴⁹ Tradução livre de «Influencing the focus of public attention is a powerful role, but, arguably, influencing the agenda of attributes for an issue or figure is the epitome of power.» (McCombs, 2011, p. 8)

em evidência por meio da linguagem» (Junior, 2017, pp. 5-6). Para o jornalista e investigador luso-americano, este entendimento «sublinha uma forte mudança no paradigma dominante da teoria dos efeitos dos *media* e significa uma redescoberta do poder do jornalismo» (Traquina, 2004, p. 38). Assim sendo, pode afirmar-se que «a comunicação é o agente catalítico e a força principal na formação de cultura. Como tal, os média não são fornecedores neutros de informação, mas agentes de enculturação, onde todos os modos simbólicos são construtores de cultura» (Antunes, 2022, p. 29).

2.2.2. A agenda cultural dentro da agenda jornalística

O jornalismo cultural é duplamente influenciado por agendas - em primeiro, a jornalística, oriunda de agências noticiosas, empresas que ao fornecerem informação aos restantes meios de comunicação se tornam indispensáveis para o seu funcionamento (Jorge, 2013, pp. 1 e 36); mas também a agenda particular a esta editoria: a cultural. Entende-se como agenda cultural tudo o que envolva uma calendarização que permite às manifestações culturais ascenderem «à categoria de eventos», construídos pelos «interesses e ações programadas de empresas, instituições, autarquias» (Costa, 2017, p. 19). Dada a noção temporal inerente à calendarização, estes “ganchos temporais” ascendem entre os critérios de noticiabilidade, já que o «o jornalismo cultural é, antes de mais nada, jornalismo», pelo que «prescinde de um vínculo com a atualidade» (Freire & Lopez, 2007, p. 6). Para Dora Santos Silva (2012) «as agendas de eventos e os produtos culturais integram-se na própria lógica das indústrias culturais» (p. 97), mas podem não ser a melhor estratégia.

A aposta num jornalismo que anuncia e festeja alegremente a existência de mais um bem no mundo – seja um livro, um disco, um filme, uma exposição – é uma tarefa obsoleta nos tempos que correm. Esta é uma função que outros suportes – as redes sociais, por exemplo – podem cumprir de forma mais eficaz, célere e atractiva; ao mesmo tempo que esvazia o jornalismo da sua função crítica e reflexiva. (Baptista & Santos Silva, 2013, p. 703)

Divulgar o lançamento de um novo álbum musical é um gancho típico da agenda cultural, o qual «pode ser apresentado numa crítica (sendo analisado através de vários critérios), numa notícia (focada no seu lançamento), como produto de consumo (se explicitar os locais de compra ou onde descarregar) e ainda como item de estilo de vida (se integrado numa lista relacionada a uma subcultura e tendência ou

mesmo a produtos de bom gosto)»⁵⁰ (Santos Silva, 2021a, p. 47). Esta predisposição é reforçada sempre que os jornais se limitam à produção das agências - uma ferramenta que apesar de importante, não se deve esgotar em si própria, já as próprias estão «frequentemente à mercê de restrições temporais» (Futre, 2018, p. 1). Ainda assim, e de acordo com um estudo de Jorge (2013), referente a jornais como o *Correio da Manhã*, *Diário de Notícias*, *Jornal de Notícias* e PÚBLICO, secções como o Internacional, a Política e a Sociedade recorrem mais a este “jornalismo de agenda” (p. 55).

Hoje, o cenário nacional apenas conta uma agência - a Lusa - o que, de acordo com Futre (2018), faz com esta se limite aos conteúdos pertencentes a um universo mais lucrativo e comercial - uma «maior atração do interesse do público em relação a uma informação promete gerar mais dinheiro» (p. 27), sugerindo mais clientes interessados em comprar a notícia da agência - e impregne essa mesma «zona de conforto» aos jornais que alimenta diariamente (*idem*, p. 3). Até porque divulgar correntes artísticas alternativas (novos autores literários, por exemplo) depreende a disponibilização de um tempo que carece à profissão (*idem*, p. 42). A mesma lógica se aplica à Reuters, a «maior agência noticiosa internacional» (Jorge, 2013, p. 7).

Questiona-se a credibilidade da objetividade do relato de eventos e o impacto das decisões de editores, no seu papel de agentes filtradores dos acontecimentos relevantes para inclusão na agenda. Contando com uma equipa reduzida de jornalistas, a editoria de cultura da Lusa vê-se na obrigação de gerir da melhor forma a grande quantidade de informação que recebe, todos os dias. (...) Acontecimentos como lançamentos ou estreias assumem uma maior probabilidade de serem difundidos. Regularmente considerados como parte do *mainstream*, atraem maiores fundos, mais público e capital económico. No reverso, o que Bourdieu cunhou de “capital cultural”, constituído por produtos culturais alternativos (típicos da subcultura underground), sofre de desvalorização enquanto recurso. (Futre, 2018, p. 11)

Note-se, no entanto, que a agenda cultural tem duas funções distintas dentro do meio jornalístico, ainda que análogas, podendo apresentar-se enquanto género jornalístico ou mascarar-se entre a estratégia editorial.

⁵⁰ Tradução livre de «a music album can be presented in the same media integrated in a critique (being analysed through several criteria), in a news piece (about its launch), as a consumer product (where to buy or download) and as a lifestyle item (integrated in a list related to a subculture or a trend, or even as products of good taste).» (Santos Silva, 2021a, p. 47)

2.2.2.1. A agenda cultural enquanto género jornalístico

Se antes a crítica musical era o género mais apreciado entre a produção jornalística sobre cultura, hoje, esta «vai perdendo terreno em relação a outros géneros que cumprem a nova função performativa, como a *review* (resenha) ou roteiro» (Santos Silva & Torres da Silva, 2017, p. 96). Inicialmente concebidos como forma de curadoria, estes novos formatos, que vão de uma lista com eventos a não perder a um guia de dicas para uma viagem acrescida dos museus a visitar, «têm vindo a cimentar o seu lugar» (Robert, 2018, p. 20). Esta combinação entre elementos informativos e parênteses opinativos tem como objetivo primordial o incitamento de uma ação (*idem*).

Segundo Santos Silva (2009), a *review* pode ser descrita enquanto «subgénero da crítica», cujo objetivo é o de providenciar «uma ideia resumida da obra» (p. 43), não sendo sequer uma descrição analítica, pois carece de juízos de valor (Robert, 2018, p. 21). Deste modo, o propósito prende-se no informar, não no educar (Santos Silva, 2009, p. 43), tendo como intuito o esclarecimento do leitor quanto ao investimento do seu tempo e dinheiro. Para Don McLeese (2010), a *review* apresenta um foco mais limitado, referindo-se a um só objeto e não precisando sequer de fazer menção ao contexto cultural no qual este se insere (p. 2 *apud* Robert, 2018, p. 21). Partindo da visão de Cecílio (2015), para o qual a veiculação de uma determinada informação sem qualquer tipo análise é apenas publicidade (p. 6), o formato que se segue - o roteiro - é ainda mais pernicioso, pois traduz-se em «listas de teatros, filmes e outros eventos», sendo, assim, um género utilitário (p. 43). E mesmo que com a digitalização os jornais tenham deixado de se deparar com a iminente falta de espaço, «a análise e os conteúdos longos e demorados tornaram-se tão frágeis e dispensáveis aos olhos da comunicação social, que o atributo de intruso seria dos mais adequados para defini-los neste momento» (Costa, 2017, p. 26). Mas Faro (2012) alerta para a falácia patente na culpabilização exclusiva da crise nos hábitos de leitura: «a ideia de que há uma crise nos padrões de leitura que inviabiliza a produção de um Jornalismo Cultural mais consistente em termos de reflexão artística ou académica parece-nos não inteiramente fundamentada» (p. 197).

Vale ressaltar que nesta engrenagem, que interliga «cultura, *lifestyle* e consumo» (Kristensen, 2010, p. 69), cada recetor é um consumidor em potencial. «Se ‘antes’ existiam ‘públicos de cultura’, ‘agora’ existem consumidores culturais» (Santos

Silva, 2012, p. 26). Neste sentido, a editoria passa a centrar-se mais no valor do objeto cultural para o consumidor em detrimento do seu valor estético (*idem*, 2021b, p. 52), daí a repetição excessiva de alguns temas, feita na intenção de «agradar os mesmos consumidores mediáticos» (Antunes, 2002, p. 32). Não obstante, Denise e David de Siqueira (2017) alertam para o problema ético associado a este entendimento:

A disputa por um espaço que é jornalístico, mas tem um peso comercial, faz o trabalho (...) ter como característica a dialética entre o discurso sobre arte/espetáculos/questões contemporâneas e o capital ou entre valor de uso e valor de troca. (p. 3)

É neste dilema moral que reside uma das maiores problemáticas associadas ao jornalismo cultural que, ao traduzir a agenda da cultura industrial, faz pouca distinção entre a prática jornalística e a de relações públicas (Kristensen, 2010).

Por sua vez, esta mudança evidencia o importante papel que os média tem na promoção de diferentes estilos de vida. Para Franco (2013), num mundo de escolhas diárias quase ilimitadas, os média servem-se do seu potencial enquanto guia (p. 37).

2.2.2.2. A agenda cultural enquanto estratégia editorial

Resultante do monopólio de diversos circuitos e personagens, a agenda cultural denota uma incontornável presença entre os conteúdos jornalísticos (excedendo o que é catalogado enquanto “agenda” pelos órgãos de comunicação). Esta omnipresença - ou jornalismo circular, fruto da dependência dos comunicados oficiais (Ascensão, 2021, p. 46) - conduziu ao esbatimento das fronteiras entre os géneros jornalísticos tradicionais, tornando-se difícil discernir produções noticiosas das que, deliberadamente, desejam incentivar o consumo (Santos Silva & Torres da Silva, 2017, p. 94). A esta reciclagem de conteúdo, Craig (2016) chama de “churnalism”, ou seja, um artigo noticioso que é publicado enquanto jornalismo mas que é, na sua essência, pouco mais que um *press release*»⁵¹ (*apud* Ascensão, 2021, p. 46). Ainda assim, Junior (2017) salienta que «antes do jornalismo noticiar um produto ou evento cultural de modo que favoreça as vendas, é válido citar que a arte de massa é, por si própria, um produto feito para agradar o público e alcançar bons índices nas vendas» (p. 4).

⁵¹ Tradução livre de «is a news article that is published as journalism, but is essentially a press release without much added.» (Craig, 2016, *apud* Ascensão, 2021, p. 46)

Por sua vez, esta instrumentalização dos média compromete a seriedade e ética do setor, já que a «aproximação ao discurso publicitário (...) esvazia o jornalismo da sua utopia fundadora, ou seja, a ideia de que é um discurso livre e desinteressado sobre o mundo e, nessa medida, mais verdadeiro e justo» (Baptista & Santos Silva, 2013, p. 703). Mesmo McLuhan (1964/2001), que vê nos anúncios um grande potencial informativo, salienta que «o que há de mal neles [nos anúncios] é que são sempre boas notícias» (p. 237). E de acordo com Marisa Torres da Silva (2013), mesmo que as editoras, produtoras ou distribuidoras não determinem o modo como os assuntos são cobertos, a linguagem do jornalista revela, por vezes, «uma espécie de contágio ou colagem aos interesses que as referidas fontes querem promover» (p. 26).

Em casos mais flagrantes, nos quais «o objectivo não é somente informar, mas informar persuadindo», dá-se o nome de *custom publishing*, em referência «às publicações criadas por marcas» (Santos Silva, 2012, p. 127). Em Portugal, a lei é clara, mesmo que a prática não o seja:

De acordo com a lei e com a ética, um jornalista não pode nem deve fazer publicidade ou “marketing”. Ponto. A informação jornalística rege-se por critérios de verdade, independência e rigor, procurando servir o interesse público e não um qualquer interesse privado. Isto significa que não se compram nem se vendem notícias, reportagens, crónica ou entrevistas; compram-se e vendem-se anúncios, devidamente identificados como tais, para não suscitarem qualquer confusão nas pessoas. E nenhum jornalista pode fazer um anúncio publicitário ou um texto promocional (...). Informação jornalística e promoção publicitária são dois fluxos de comunicação no espaço público, igualmente nobres e legítimos, mas que não podem nem devem confundir-se, pois são diferentes no princípio, no meio e no fim. Do ponto de vista dos profissionais que neles trabalham, são atividades atualmente classificadas como incompatíveis. Posta assim a questão, parece tudo muito simples, clarinho como água. Mas não. Desde sempre, e sobretudo nos últimos anos, esta fronteira aparentemente inquestionável entre a esfera editorial e a esfera comercial tem vindo a ser discutida e contestada, por boas e más razões, de modo que se multiplicam os apelos a uma maior “flexibilidade”, a uma menor “rigidez”, a uma “maior compreensão das novas realidades em que vivem os média”, a uma “modernização de mentalidades”. A tal fronteira começa a dissipar-se, a abrir brechas, a multiplicar as situações de exceção (...). “Hibridização” é um termo-chave para compreender estas novas tendências. A pouco e pouco vai ficando difícil

perceber se esta história lida num jornal foi decidida pelo próprio jornal ou resultou da encomenda de alguém. (Fidalgo, 2022, para. 3-5)

Também Carla Baptista (2017) se mostra consonante:

A maioria [dos artigos] evidencia tantos sinais de contaminação por lógicas comerciais que resistem mal a uma confrontação séria com os valores éticos da profissão, nomeadamente a independência dos juízos estéticos proferidos e a validação dos critérios de escolha do culturalmente relevante com base numa gramática intrinsecamente jornalística. Mais perturbador ainda é que esta lógica se tenha instalado e progrida sem estar definida em nenhum projecto editorial cuja clarificação ajudaria, no mínimo, a diminuir a opacidade das alianças hegemónicas entre média e capital. (p. 58)

O entendimento da agenda cultural enquanto estratégia editorial pode levar também à padronização da oferta mediática (Junior, 2017, p.18), sempre que o jornalista se limite «a copiar o que recebeu do assessor» (Costa, 2017, p. 32), tornando o material recebido num «denominador comum de conteúdos» (*idem*, p. 2). Note-se que o jornalismo é, com efeito «um ato de recolha» (Cecílio, 2015, p. 3). Não obstante, é imperativo que a este se siga «um processo de tratamento de informação» (*idem*). No entender de Carla Baptista (2017), «a perda de autonomia individual é a consequência inevitável do serviço prestado à funcionalidade do mercado de bens culturais» (p. 47).

Por sua vez, a «relação íntima com o fenómeno da agenda, programada pelas máquinas de *marketing* das indústrias culturais» (Santos Silva & Torres da Silva, 2014, p. 9) não só retira dos média a força enquanto «motor das notícias» (Santos Silva, 2021a, p. 60), como os cinge a produções antecipatórias, que dão a conhecer lançamentos, estreias e outros acontecimentos de grande relevo económico, cujo impacto é em muito impulsionado pelos média. Neste sentido, dá-se o alargamento do espectro da atualidade enquanto valor-notícia (Santos Silva, 2021a, p. 56). Esta lógica de antevisão dissuade um tratamento jornalístico com tendência para a historicidade e visão retrospectiva (Baptista, 2017, p. 54).

Mesmo antes da sua chegada já estamos a ler sobre os mesmos, em jeito de divulgação ou para fins promocionais, mas nem sempre se assiste à leitura desses mesmos “produtos”, depois destes terem uma “carreira”, deixando de refletir sobre o que estes significaram para o público. (Sequeira, 2018, p. 14)

Para evitar esta vulgarização de acontecimentos culturais, Lourenço e Centeno (2021) sugerem uma «divulgação contextualizada», orientada para a «formação do público» (p. 225). Se tal for feito, a atividade jornalística e os enunciados por si produzidos deixarão de limitar-se a reproduzir a realidade, passando a intervir na construção social da mesma (Correia, 2012, pp. 82-83 *apud* Ascensão, 2021, p. 45).

Dentro desta engrenagem de agendamento, o “culto das celebridades”, no qual «o indivíduo por detrás do produto cultural prevalece sobre o próprio produto» (Paiva, 2022, p.13), «tornou-se presença assídua nas páginas dos jornais» (Costa, 2017, p. 20). Tendo como objetivo o atingir do maior número de leitores, movidos em *fandom* (ou, em português, clubes de fãs), este enleio privilegia meios performativos como o cinema, televisão e música (Piza, 2004; Franco, 2013; Baptista & Santos Silva, 2013), esbatendo-se a linha entre conteúdos de âmago cultural ou respetivos ao ícone (Costa, 2017, p. 25). Mas há exceções, assegura Robert (2018) aquando da sua análise da cobertura mediática dos Óscares pelo jornal PÚBLICO, face à qual conclui que, «nos óscares o foco cerimónia mostra-se superior ao do artista» e que «entre 2014 e 2018 o foco no filme foi progredindo, ultrapassando o do artista» (p. 50). Também Futre (2018) considerou que 68% da análise feita sobre a cobertura da cultura pela Lusa se focava no acontecimento, face a 25% no indivíduo ou celebridade e ainda 7% nos quais o foco cobria as duas variáveis (p. 9).

Para Vargas (2004), a interferência das agências de comunicação nos média pode até facilitar a prática do jornalismo cultural, já que possibilita muita produção sem grande esforço ou custo associado (*apud* Junior, 2017, p.18), na medida em que o material de agendamento se apresenta, geral e frequentemente, sob a forma de *press releases* (ou, em português, comunicados de imprensa), que chegam, por vezes, com semanas de antecedência (Futre, 2018, p. 16). Ainda assim, Santos Silva (2012) ressalva que a maioria das críticas feitas à editoria aponta «o acompanhamento quase exclusivo das agendas de eventos e a consequente ausência de conteúdos fora do cartaz» (p. 96) como a principal razão do declínio da especialização, devendo optar-se por usar o comunicado apenas como ponto de partida - até porque denotam informações úteis como data, hora do acontecimento, localização, principais atores, pequena retrospectiva artística ou objetivo do evento (Futre, 2018, p. 16) -, contrariando a tendência de

apresentação de matérias sem contraponto ou confirmação (Santos, 2016, p. 38). Cabe ao jornalista cultural escapar desta imposição, não a tomando como «obrigação de todos os dias» (Costa, 2017, p. 65) e excedendo a mera divulgação através da exploração das implicações sociopolíticas das obras (Melo, 2007, p. 4; Belanciano, 2010, para. 5) ou até do próprio processo artístico (Baptista, 2017, p. 52).

Se o jornalista não faz o papel de mediador que seleciona, analisa e critica o conteúdo cultural a ser exposto, o jornal vira uma mera vitrine de produtos da Indústria Cultural. (...) Produzir bom conteúdo cultural, de interesse público, com o ideal de formar e informar sem se submeter à ditadura da agenda e a generalização simplificadora de uma cultura pré-moldada é obrigação do jornalista, e é possível executá-la, por mais que esse não seja o caminho mais curto. (Santos, 2016, pp. 24 e 95)

Por sua vez, a sobrevalorização e sobreposição da agenda pode ter efeitos colaterais significativamente danosos, como o fadar dos fenómenos marginais à pouca representatividade. Assim como indica Gadini (2010), participam do cenário mediático, além dos já referidos «editores que seguem rotinas de uma tradição forjada pelas indústrias da arte e cultura» e «fontes noticiosas que diariamente enviam material de assessoria às redações para publicação», «artistas e profissionais independentes que constantemente reclamam mais atenção (...), alegando não ter espaço para divulgar seus trabalhos» (p.30). Não há, portanto, como desconsiderar os interesses e estratégias que sedimentam o lugar da cultura dominante, enraizando-a numa lógica de entretenimento (Santos Silva & Torres da Silva, 2014, p. 9), o que por sua vez legitima a exploração económica, dominação política e exclusão social (Chauí, 2008, p. 59).

Só quem pode pagar as taxas exorbitantes cobradas (...), isto é, quem já faz parte do sistema, pode ser 'vendedor no pseudomercado'. Os custos de publicidade, que acabam por retornar aos bolsos das corporações, poupam as dificuldades de eliminar (...) os intrusos indesejáveis. (Adorno & Horkheimer, 1985, pp. 151-152)

Não obstante, Stangl (2016) aborda também fenómenos adversos ao trabalho intensivo das indústrias culturais e criativas, quase que espelhando o já explanado desejo adorniano.

Os cadernos culturais foram assumindo cada vez mais a função norteadora do consumo cultural de uma determinada fatia da sociedade. Mesmo que as fatídicas listinhas dos 10

melhores discos e livros fossem cada vez mais se distanciados das listagens dos mais vendidos. Distância que, por sinal, é, para alguns, indicativa da qualidade das listagens. (p. 5)

Ainda assim, os autores convergem na ideia de que o jornalismo de cultura não se pode cingir aos produtos *mainstream*, já que «existem novos panoramas artísticos e culturais à espera de serem também explorados pelo jornalismo» (Fernandes, 2015, p. 9) e que do seu impulso ainda mais beneficiariam. No entender de Vasco Câmara (2021), jornalista cultural e antigo editor da secção do PÚBLICO, trata-se de «serviço público» (*apud* Rodrigues, 2021, p. 75). Com efeito, e refletindo-se na importância das artes e cultura para a «revitalização de cidades e regiões deprimidas ou em declínio socioeconómico», tomando-se a «cultura enquanto ‘alavanca’ de desenvolvimento» e potencial via de “normalização” das vias marginais; a necessidade de um tratamento cultural jornalístico mais descentralizado ganha também novas proporções e significados (Ferreira & Quintela, 2018, p. 90-93).

De acordo com a relação dos vários teóricos, pode dizer-se que «o jornalismo cultural luta para impor a sua visão de um “cultural sagrado”, cada vez mais enfraquecido, contra um “económico profano”, mas poderoso e determinista» (Baptista, 2014, p. 10). Frise-se que o problema não reside na existência das duas dimensões, mas no progressivo domínio da segunda (Santos Silva, 2015, p. 65).

2.3. Independência jornalística: onde a prática e a academia divergem

Como refere Caneira (2022), «independência é um conceito amplo e subjetivo», já que «grandes grupos mediáticos utilizam o termo independente como um elemento distintivo tradicionalmente usado como referência a um jornalismo profissional e de qualidade» (pp. 17-18). Este entendimento espelha o frisado no estatuto editorial do PÚBLICO⁵², no qual pode ler-se que o jornal se inscreve «numa tradição europeia de jornalismo exigente e de qualidade», a qual recusa «a exploração mercantil da matéria informativa». Não obstante, muitos são os que refutam a total independência dos poderes particulares «de ordem ideológica, política e económica», como está também presente no editorial, já que o jornal pertence a um grupo económico - a SONAE⁵³.

Esta ligação permite-nos falar do conceito de «interagendamento», de Gadini (s.d.), «uma prática muito frequente no mundo contemporâneo, em especial entre os espaços, meios e veículos que pertencem aos mesmos grupos empresariais» (p. 33). Neste sentido, a independência jornalística do PÚBLICO não vai de encontro à visão de Karppinen & Moe (2016) que «tendem a enfatizar a independência da publicidade, dos proprietários dos média e de outros interesses económicos e sociais externos»⁵⁴ (*apud* Caneira, 2022, p. 18); nem à de Sequeira (2018) que entende os meios *mainstream* como aqueles que são «propriedade de uma dada empresa» (p. 53) e que por isso não apresentam um pleno «compromisso que ultrapassa agendas políticas (...), ameaças à liberdade de expressão e de imprensa, medos e outros constrangimentos e restrições editoriais» (*idem*, pp. 35-36).

⁵² Disponível em <https://www.publico.pt/nos/estatuto-editorial> (consultado a 10 de maio de 2023).

⁵³ Esta ligação à multinacional já provocou alguns artigos como *A voz do diretor, não a do dono* (<https://www.publico.pt/2023/04/08/opiniao/opiniao/voz-director-nao-dono-2045410>), no qual se recusa qualquer tipo de “autocensura” ou “temas tabu”, dando-se como exemplo o escrutínio da RTP ao Governo, a quem também pertence, por ser um órgão de comunicação público. Ao entender-se que tal não impossibilita que a estação televisiva seja autónoma ao poder político, outra característica fundamental à independência jornalística (Silva, 2017, p, 73), o mesmo se aplicaria ao jornal PÚBLICO. Por outro lado, poderá também associar-se uma “independência” estatal, por parte dos órgãos privados, e uma “independência” da publicidade, por parte dos órgãos públicos, que não chegando a ser um jornalismo livre de “pressões”, libertam-se de algumas contingências.

⁵⁴ Tradução livre de Patrícia Caneira de: «while the rhetoric of private media industry systematically articulates independence with the context of state funding and government influence, the defenders of public service media tend to emphasise independence from advertising, media owners and other external economic and social interests.» (2022, p. 18)

O termo “independência” pode ser também associado ao “jornalismo lento”, oposto ao fenómeno de agenda em estudo. Mas Costa (2017) ressalva:

Apesar de a globalidade dos meios de comunicação social (...) apregoarem nos estatutos editoriais serem independentes de quaisquer poderes políticos, económicos ou estabelecidos, a prática mostra-nos uma submissão/dependência a rotinas contraproducentes, que facilmente se afastam do jornalismo e se aproximam do *marketing*, da publicidade ou do trabalho de secretariado. Uma das áreas da comunicação social, onde estas práticas são mais visíveis, é (...) o jornalismo cultural. (p. 1)

Neste sentido, falar de “independência” diz também respeito às «práticas editoriais que, de alguma forma, tolhem a atividade jornalística em seus princípios de responsabilidade social e busca pelo interesse público». É neste sentido que muitos jornalistas, em busca de «recuperar valores fundamentais deixados em segundo plano pelos meios tradicionais e, em última instância, reconquistar uma credibilidade ‘perdida’», migram para a alternativa “independente” (Batista & Patrício, 2020, p. 220).

Analisando-se o cenário nacional, destringem-se duas tendências de jornalismo cultural, sendo que, enquanto uma se mostra «subordinada à agenda de eventos e ao mercado das indústrias culturais, surgem novas instâncias de legitimação da cultura em revistas alternativas, que conseguem fidelizar públicos com propostas estimulantes e originais» (Santos Silva, 2009, p. 95). Deste modo, as propostas alternativas⁵⁵ tem por hábito expor temas de interesse específico, significantes para certas comunidades ou grupos; assuntos de cariz subversivo e/ou objetos pouco mediatizados entre os demais órgãos de comunicação, tendo como propósito o ampliar da «pluralidade» (Caneira, 2022, p. 18) e o estimular da participação social (Pina, 2004, p. 9), o que contribui para o próprio o sistema democrático (Melo, 2007, p. 5).

Saliente-se que na perspetiva de Karppinen & Moe (2016), «mesmo sem reproduzir intencionalmente o modo de organização convencional, cada um dos coletivos gera, na forma como se estrutura, tensões equivalentes aos aspetos que são

⁵⁵ Dada a discussão do termo “independente”, empregar-se-á o conceito “alternativo”, geralmente usado como noção análoga, embora não englobe as controvérsias apresentadas. “Alternativo” dirá respeito a tudo o que está na “periferia”, em oposição ao “centro”. Tendo o PÚBLICO sido o diário mais lido em 2022 (<https://www.publico.pt/2023/02/28/sociedade/noticia/publico-diario-lido-portugal-cresceu-17-digital-2040618>) assumir-se-á o mesmo como um exemplo do cânone.

objeto de crítica no modelo convencional» (p. 135), já que «o jornalismo segue se desenvolvendo como um produto que acompanha as mudanças do capitalismo» (Silva, 2017, p. 58). Piza (2003) mostra-se convergente ao afirmar que «até os suplementos culturais conhecidos por estarem na vanguarda se tornaram semelhantes» (p. 65).

Tendo-se então em mente que a agenda tem como principal fim a concepção de um produto consumível, mostrar-se-ia expectável que o jornalismo *mainstream*, mais intrincado na lógica comercial, detivesse uma presença mais significativa do fenómeno em estudo. Ao fugir dos «gostos da massa» (Silva, 2017, p, 73), e contrariando a tese de Karppinen & Moe (2016), o jornalismo alternativo mostraria ser possível escapar não só ao partido do poder como ao mercado, que hoje dispõe de um novo modelo de escravidão - a do produto e da personalidade. Na visão de Dora Santos Silva, os média “à margem” podem ter um grande papel para o jornalismo cultural⁵⁶, pois mesmo que o jornalismo convencional se continue a sobrepôr, a atuação das práticas alternativas é potencialmente capaz de redefinir e transformar o cânone, ainda que de modo indireto (Karppinen & Moe, 2016, p. 137), através do «desenvolvimento da sensibilidade estética e cultural dos consumidores» (Gadini, 2002, p. 53). Mas há que ter consciência de que:

Se, por um lado, os media alternativos adotarem os mecanismos predominantes de poder, como a publicidade, os direitos de propriedade intelectual, as vendas em torno do lucro, a associação com partidos políticos ou os apoios governamentais, estão em perigo de perder a sua autonomia e capacidade crítica. Se, por outro lado, rejeitarem estes mecanismos, encontram as dificuldades de mobilizar recursos. (Antunes, 2022, p. 52)

⁵⁶ Entrevista dada em 2020. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=bRbHRwceLpA>.

Capítulo III: Desenho da Investigação

3.1. Objetivo do estudo e perguntas de investigação

Partindo-se do capítulo anterior, dedicado ao estado do jornalismo cultural contemporâneo e a questões a este inalienáveis - como o fenómeno da agenda e o consequente entendimento de independência jornalística -, é possível reter que a progressiva mercantilização do meio é um dado adquirido entre os académicos, mesmo que nem todos considerem que a modernização da editoria acarrete uma crise iminente.

Para o sucesso deste estudo de caso, que almeja enriquecer o conhecimento sobre a imprensa nacional, já que o panorama académico apresenta mais estudos teóricos do que análises práticas do fenómeno; importa saber se estas tendências são verificadas no objeto escolhido: o PÚBLICO. Neste sentido, a pergunta principal será:

Q11. Qual a expressão da agenda enquanto género utilitário e/ou estratégia editorial entre a cobertura cultural do PÚBLICO?

Em paralelo, procurar-se-á responder também às questões derivadas:

Q12. De que modo se articulam as variadas conceções culturais, desde o conteúdo limítrofe às grandes indústrias às expressões culturais não artísticas, no jornal?

Q13. Qual a presença dos géneros jornalísticos que excedem a cobertura noticiosa nos temas pertencentes e à margem da agenda cultural?

Q14. Na ótica dos editores culturais, qual a relação entre a maior ou menor massificação de um jornal generalista e a maior ou menor permeabilização da agenda cultural nesse mesmo órgão de comunicação?

3.2. Metodologia

3.2.1. Análise de conteúdo

Na intenção de dar respostas às perguntas anteriormente explanadas, e assim cumprir o objetivo do estudo apresentado, analisou-se um *corpus* de 424 publicações afetas à palavra-chave “cultura”⁵⁷, na qual convergem múltiplas entradas sobre ou inseridas nos meandros culturais. A preferência pela hiperligação correspondente ao

⁵⁷ Disponível em <https://www.publico.pt/cultura>.

caderno cultural, Ípsilon⁵⁸, deveu-se à escolha de uma conceção cultural mais alargada, tal como se problematizará na apresentação de resultados. No online não há distinção entre os artigos que, em papel, entram no jornal diário ou no suplemento semanal.

Ao que à delimitação temporal diz respeito, optou-se por uma análise integral do conteúdo cultural online entre os dias 1 e 30 de setembro, mês da “rentrée cultural”. Aquando da amostra exploratória, projetava-se esta análise segmentada por quinzenas, o que permitiria o alargamento do espectro temporal da mesma. Mas por perceber-se que tal segmentação impossibilitaria uma análise alargada do tratamento de um determinado artista e/ou acontecimento, alterou-se a metodologia, optando-se por aquela que melhor serviria o propósito deste estudo. Assim sendo, analisou-se - quantitativa e qualitativamente - o mês de setembro, com um total de 371 artigos (uma média de mais de 12 artigos por dia), seguindo-se uma análise maioritariamente quantitativa de outubro e novembro. A decisão foi também suportada pela aparente homogeneidade entre os vários meses - outubro contou com 366 produções (quase 12 por dia) e novembro registou 392 (um pouco mais de 13 por dia). Tal como demonstra a figura que se segue, esta média não é constante ao longo dos dias da semana, embora se denote um padrão transversal, no qual quinta e a sexta-feira se apresentam como os dias mais produtivos, seguidos por uma queda expectável durante o fim-de-semana.

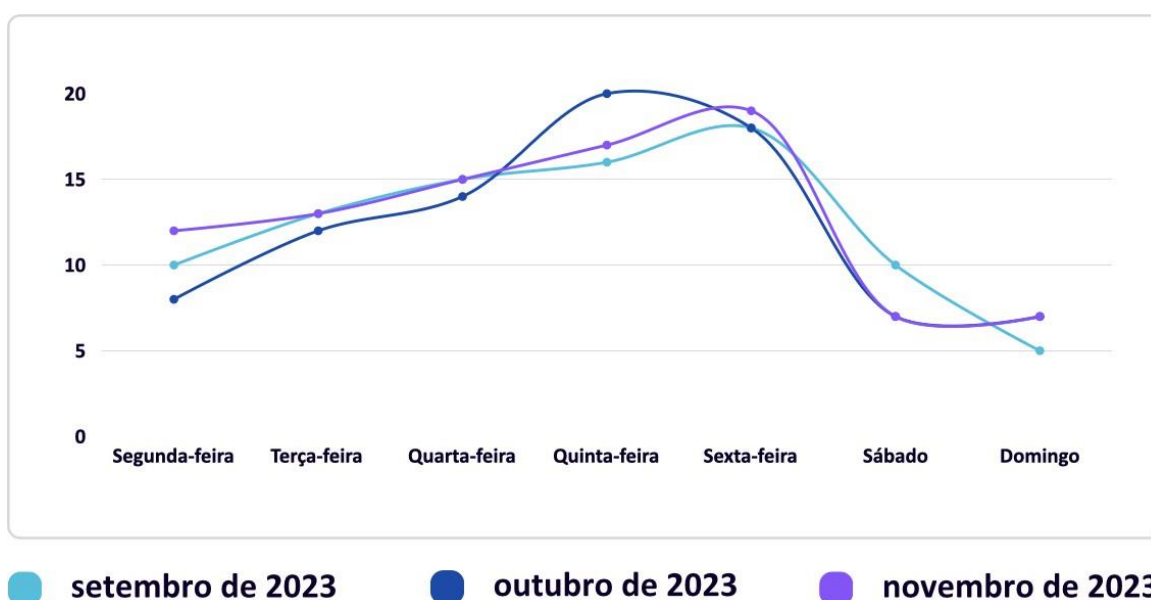


Figura 1 | Distribuição diária da produção cultural no PÚBLICO de setembro a novembro de 2023
n = 1129

⁵⁸ Disponível em <https://www.publico.pt/culturaipsilon>.

Ainda assim, aplicou-se os mesmos critérios qualitativos aplicados à análise de setembro aos dias menos e mais prolíferos de outubro (um e 26, respetivamente) e novembro (quatro e 29, respetivamente). No caso de novembro, também o dia três contava com o número máximo de produções - um total de 22 - pelo que o critério de escolha se prendeu na maior distância entre os dias de enfoque. Dentro destas contingentes, foram contabilizadas 1129 peças, nenhuma delas catalogada pelo PÚBLICO enquanto agenda⁵⁹ (editorialmente, opta-se por relacionar a palavra-chave “agenda” à vinicultura - ciência não catalogada pelo jornal enquanto “cultura”). Tal deve-se ao Terroir, programa com apoio externo ligado à secção Fugas, dedicada à «arte de viver: viajar, comer, dormir, beber».

Mas quer isto dizer que não há agenda - enquanto estratégia ou formato - na secção cultural do jornal? Mas pressuposto que não. Assim o fosse, não havia estudo nem razão para ele. Importa então saber que se entendeu como agenda cultural todos os conteúdos apresentados em formato de lista ou em moldes de enumeração (divulgação que, podendo estar numa lista, é apresentada em prosa, como em *O Outono dos festivais de cinema bate à porta*⁶⁰); os textos de pré-publicação, que permitem ao leitor antever o início de um livro antes da sua disponibilização pública; os artigos em mote de antecipação (seja de uma exposição que se inaugura no fim da semana, seja de um álbum que sairá no próximo mês); mas também textos sobre a atualidade, sempre que aliados a uma função comemorativa (sinalizando um prémio ou data importante) ou canónica (cobrindo eventos de média a grande dimensão).

Embora também se tenha dissecado a cobertura de temas de popularidade momentânea ou de eulogia, estes dizem respeito a uma outra agenda - a jornalística. De igual modo, importou também saber quantos e que tipos de conteúdos foram produzidos - na íntegra ou em parte - por agentes externos, como a Lusa ou a Reuters.

Este estudo de caso conta ainda com uma entrevista ao editor do suplemento Ípsilon, Pedro Rios, e uma outra à coeditora da secção de Cultura, Maria Paula Barreiros - cadernos que, no formato online, são apresentados em conjunto desde 2014.

⁵⁹ Disponível em <https://www.publico.pt/agenda>.

⁶⁰ Mourinha, J. (2023, 12 de setembro). O Outono dos festivais de cinema bate à porta. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2023/09/12/culturaipsilon/noticia/vai-comecar-outono-festivais-cinema-2062659>.

3.3. Categorias de variáveis

A elaboração da tabela de análise (anexo C) parte de cinco categorias de variáveis:

1. A **agenda enquanto estratégia editorial**, construída em prol do fluxo das instituições e pessoas com capital cultural. Esta variável subdivide-se de acordo com as motivações que levam a mediar o que está ou o que vai acontecer, mas um só artigo pode incidir em aspetos de atualidade e antecipação - pode-se criticar um disco já lançado anunciando um concerto futuro, por exemplo. Vale ainda clarificar a distinção entre momentos (que findam após um período temporal) e bens culturais (que se mostram imutavelmente duráveis).
2. A apresentação da **agenda enquanto género e formato**, seja por listar, enumerar ou dar a antever determinado produto cultural. Nesta variável admite-se também um cunho utilitário dispostos em todos aqueles conteúdos que, não sendo meramente utilitários, estão atrelados ao preço e a um *link* para compra.
3. A ligação às **agências** Lusa e Reuters (a produção própria é calculada por defeito).
4. A **tipologia de artigos**, que parte da distinção traçada por Marques de Melo (ver capítulo 2.1.3.1.) e permite problematizar a presença dos vários tipos de géneros jornalísticos. Tal como na produção própria, o rácio das notícias é feito por defeito. Note-se que artigos utilitários já se encontram assinalados na segunda categoria de variáveis. Esta distribuição entre géneros jornalísticos é feita de modo independente, não seguindo necessariamente o inventário, por vezes falacioso, apresentado pela secção cultural do jornal PÚBLICO (como por exemplo: <https://www.publico.pt/2023/09/01/culturaipsilon/noticia/desenhos-alberto-lacerda-nao-coleccionou-chegaram-museu-arte-antiga-2061605>). Deste modo, optou-se por distinguir os artigos catalogados como indicado pelo jornal - marcados por X - das classificações que diferem dessa catalogação, preterida pelas diretrizes académicas - neste caso, os artigos estão assinalados com (X).
5. A **categorização da cultura** mediatizada, distinguindo-a em expressões culturais artísticas (relacionadas à música, cinema, literatura, etc.) e não artísticas (associadas a questões sociais, políticas, patrimoniais, etc.). Há entradas como as de eulogia nas quais esta variável não se aplica, já que a cobertura não deriva do fluxo ou importância dada a certa área cultural pelo órgão de comunicação.

Mas «definir arte é uma tarefa difícil; é uma tarefa que muitos teóricos, artistas e críticos têm abordado, tentando decidir qual a melhor abordagem para compreender o que entendemos por arte»⁶¹ (Isrow, 2017, p. 84). De acordo com a Encyclopædia Britannica⁶², por exemplo, as artes tradicionais contemplam a literatura, que inclui a poesia; as artes visuais, como a pintura ou o desenho; as artes gráficas, como o design (também integrado nas mencionadas artes decorativas, embora atualmente o termo tenha caído em desuso, dando lugar às artes aplicadas ou utilitárias); as artes plásticas, como é o caso da escultura; as artes performativas, como teatro, a dança e música e a arquitetura. Mas esta é já uma extensão das sete artes - as quais não contemplam o teatro ou o design, por exemplo -, catalogadas em 1912 por Ricciotto Canudo (foi com a publicação do seu *Manifesto das Sete Artes*, em 1923, que o cinema - que neste relatório toma lugar entre as restantes artes performativas - se juntou às áreas da literatura, pintura, escultura, música, dança e arquitetura). Atualmente, há também quem defenda o lugar da fotografia, da banda desenhada, dos videojogos, da arte digital ou da culinária entre a lista. Trata-se de uma discussão secular ainda não sanada.

Deste modo, e para a possível atemporalidade deste trabalho e análise, agregou-se à lista de Canudo o entendimento de que as artes são «modos de expressão que utilizam a habilidade ou a imaginação na criação de objetos estéticos, ambientes ou experiências que podem ser partilhados com outros», como também se pode ler entre a entrada da Encyclopædia Britannica. Posto isto, acrescentou-se às entradas referentes às belas-arts todas as publicações sobre arte digital (criptoarte), comédia, design, fotografia, gastronomia, moda, produções televisivas e videografia. É também relevante frisar que o comum entendimento da arte enquanto objeto «de apreciação» pode variar consoante os valores de «diferentes culturas, períodos históricos e contextos»⁶³ (Tymieniecka, 1998, p. 271).

⁶¹ Tradução livre de «Defining art is a difficult task; it is one which many theorists, artists, and critics have tackled, trying to decide upon the best approach to understanding what we mean by art.» (Isrow, 2017, p. 84)

⁶² Disponível em <https://www.britannica.com/topic/the-arts>.

⁶³ Tradução livre de «Whatever else an artwork may be thought to be, it is an object primarily for appreciation (...). However, if that were true, then the same word “artwork” must in reality mean (...) quite different things in different cases, and different values according to the different cultures, historical period and context.» (Tymieniecka, 1998, p. 271)

Capítulo IV: Apresentação de resultados

4.1. A agenda enquanto género e estratégia na secção cultural do PÚBLICO

4.1.1. Um propósito, servir

Mesmo que nenhum dos mais de 1000 artigos seja catalogado enquanto “agenda”, a categorização de 422 produções, dispostas entre setembro e novembro de 2023, demonstra que os conteúdos originados pela engrenagem da agenda cultural, seja por discorrerem sobre eventos ou premiações canónicas, seja por anteciparem determinados momentos e/ou bens culturais, representam mais metade da amostra - percentagem que se intensifica nos dias do mês com maior produção, como demonstram outubro e novembro. Em todos os meses a presença da agenda enquanto estratégia de cobertura, patente na decisão dos temas a cobrir e presente nos mais diferentes géneros jornalísticos, é superior à apresentação em formatos típicos como a lista ou o roteiro. Não obstante, e considerando o mês analisado integralmente, setembro de 2023, os conteúdos sem agendamento configuram quase 17% da análise.

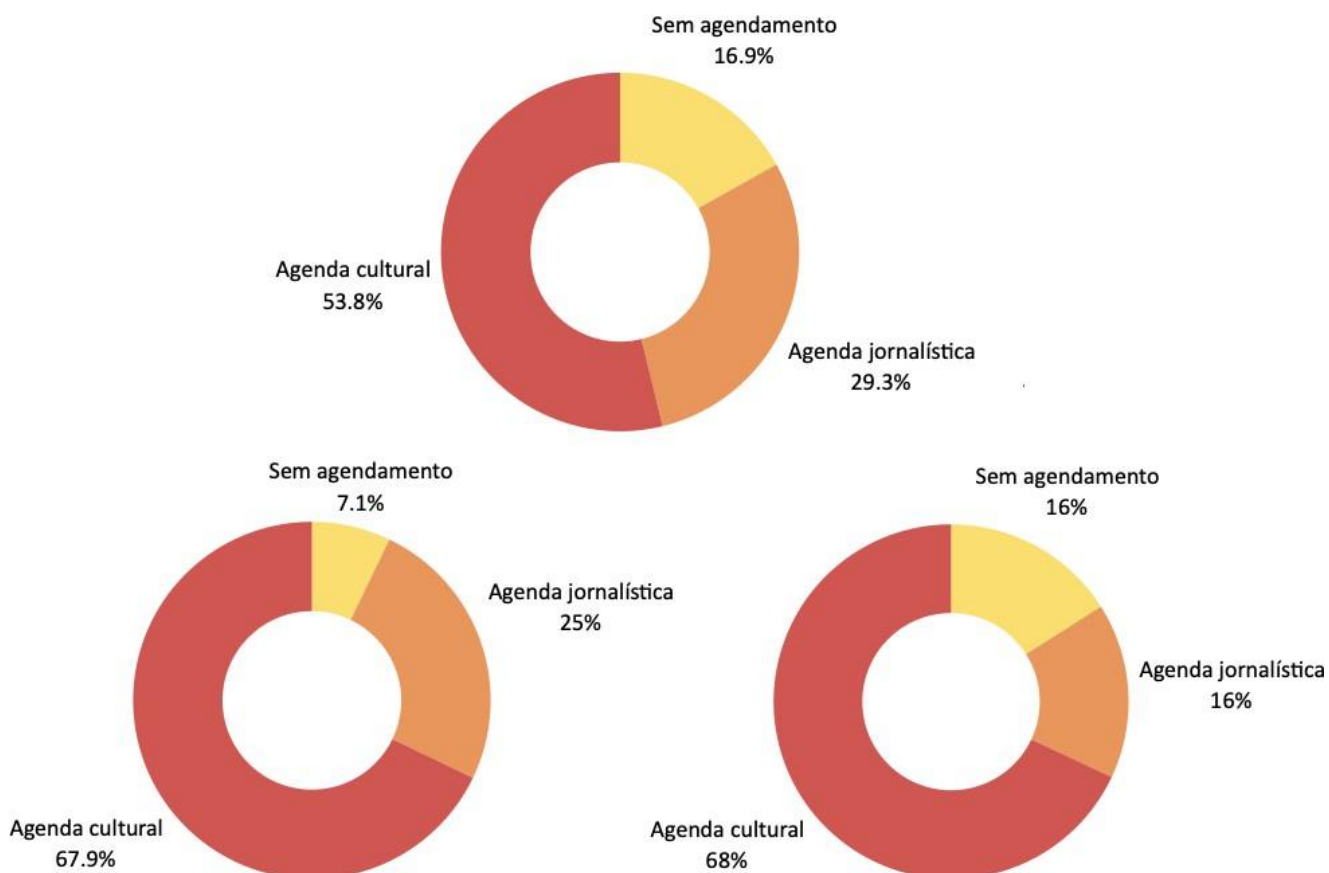


Figura 2 | Ganchos para conteúdos em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita) n = 371 (acima) | 28 (esquerda) | 25 (direita)

Ainda sobre setembro, e retirando o fenómeno da antecipação, que se tratará de seguida, é possível traçar o panorama das publicações que incidem sobre o que está a acontecer - em oposição ao que vai acontecer - e assim perceber que a secção procura seguir os assuntos do momento: o escândalo desencadeado pelo beijo de Rubiales⁶⁴, então treinador da seleção de futebol feminino espanhola, rendeu algumas crónicas ao Cultura-Ípsilon (as quais poderiam facilmente entrar nas secções de Desporto ou Sociedade). E embora o obituário apresente uma expressão menos significativa, o jornal parece reconhecer a importância do valor-notícia a ele associado. Já no âmbito da agenda cultural, denota-se um equilíbrio entre a cobertura do cânone, geralmente internacional, e das comemorações, muitas delas relativas a personagens nacionais.

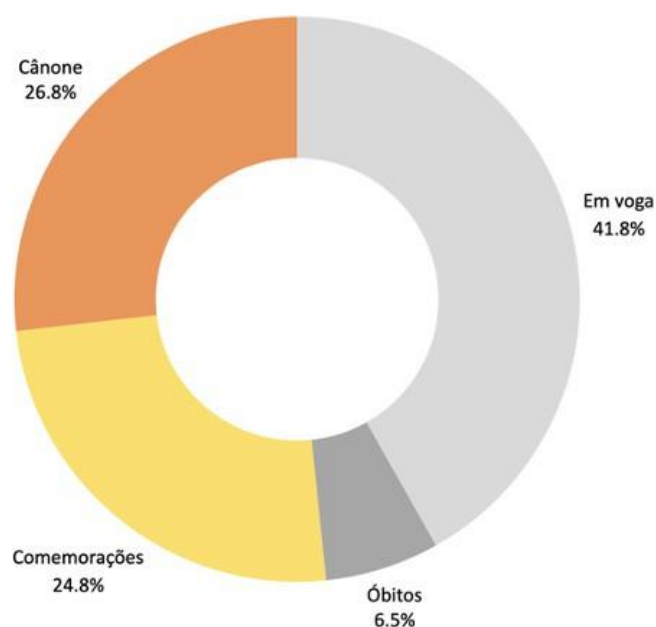


Figura 3 | Motivações de agenda (cultural, sem antecipação, a cores; e jornalística a tons de cinzento) em setembro n = 153

Mas Pedro Rios, editor do suplemento semanal Ípsilon, contrapõe: «Não fizemos grandes trabalhos sobre estes filmes [*Barbie* e o *Oppenheimer*] e, sobre uma lógica jornalística, eu até diria que se calhar devíamos ter feito, porque ambos concentraram muito interesse do público, o que era uma oportunidade. Isso sim seria ceder à indústria. Mas a indústria também são as pessoas. Há uma tensão entre o mercado, entre não ser refém do público e da música *pop*, por exemplo; e não a ignorar, o que nem sempre é bem resolvido. O tempo não é infinito, não podemos fazer tudo. Certo é que ninguém

⁶⁴ PÚBLICO (2023, 1 de setembro). Se me permitem, também quero dizer uma coisa. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2023/09/01/culturaipsilon/cronica/permitem-tambem-quero-dizer-2061523>.

cobre Portugal por nós, enquanto a Taylor Swift é coberta em todo o mundo. Mas ignorá-la não é uma opção. Quer dizer, é uma opção, mas é criticável. Tudo é criticável» (entrevista dada à autora a 2 de maio de 2024).

E se, como atesta Assis (2010), o propósito de todo o jornalismo é o de servir (p. 28), esta análise aponta para a prevalência de um jornalismo de serviço ou utilitário, assente em listas e/ou guias, nas produções inseridas na agenda cultural - um padrão transversal aos três meses. Publicações como *Quinta na TV: Um vice-presidente, um Tarzan lisboeta e uma supermodelo*⁶⁵ são recorrentes - aliás, grande parte do tratamento da televisão e *streaming* segue esta lógica. Mas nenhum dos editores de cultura é responsável por supervisionar estes materiais. «Isso são as pessoas do guia de lazer», explica Rios. «Entra na Cultura mas não passa pela secção. Tal como os *podcasts*», inseridos, na figura 4, em “outros”. «São lógicas diferentes».

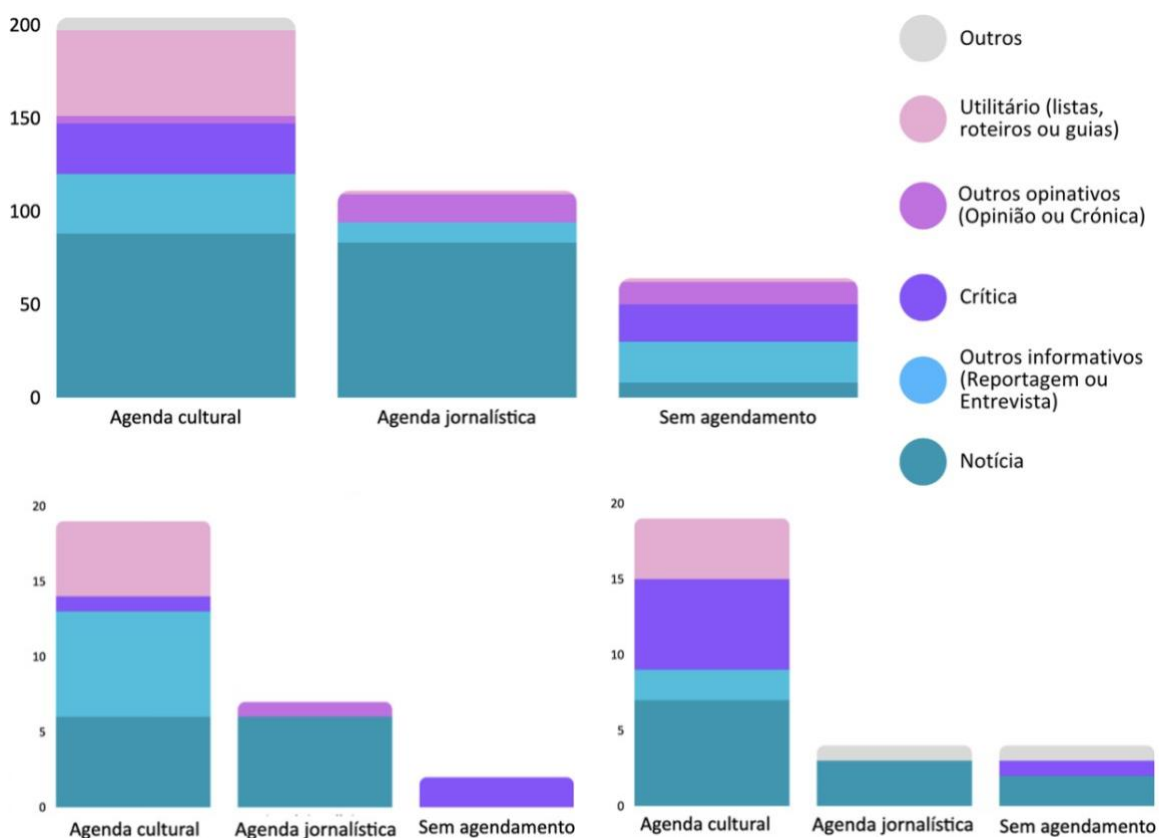


Figura 4 | Géneros jornalísticos em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita) n = 371 (acima) | 28 (esquerda) | 25 (direita)

⁶⁵ PÚBLICO (2023, 14 de setembro). Quinta na TV: Um vice-presidente, um Tarzan lisboeta e uma supermodelo. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2023/09/14/culturaipilon/noticia/quinta-tv-vicepresidente-tarzan-lisboeta-supermodelo-2063184>.

Denota-se uma hegemonia expectável do conteúdo noticioso entre as agendas, sendo a sua relevância significativamente menor na também mais pequena amostra sem vínculos de agendamento. Relembrando a atipicidade da amostra de outubro e novembro, a grande incidência de críticas em novembro deriva da inclusão de uma quarta-feira entre a amostra (dia 29) e da tradicional estreia de filmes às quintas-feiras.

Note-se que a figura apenas contabiliza as entradas de género ou formato utilitário. Se a isto se acrescentar as publicações de incentivo à compra, seja por contemplarem o preço, seja por acarretarem uma hiperligação para compra (ou ambos, como em *Uma viagem com cem anos, da sobrinha de Freud*⁶⁶), o cenário adensa-se, em muito por causa da cobertura da literatura. Afinal, a secção “Leituras” conta com o apoio da livraria FNAC, como se pode ler nos cabeçalhos da maioria dos artigos sobre livros. Pedro Rios fala de uma espécie de «supermercado cultural», embora garanta que não ganham comissão caso se compre através do website do jornal. «Mesmo quando dizemos que um livro é muito mau, vem lá o *link* para comprar», acrescenta.

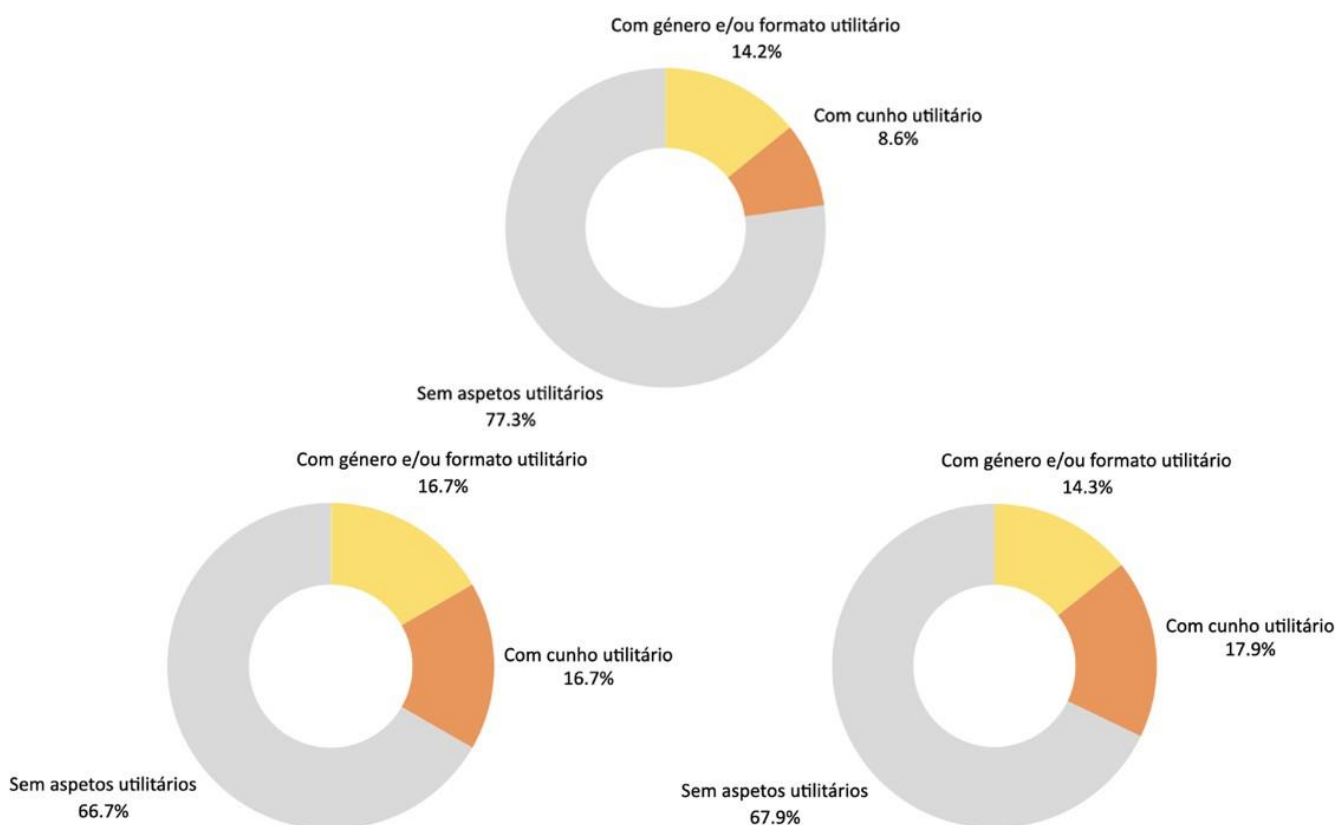


Figura 5 | Aspetos utilitários em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita) n = 371 (acima) | 28 (esquerda) | 25 (direita)

⁶⁶ Pimenta, R. (2023, 2 de setembro). Uma viagem com cem anos, da sobrinha de Freud. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2023/09/02/impar/noticia/viagem-cem-anos-sobrinha-freud-2061988>.

4.1.2. Sob a batida de um relógio adiantado

«A rotina e a máquina têm esse lado castrador da imaginação e isso é verdade em todas as áreas», reflete Pedro Rios. Principalmente nos dias de maior produção, pode acrescentar-se. Isto porque a mediatização de álbuns, filmes ou livros ainda não disponíveis, mas também de festivais ou exposições por inaugurar é maior na amostra de outubro e novembro, meses nos quais a maioria dos artigos analisados foram publicados no dia de maior produção do respetivo mês, dia 26 e 29, respetivamente.

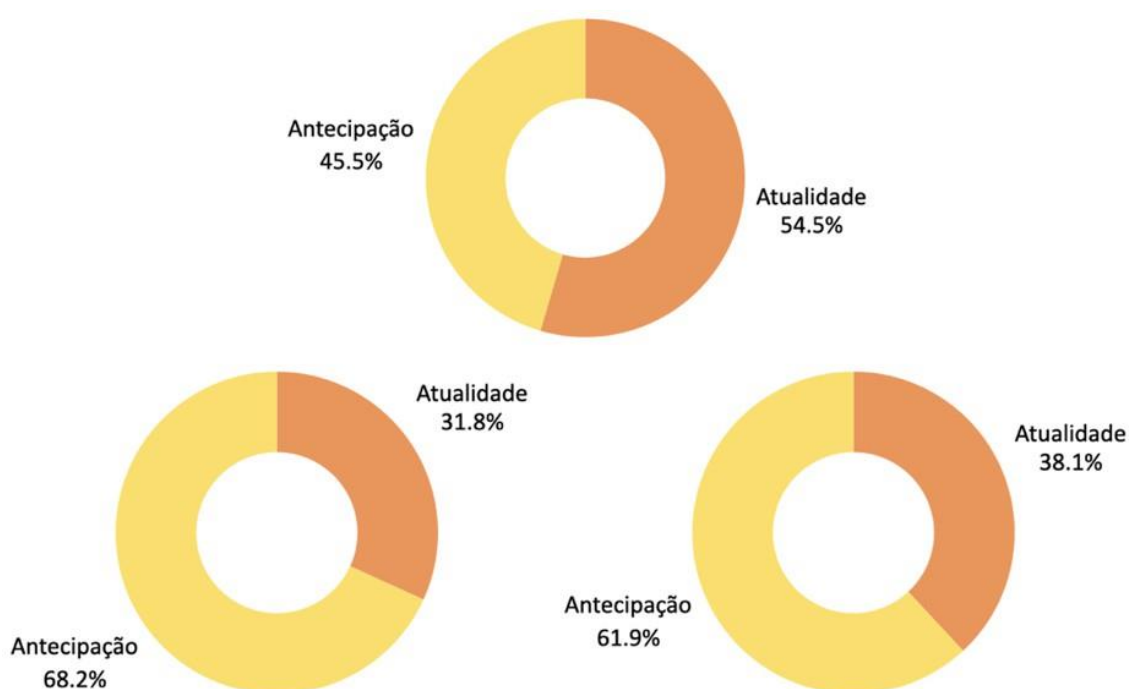


Figura 6 | Conteúdos de agenda em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita)
n = 298 (acima) | 24 (esquerda) | 20 (direita)

Começando por setembro, é possível perceber que há um predomínio da antecipação de momentos culturais, que representam 61,4% dos 145 escritos sobre fenómenos culturais a acontecerem num futuro próximo. Esta tendência continua em outubro, mas não em novembro, divergência que se atribui à maior concentração de festivais no verão e meses pós estação, em decorrência das condições climatéricas mais apropriadas. Como pontua Rios, «nós não ignoramos grandes fenómenos como festivais». A primazia dos momentos culturais parece também derivar da sua finitude, já que os bens (álbuns ou livros, por exemplo) estarão - à priori - sempre disponíveis. «Nas exposições, a pressão é maior. As exposições têm um tempo e publicar depois do seu fim não faz muito sentido porque as pessoas vão querer ir e não podem», afirma.

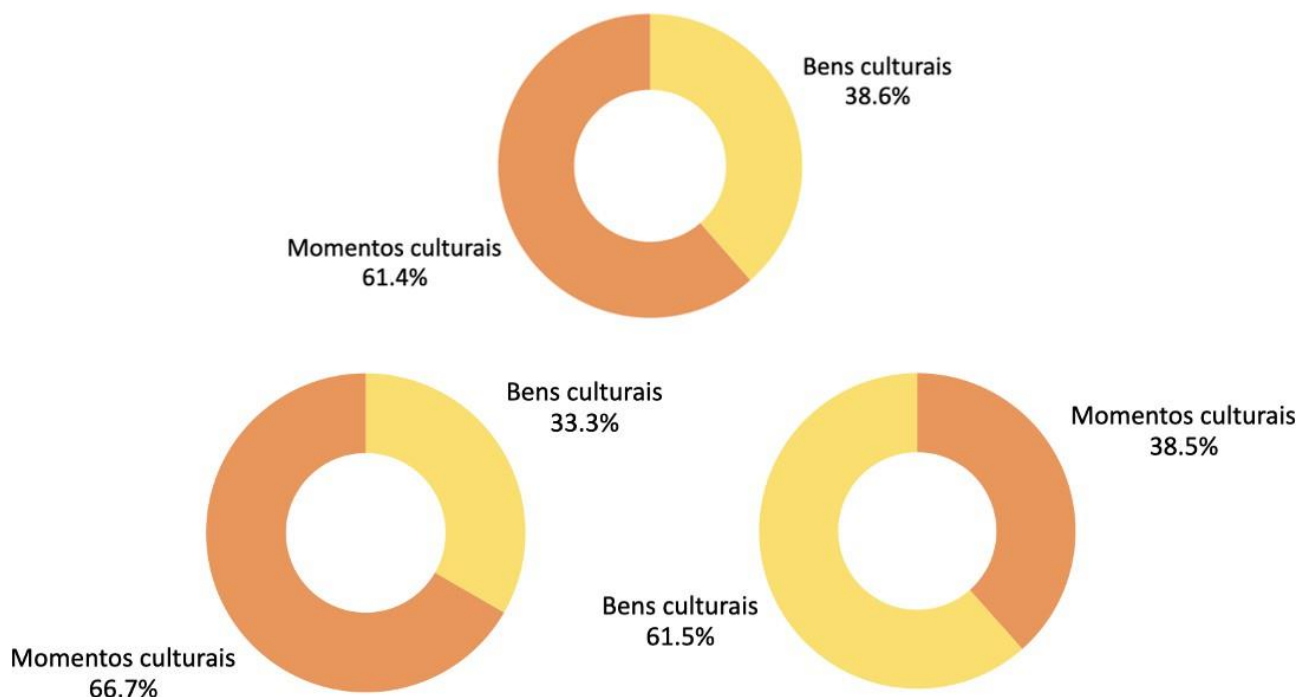


Figura 7 | Ganchos de antecipação em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita)
n = 145 (acima) | 16 (esquerda) | 13 (direita)

Tal como seria expectável, as indústrias da música e do cinema surgem de forma pronunciada, seja pelo anunciar de um concerto ou festival musical ou cinematográfico, seja pelo anunciar de um novo álbum ou filme.

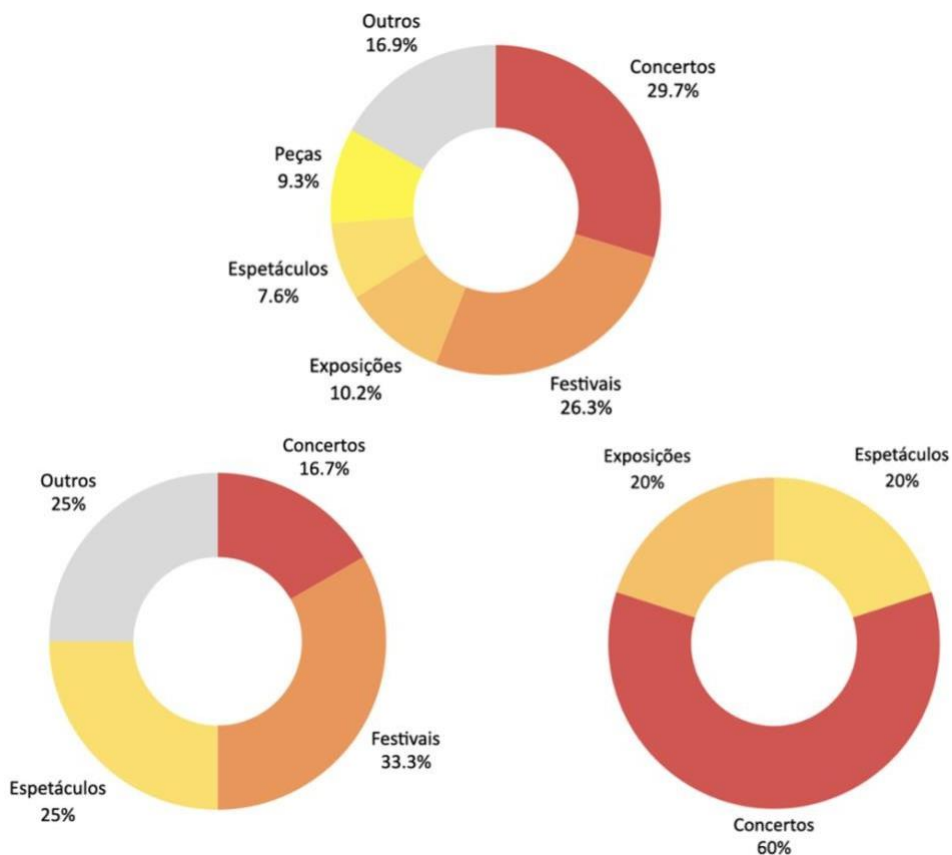


Figura 8 | Antecipação de momentos em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita)
n = 102 (acima) | 12 (esquerda) | 5 (direita)

Já na segunda variável, referente à antecipação de bens culturais, o cinema ultrapassa a música, já que as críticas dos filmes seguem uma lógica semanal, e saem, como explicado por Pedro Rios, no dia anterior à estreia em sala, um planeamento que nem sempre se consegue aquando do tratamento jornalístico da música. Outubro mostra-se contra a tendência traçada por não contemplar nenhuma quarta- feira entre a sua amostra.

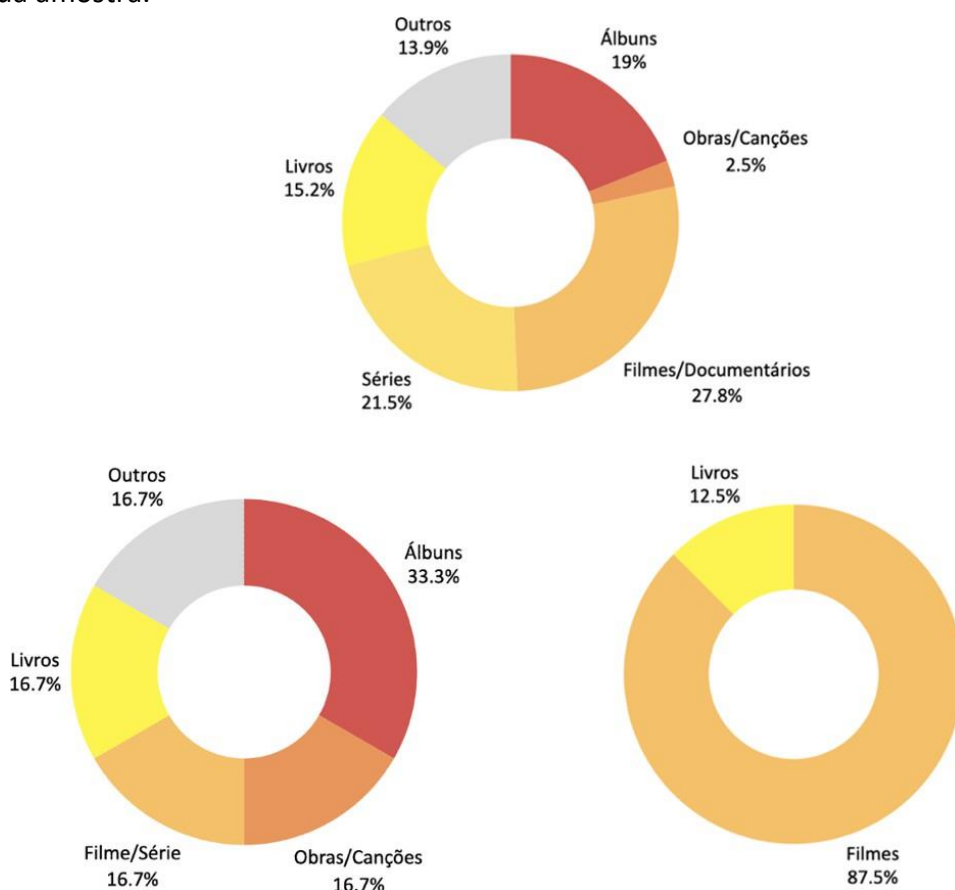


Figura 9 | Antecipação de bens em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita) n = 64 (acima) | 6 (esquerda) | 8 (direita)

«Cinema e música é o mais fácil de acertar», afirma Rios. Começando pelo cinema, o editor explica que «existe a tradição - tanto no PÚBLICO como noutros [jornais] - de publicar quatro a cinco críticas sobre os filmes da semana», pelo que têm três pessoas - Jorge Mourinha, Luís Miguel Oliveira e Vasco Câmara - encarregues destas tarefas, que ficam assim menos dependentes de «orçamentos e disponibilidades». Já «na música, a engrenagem é mais fragmentada», completa.

«A gestão da [música] clássica, por exemplo, passa muito pelas sugestões» dos colaboradores externos, explica Maria Paula Barreiros, coeditora da secção cultural (entrevista dada à autora a 7 de maio de 2024). Mas neste caso, discute-se o que é

«fundamental», já que o «orçamento é muito muito baixo». Deste modo, os critérios aplicados à antecipação de bens musicais são um pouco diferentes, até mais minuciosos.

«Na música também queremos publicar sobre um disco naquele dia não só pela sua importância como por sabermos que vão ser falados por muitos meios. Há uma sensação de cansaço e se nós publicarmos muito depois as pessoas poderão não ter paciência para o nosso artigo, porque já leram vários. Aí tenta-se publicar no dia ou até antes», garante Rios, editor do suplemento cultural do jornal. «Mas se forem discos de música *indie*, mais aventureira ou portuguesa, que não seja “obrigatório”, pode não sair no mesmo dia». Tome-se *Do ar se faz música: Avant-garde Organ, de Cláudio de Pina*⁶⁷ como exemplo, crítica a um álbum de música erudita publicada passado um ano do seu lançamento. Certo é que «se o disco está a sair há também o lado da novidade, que faz parte do jogo e dos critérios de notícia», sublinha o editor, embora reconheça que, «por vezes seguimos um pouco essa agenda das indústrias». Há também «áreas como a literatura onde o coincidir é mais difícil», explica. «Os livros chegam antes aos jornalistas para que tenhamos acesso e possamos eventualmente fazer alguma coisa. Mas ler um livro leva o seu tempo. E trabalhar sobre o que acabámos de ler também. E isso nem sempre é compatível com o ritmo das chegadas às livrarias».

Rios sabe-o: «O ideal seria termos mais trabalhos totalmente diferentes dessa lógica», mas «são trabalhos que dão muito trabalho a fazer e é difícil ter meios», aponta.

4.1.3. A quebra da quarta parede

«É uma questão de transparência para com o leitor», retorque Maria Paula Barreiros assim que questionada sobre as menções aos convites das instituições nos artigos por eles suscitados (como, por exemplo *A Bienal de Dança de Lyon está “em transição”, mas a cidade começa a apanhar boleia*⁶⁸). O mesmo para quando se cita um comunicado de imprensa (como por exemplo, *Patti Smith e o seu quarteto actuam em*

⁶⁷ Ferreira, D.. (2023, 1 de setembro). Do ar se faz música: Avant-garde Organ, de Cláudio de Pina. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2023/09/01/culturaipilon/critica/ar-faz-musica-avantgarde-organ-claudio-pina-2061457>.

⁶⁸ Duarte, M. (2023, 25 de setembro). A Bienal de Dança de Lyon está “em transição”, mas a cidade começa a apanhar boleia. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2023/09/25/culturaipilon/noticia/bienal-danca-lyon-transicao-cidade-comeca-apanhar-boleia-2064447>.

Julho no Festival Jardins do Marquês⁶⁹), ferramenta indissociável à engrenagem da agenda cultural. Mas se «a maior parte das instituições enviam comunicados para as redações», pode também deduzir-se que, neste caso, a quebra da quarta parede - que permitiria ao leitor inteirar-se do processo de produção de determinada notícia - nem sempre acontece, já que o exemplo está mais para exceção do que para regra.

No caso do PÚBLICO, há outro fenómeno que suscita curiosidade - as pré-publicações (como é o caso de Excerto do primeiro capítulo de Eu Sou Um Gato, de Natsume Soseki⁷⁰). Mas neste caso a lógica é outra, explica Rios. «São conteúdos fechados que nascem da vontade de dar mais aos assinantes. Fazemos isso com livros que achamos bons - há um filtro jornalístico, mas não há um filtro crítico».

4.2. Nem «tudo o que é cultura está no Ípsilon»

«Tudo o que é cultura está no Ípsilon». É este o mote do caderno cultural do PÚBLICO. Mas será mesmo assim? Partindo da recolha de todas as publicações com a tag (género de etiqueta ou palavra-chave online) “cultura” durante o mês de setembro de 2023, é possível perceber que, de facto, a maioria do que o PÚBLICO entende como cultura encontra-se na secção criada para o efeito. Ainda assim, e como também corrobora a análise exploratória de outubro e novembro, secções como o Ímpar - «a nossa marca de lifestyle» -, o P3 - «um site para millennials e geração Z» - e o Local apresentam, de modo mais ou menos recorrente, publicações de foro cultural.

Em setembro, estas secções comportam mais de 15% das publicações. Vale ressaltar que a ausência de artigos de opinião sobre cultura em outubro e novembro deriva da redução significativa da amostra. Pela mesma razão, surgem - com maior destaque - a Política e o Mundo, secções anteriormente dispostas em “outros” (juntamente com o Azul, a Sociedade e a Economia). Maria Paula Barreiros assegura: «Têm [a tag], mas não deveriam ter. As coisas que são Ímpar ou P3 devem estar apenas

⁶⁹ PÚBLICO (2023, 29 de novembro). Patti Smith e o seu quarteto actuam em Julho no Festival Jardins do Marquês. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2023/11/29/culturaipsilon/noticia/patti-smith-quarteto-actuam-julho-festival-jardins-marques-2071937>.

⁷⁰ PÚBLICO (2023, 20 de setembro). Excerto do primeiro capítulo de *Eu Sou Um Gato*, de Natsume Soseki. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2023/09/20/culturaipsilon/prepublicacao/excerto-capitulo-gato-natsume-soseki-2063991>.

associadas aos respetivos canais satélite». Ainda assim, Barreiros explica alguns casos excepcionais, derivados de «temas partilhados». «Nós muitas vezes temos trabalhos com o P3, o Azul, canais sem lugar no papel e cujos trabalhos são divididos pelas secções».

São «regras não escritas, que se decidem naturalmente e que a experiência perpetua», assegura Pedro Rios. «Se o tema começou a ser coberto numa determinada secção, por um jornalista daquela secção, é normal que o continue a ser. Não é um grande critério, mas é um critério. Outras vezes tem a ver com a dimensão. Por vezes acha-se que certos assuntos são mais locais, uma exposição no Porto, por exemplo».

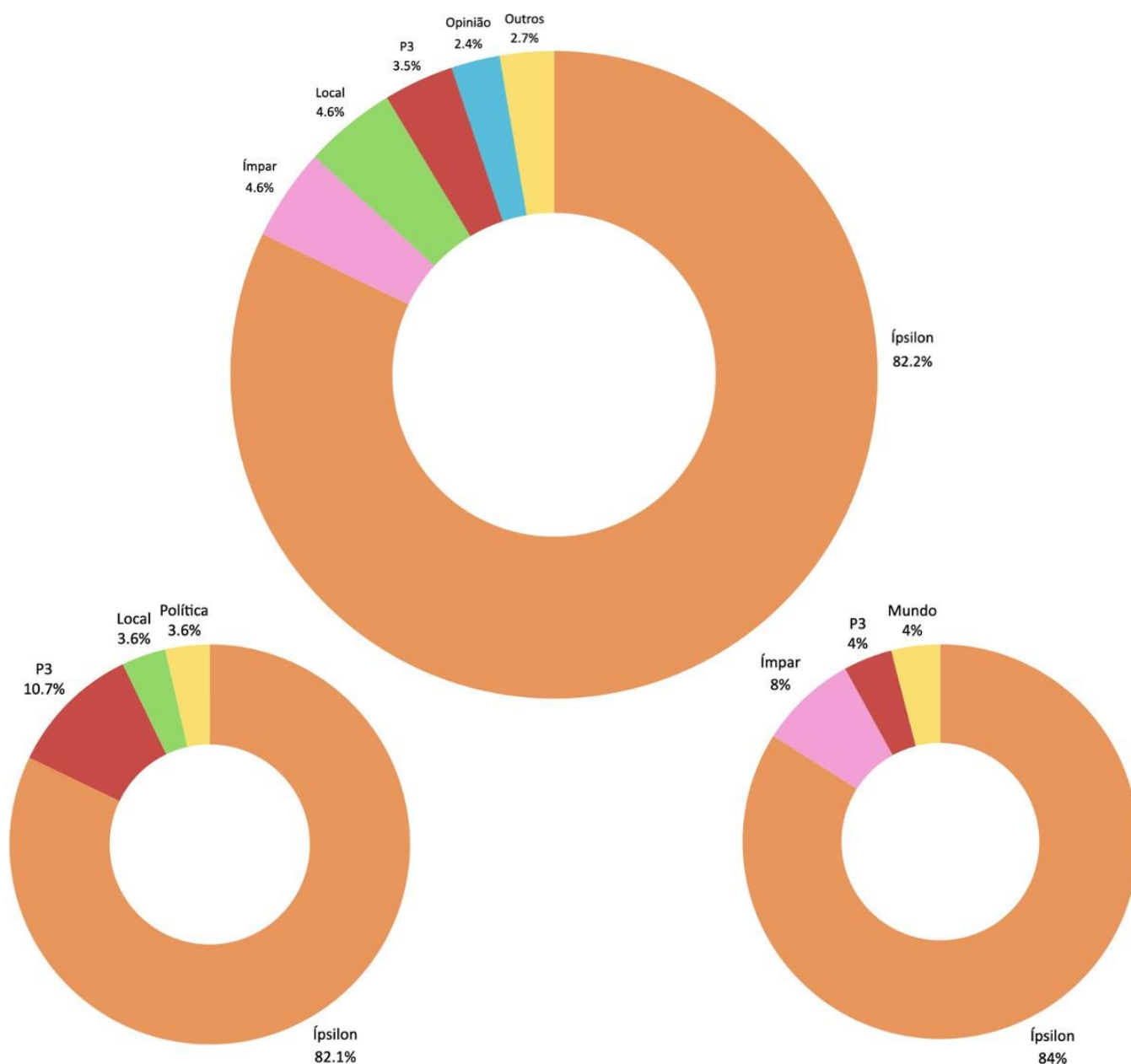


Figura 10 | Localização da etiqueta “cultura” em setembro (acima), 1 e 26 de outubro (esquerda) e 4 e 29 de novembro (direita) n = 371 (acima) | 28 (esquerda) | 25 (direita)

E mesmo admitindo que pode ser uma lógica «até precária», para Rios isso não parece interferir na experiência do leitor.

4.2.1. Indústrias limítrofes e expressões culturais não artísticas

De forma mais ou menos consciente, certo é que este «mútuo acordo», expressão de Maria Paula Barreiros, faz com que muito do que foge às expressões artísticas (que em setembro representaram 103 dos 371 recortes, um total de 27,8%) acabe por ser trabalhado por secções que não a de Cultura.

Não quer isto dizer que o binómio Cultura-Ípsilon deixe de ser hegemónico entre a amostra - sendo até responsável pela área mais proeminente, a política cultural -, mas é perceptível uma perda de espaço (de 82,2% para 64,4%, em setembro) quando os assuntos se centram em espaços ou questões sociais, por exemplo. «Eu acho que até temos um escopo largo do que é a cultura, mesmo que provavelmente focando mais na questão das obras de arte. Mas tudo o que são áreas de pensamento - filosofia ou antropologia - pode entrar. E temos uma cobertura bastante sistemática da política cultural, do património», assegura o editor do Ípsilon. Mas «ainda fazemos uma abordagem mais conversadora», partilha.

Entre estas áreas limítrofes surge o próprio desporto, já numa conceção cultural significativamente alargada, muitas vezes presente nas já mencionadas listas televisivas.

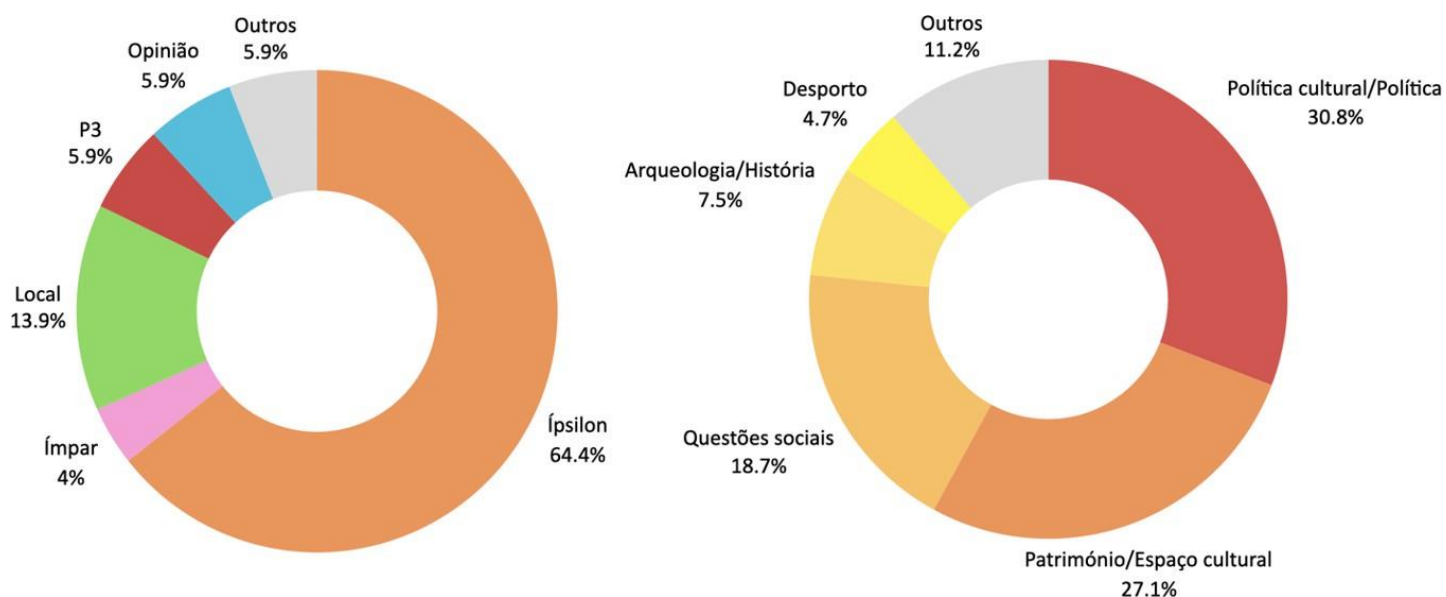


Figura 11 | Secções (esquerda) e conteúdos (direita) referentes a expressões culturais não artísticas em setembro
n = 103

Entre as expressões artísticas, verifica-se uma primazia das artes performativas e das então “sete artes”. Em todos os meses, o destaque é dado à música, seguida pelo cinema, outra área performativa, e pela literatura. «Eu e quem edita tenta que haja diversidade, mas talvez o cinema e a música tenham um lugar cativo. Sinto que a literatura também», pontua Rios. «Não diria que estamos a reboque das agendas e das indústrias, mas claro que isso existe. As programações, por exemplo, passam mais por artes de palco e às vezes somos acusados, muitas vezes com razão, de não cobrir tão bem exposições ou de só cobrir o que acontece em Lisboa, um pouco no Porto, e de esquecer o resto do país. Acho que tem a ver com a preparação da equipa e pela música e cinema serem áreas mais fáceis de cobrir», pontua. «Quer se tanto do mesmo suplemento e da cultura em geral que, inevitavelmente, todos ficarão desiludidos».

Em setembro, e já com grande distância, segue-se a dança, por vezes coberta em conjunto com o teatro, e só depois áreas agregadas à pintura e à escultura. No fim, e com expressão pouco significativa, está a arquitetura. A sua cobertura é, com efeito, um caso atípico entre estas artes, sendo quase sempre feita pelo P3. «Neste momento, a arquitetura - que curiosamente, no PÚBLICO, tem sempre grande leitura - passa sobretudo por fotogalerias no P3», assume Maria Paula Barreiros. «É uma área em que estamos em falta», reconhece, embora a atribua o pouco investimento na disciplina à falta de colaboradores e orçamento a eles designado.

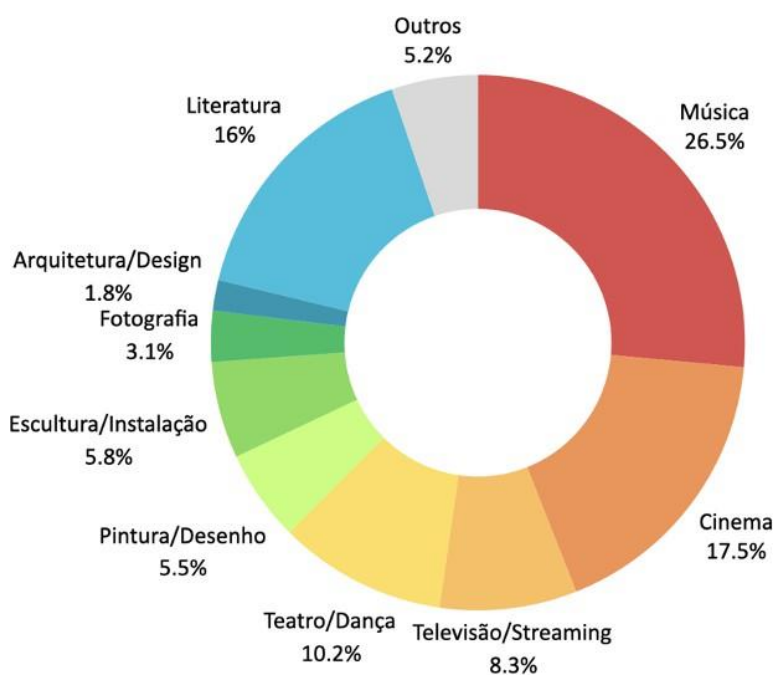


Figura 12 | Divisão dos artigos sobre expressões culturais artísticas em setembro
n = 308

4.3. Muito mais do que notícias

Como demonstrado na figura 4 (ver página 51), a cobertura cultural do PÚBLICO excede o conteúdo noticioso, mesmo que estas sejam a maioria da produção. Tal deriva da velocidade necessária ao exercício quotidiano da profissão mas também da dinâmica inerente às redações, constantemente alimentadas pelas agências noticiosas. «Se vivêssemos no mundo ideal, qualquer tema mereceria um escrutínio próprio. Como sabemos, não vivemos no mundo ideal e nem sempre é viável». Mas tal não invalida que, depois de lançada a notícia da agência, se pegue «num ângulo ou noutra e aí sim já vais fazer escrutínio próprio. Isso também se aplica àquilo que picámos da imprensa internacional», explica Maria Paula Barreiros. Além das notícias picadas, cuja publicação internacional é referida ao longo do corpo do texto, como indica a editora, há textos integralmente republicados (como *Porque é que os fãs de true crime estão a desistir do género?*⁷¹, conteúdo original do *The Washington Post*). Assim como no resto das editorias, as agências usadas pela cultura são a nacional Lusa e a internacional Reuters, mas no que à secção cultural diz respeito, a Lusa é sem dúvida a mais frequente (15,6%).

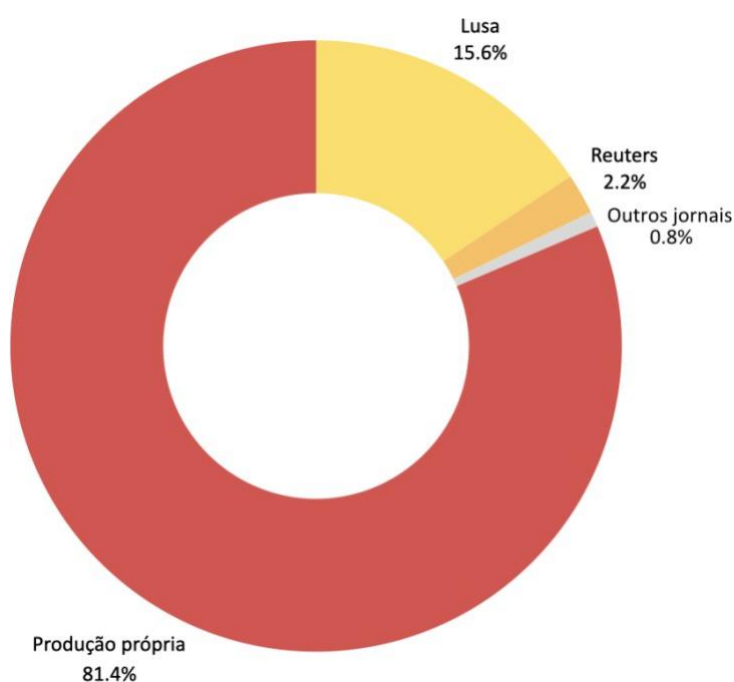


Figura 13 | Divisão dos artigos de acordo com a sua proveniência em setembro
n = 371

⁷¹ Corrigan, H. (2023, 23 de setembro). Porque é que os fãs de *true crime* estão a desistir do género?. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2023/09/23/p3/noticia/fas-true-crime-estao-desistir-genero-2064298>.

Quanto à crítica, arquétipo do tratamento jornalístico da cultura (ver capítulo 2.1.3.), o número de produções excedeu o que o levantamento bibliográfico pudesse induzir. Só em setembro, 47 artigos eram críticas ou possuíam alguma componente crítica - como a avaliação por estrelas, uma marca distintiva do jornal. «Tudo quanto é crítica deverá ter estrelas associadas, pois dão valorização, selo de garantia», demarca Maria Paula Barreiros, coeditora da secção.

«Mas se tirares o cinema da equação, tens poucas [críticas]. E o que mais falta faz são as críticas literárias», alerta Rios. «Eu tendo a achar que é tudo por questões materiais. As condições em que trabalhamos - no jornalismo em geral e no jornalismo cultural em particular - tem vindo a piorar ao longo dos anos. Os orçamentos minguaram e muito desse trabalho é feito por colaboradores, que recebem à peça. Depois dos momentos de corte - e tem havido várias levas de corte ao longo dos últimos anos -, nunca se retoma o degrau anterior. E é natural que se corte nessas colaborações à peça, o que acaba por reduzir o número de páginas de crítica. Gostávamos de ter mais crítica e crítica de outras coisas». Em relação às estrelas, o editor do suplemento fala «em tradição». «Não sei o porquê de ter surgido, mas acho que [as estrelas] fazem sentido, apesar de todos os seus problemas - a diferença entre três estrelas e meia ou quatro pode não ser nada e poderia ser diferente na semana seguinte, mas nós temos técnicas, falíveis como é óbvio, e tentamos que essa classificação seja o mais acertada e pensada possível. É mais informação que estás a dar, uma informação económica e que ajuda imenso as pessoas a guiar-se. Mesmo em algumas entrevistas é possível ver uma ficha com umas estrelinhas dadas ao livro, filme ou disco falado naquelas páginas. No Ípsilon essas coisas são ainda mais fluídas do que noutras secções. Eu acho que são úteis e as pessoas adoram ver estrelas», remata.

4.4. A agenda cultural em jornais generalistas de maior ou menor alcance

Importa, por fim, saber se estas questões - dependência do conteúdo da agência cultural e conseqüente foco nas grandes indústrias e/ou diminuição do espaço crítico - intrinsecamente iam se o PÚBLICO fosse um jornal de menor dimensão e alcance. «Claro», responde Barreiros, já que a capacidade de independência deriva da «capacidade financeira e de gestão da redação, de pessoas, de mão-de-obra».

Rios concorda, embora preveja um cenário de exceção: «Na minha experiência a trabalhar em outros jornais, quanto menos recursos tens mais agarrado à agenda ficas. A não ser que tenhas um projeto tão diferente ou fora da atualidade e que não está no mesmo campeonato. Aí podes fazer os tais trabalhos fora da agenda. Mas possivelmente não vais ter escala para esses trabalhos. Por isso quanto maior, mais possibilidades tens de sair da agenda», conclui, embora advirta. «Também há o risco de, e como tens mais pessoas, cobrires a agenda mais intensamente. Os editores devem cobrir a agenda mas não alocarem toda a equipa a cobrir a agenda. Rotativamente, alguém tem de estar a fazer trabalhos que não sejam dessa agenda. Porque senão é muito fácil cair nela, há sempre muitas coisas. A agenda já te impõe um pensamento do que é importante porque são grandes ou estão num certo espaço. E tu podes só ir a reboque disso ou podes também tentar problematizar assuntos, o que é totalmente editorial. Deves estimular as pessoas a darem novas ideias e tens de dar tempo às pessoas. Porque se apenas mandas fazer, passam-se semanas, e os leitores até podem ficar satisfeitos, mas o que fazes é menos marcante».

Certo é que «a partir do momento em que estamos a tratar de objetos comercializáveis há sempre alguém que pode ganhar com o que estamos a escrever», esclarece o editor, «mas também pode perder», sublinha.

Conclusão

Não é de hoje que se escreve - jornalística e academicamente - sobre a crise das instituições mediáticas e respetiva classe. Atualmente, a publicidade nos jornais é substancialmente menor que há umas décadas. Também a compra de jornais em banca seguiu o mesmo caminho. E no modelo online, poucos são os que querem pagar por um negócio que precisa de voltar a ser monetariamente viável.

Enquanto os problemas de financiamento não são sanados, os cortes são inevitáveis e na secção de cultura, a situação não é diferente. Perante este cenário de precariedade, a agenda sobe entre a escala de valores e preceitos jornalísticos, ameaçando o próprio entendimento de independência jornalística - os constrangimentos monetários dificultam o exercício de autonomia dos média face a instituições de grande capital financeiro.

No que à editoria cultural diz respeito, esta lógica de agendamento adensa-se. À agenda jornalística, acresce-se a agenda cultural. À engrenagem de um exercício profissional mais rápido e mais barato, adita-se um sistema de «supermercado cultural», expressão de Pedro Rios, editor de cultura no jornal PÚBLICO. E à semelhança do conceito de cultura, também a agenda não se apresenta de forma linear. Maria Paula Barreiros fala de uma «questão de transparência», mas o certo é que é cada vez menos claro ou transparente quais os conteúdos ditados pela agenda e os que surgem da vontade e faro de cada jornalista ou órgão de comunicação.

O presente relatório teve como objetivo a análise da agenda no jornalismo cultural do PÚBLICO - e pois foi essa a pergunta de partida para esta investigação. Além desta, outras três foram também sanadas com afinco, recorrendo-se à catalogação e padronização de 422 artigos e a duas entrevistas. Seguem-se as conclusões obtidas.

Q11. Qual a expressão da agenda enquanto género utilitário e/ou estratégia editorial entre a cobertura cultural do PÚBLICO?

De acordo com o que o website do PÚBLICO entende e categoriza enquanto agenda, a sua expressão entre a cobertura cultural do jornal, seja enquanto género utilitário, seja enquanto estratégia editorial, é nula. Mas de acordo com uma visão académica, segundo a qual a agenda pode estar incorporada em produções do tipo lista, através das quais os média pretendem orientar os leitores (neste estudo também se

entendeu como utilitárias as produções em prosa com conteúdo maioritariamente enumerativo), é possível perceber que a catalogação do website peca por defeito. Só em setembro de 2023, 53 produções (14% da amostra) correspondiam a este tipo de produção jornalística, sendo que muitas delas se centram em programações televisivas. Ressalve-se que ao adicionar-se o cunho utilitário das produções, patente em hiperligações para compra, por exemplo, este entendimento do jornalismo enquanto intermediário facilitador excede o modo de apresentação da informação. Nesta perspetiva, características de agenda passam a estar impregnadas em géneros tradicionais como a notícia, a reportagem, a entrevista e até a crítica.

Assumindo-se então que a agenda não se restringe ao modo de apresentação dos conteúdos, importa saber como se dá a escolha dos mesmos. Após esta análise, é possível afirmar que a editoria cultural do PÚBLICO alberga o maior número de eventos canónicos e divulgações comemorativas possível, embora a cobertura dos dois universos seja divergente. Na cobertura do cânone - como é o caso de eventos como o Festival de Veneza ou a Bienal de São Paulo - o jornal enviou trabalhadores para os locais, o que resultou em várias reportagens, entrevistas e/ou críticas. Quanto às comemorações, é comum optar-se por notícias breves, por vezes provenientes da agência Lusa, opção que demarca a menor intenção de explorar este tipo de temas.

Importa também sublinhar a lógica de antecipação inerente ao calendário de publicação dos vários textos jornalísticos. Regra geral, opta-se por priorizar a antecipação dos momentos culturais, dada a sua finitude temporal, como explicou o editor Pedro Rios. A grande exceção dá-se no mundo cinematográfico, já que todas as críticas de quarta-feira discorrem - mesmo que o texto nem sempre o explicita - sobre um filme que só estará em cartaz no dia seguinte, dada a tradição das estreias à quinta-feira. Neste caso, pode problematizar-se o entendimento dos média como instrumento de construção de opiniões, já que o primeiro contato do leitor com os filmes dá-se pela visão de outrem. Ainda assim, a cobertura de *Hackney Diamonds*, o mais recente álbum dos Rolling Stones, também espelha esta lógica de mediatização - setembro conta com três produções jornalísticas acerca de um álbum que só viria a estar disponível no fim de outubro. Neste caso, a intenção é a de uma inevitável «sensação de cansaço» por parte do público, que em outubro já estaria sobrecarregado, partilhou o mesmo editor.

Q12. De que modo se articulam as variadas conceções culturais, desde o conteúdo limítrofe às grandes indústrias às expressões culturais não artísticas, no jornal?

As áreas mais trabalhadas pelo jornal são a música, o cinema e a literatura. Não sendo uma conclusão fora do expectável, esta tendência pode derivar do facto das três expressões serem consensualmente entendidas enquanto arte, além de serem bastante rentáveis, principalmente as primeiras - música e cinema - o que pode também justificar o isolamento da literatura no fim do pódio (acrescente-se a isto o tempo que demora ouvir uma música, ver um filme e ler um livro, como referiu Rios na respetiva entrevista).

Não obstante, a análise expõe um esforço editorial em ir para além do óbvio. Considerando-se que o mundo da televisão e do *streaming* - a quarta área mais trabalhada durante setembro de 2023 - não coaduna com o que se entende por artes limítrofes, ou seja, à margem das grandes indústrias; pode dizer-se que estas - nas quais se insere o teatro, a dança, a pintura, o desenho, a escultura, as instalações, a fotografia, a arquitetura, o design, etc. - representam quase 32% das artes trabalhadas, cerca de um terço das produções sobre expressões culturais artísticas. O caminho está a ser feito.

Quanto às expressões não artísticas, é certo - e natural - que o Ípsilon, o caderno cultural do PÚBLICO, também as cobre. Mostra-se, no entanto, relevante sublinhar a proeminente cobertura destes temas por secções como o Local, o P3 e a Opinião. E também aqui se desvencilham padrões. No caso do Local, muitos destes trabalhos são referentes à situação do espaço cultural Stop, no Porto - como Maria Paula Barreiros explicou, a preferência por uma cobertura local é justificada pelo tratamento de uma situação de tratamento camarário. Já no P3 a situação é menos específica. Tratando-se de um caderno dedicado aos jovens, a prática do jornal leva a que muitas das questões sociais, que representam quase 19% da cobertura de expressões culturais não artísticas e que estão naturalmente ligadas ao tópico “cultura”, sejam da responsabilidade desta secção. A mesma transversalidade é aplicável ao caderno opinativo, já que o discorrer sobre um tema entra com facilidade nos meandros socioculturais (tome-se como exemplo a cobertura do escândalo Rubiales, fenómeno desportivo lido sob uma ótica sociocultural). Curioso é perceber que este entendimento da opinião enquanto secção de conteúdo fluído faz com o desporto entre na amostra cultural - de igual forma, as listas de programação televisiva também incluem jogos de futebol.

Q13. Qual a preponderância dos géneros jornalísticos que excedem a cobertura noticiosa nos temas pertencentes e à margem da agenda cultural?

A notícia é o género que prima entre os conteúdos com agendamento, sejam referentes à agenda cultural ou jornalística. No que à agenda cultural diz respeito, seguem-se, regra geral (a pouca densidade da amostra de outubro e novembro permitem explicar o não seguimento da tese proposta), os géneros de carácter utilitário. Se agregados, é indubitável que a produção de cariz breve, seja ele informativo ou orientativo, é superior à produções opinativas ou interpretativas. Se apenas se tomar setembro de 2023 como exemplo, é possível perceber outra tendência. Entre os textos sem ligação a qualquer agenda também existem produções de cariz breve e pouca profundidade, mas estas já não excedem o foco dado às reportagens, entrevistas, críticas, opiniões e crónicas. Trata-se, portanto, de uma inversão a assinalar.

Q14. Na ótica dos editores culturais, qual a relação entre a maior ou menor massificação de um jornal generalista e a maior ou menor permeabilização da agenda cultural nesse mesmo órgão de comunicação?

Para Maria Paula Barreiros e Pedro Rios a resposta é clara. Na visão dos dois editores, a situação atual da editoria cultural do PÚBLICO não é ideal, mas poderia ser pior. Num cenário em que a gestão de recursos - financeiros e humanos - fosse menor, o jornal ver-se-ia ainda mais constrangido pela agenda, advogam. O escape à agenda depreende pessoas, só com elas é possível driblar a estrutural falta de tempo que assola o jornalismo e a sociedade no seu geral. Associando-se a massificação de um órgão de comunicação à sua maior venda e conseqüente lucratividade, pode concluir-se que, e à semelhança do dito pelos profissionais da área, quanto maior a dimensão do projeto jornalístico generalista, como é o caso do PÚBLICO - a generalização desta tese em relação a outros projetos locais, especializados ou de investigação necessitaria de outro tipo de investigação -, menor a permeabilização da agenda cultural.

Não tomando esta investigação como pioneira entre o cenário nacional, espera-se que a mesma, assim como as conclusões por ela obtidas, sejam úteis para o incrementar do estado da arte referente à presença e tratamento da agenda no jornalismo, neste caso, cultural.

Bibliografia

Adorno, T. ([s.d.]/1991). *Considerações acerca da Indústria da Cultura*. (M. Amarante, Trans.).

Adorno, T., & Horkheimer, M. ([1944] / 2002). A indústria cultural: O iluminismo como mistificação de massa. In L. C. Lima (Eds.), *Teoria da cultura de massa* (pp. 169-214). São Paulo: Paz e Terra.

Adorno, T., & Horkheimer, M. (1985). *A Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora.

Alzamora, G. (2009). Do texto diferenciado ao hipertexto multimidiático: Perspectivas para o jornalismo cultural. In A. Pessate Azzolino et al. (Eds.), *Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências* (pp. 39-52). São Paulo: Miró Editorial.

Antunes, B. (2022). *Os papéis jornalísticos dos media alternativos digitais em Portugal: Divergente, Fumaça e Setenta e Quatro, estudo de caso comparado*. [Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Universidade Católica Portuguesa]. Veritati - Repositório Institucional. <http://hdl.handle.net/10400.14/40091>.

Ascensão, R. (2021). *Slow Journalism - o contributo do jornalismo lento para o ecossistema mediático: o caso da revista Visão*. [Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo, NOVA FCSH]. RUN. <http://hdl.handle.net/10362/135855>

Assis, F. (2011). Contribuições do funcionalismo e da teoria crítica para os estudos sobre gêneros jornalísticos. *Mediações sonoras*, 18 (2). LOGOS 35. http://www.logos.uerj.br/PDFS/35/17_logos35_tema_livre_assis.pdf.

Assis, F. (2010). Fundamentos para a compreensão dos gêneros jornalísticos. *ALCEU*, 11 (21), 16-33. http://revistaalceu-acervo.com.puc-rio.br/media/Alceu21_2.pdf.

Azevedo, C. (2017). Cultura e fatores económicos: Mudanças no modelo de jornalismo cultural em Portugal. In C. Baptista (Eds.), *A cultura na primeira página. Uma década de Jornalismo Cultural na Imprensa em Portugal* (pp. 171-190). Lisboa: Escritório Editores.

Baptista, C. (2017). Jornalismo cultural em Portugal - retrato de uma década e projecções para o futuro. In C. Baptista (Eds.), *A cultura na primeira página. Uma década de Jornalismo Cultural na Imprensa em Portugal* (pp. 43-85). Lisboa: Escritório Editores.

Baptista, C. (2014). *Cultura na Primeira Página - O Lugar da Cultura no Jornalismo Contemporâneo: Caderno de Reflexões* (1st ed.). Lisboa: Mariposa Azul.

Baptista, C. & Santos Silva, D. (2013). Cultura na Primeira Página - Apocalípticos e Integrados. *Jornalismo e Sociedade*, 699-703. <https://doi.org/10.34624/sopcom.v0i0.15472>.

Batista, R., & Patrício, P. (2020). Elementos de identidade em iniciativas de jornalismo independente. Ceará: Extraprensa, Cultura e Comunicação na América Latina. <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/153326/162164>.

Belanciano, V. (2010, 12 de maio). Cultura x3. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2010/05/12/jornal/cultura-x-3-19373333>.

Benjamin, W. (1936). *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica* (1st ed.). http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/02_babel/textos/benjamin-obra-de-arte-1.pdf.

Canavilhas, J. (2005). Os jornalistas online em Portugal. *Revista Jornalismo & Jornalistas*, 26, 1–8. <https://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-jornalistas-online.pdf>.

Caneira, P. (2022). *Inovar para alcançar a sustentabilidade financeira do Jornalismo: o caso da imprensa digital independente*. [Projeto de Tese de Doutoramento].

Cardoso, E., & Golin, C. (2009). Cultural Journalism in Brazil: Academic research, visibility, mediation and news values. <https://doi.org/10.1177/1464884908098321>.

Carvalho, J., Correia, J., & Canavilhas, J. (2014). Whose is the agenda? Contents, practices and values in Portuguese regional newspapers. *Journal of Applied Journalism & Media Studies*, 3, 97-117. <http://hdl.handle.net/10400.6/4346>.

Carvalho, M. (2023, 31 de Março). Ípsilon, tempos de mudança. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2023/03/31/culturaipsilon/editorial/ipsilon-tempos-mudanca-2044275>.

Cecílio, P. (2015). *O Jornalismo Musical na Era Digital: a presença online da revista BLITZ*. [Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo, NOVA FCSH]. RUN. <http://hdl.handle.net/10362/20238>.

Chauí, M. (2008). Cultura e democracia. *Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales*, (1). Buenos Aires: CLACSO.

Costa, A. (2017). A “ditadura” da agenda no jornalismo cultural: O caso da secção de Cultura do jornal *Observador* [Relatório de estágio de Mestrado em Jornalismo, NOVA FCSH]. RUN. <http://hdl.handle.net/10362/21806>.

Dias, A. (2017). *Análise da cobertura de música pelo jornal Público* [Relatório de estágio de Mestrado em Jornalismo, NOVA FCSH]. RUN. <http://hdl.handle.net/10362/25009>.

Faro, J. S. (2014). *Apontamentos sobre Jornalismo e Cultura*. Buqui. [https://www.academia.edu/18658237/Apontamentos sobre Jornalismo e Cultura](https://www.academia.edu/18658237/Apontamentos_sobre_Jornalismo_e_Cultura).

Faro, J. S. (2012). Jornalismo e crítica da cultura: a urgência da nova identidade. *Revista Fronteiras*, 14, 192-198. <https://doi.org/10.4013/fem.2012.143.02>.

Faro, J. S. (2006). Nem tudo que reluz é ouro: contribuição para uma reflexão teórica sobre o jornalismo cultural. *Comunicação e Sociedade*, 46, 143-163. <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/CSO/article/view/3871/3384>.

Fernandes, J. *Jornalismo Cultural na Era Digital: O caso do Expresso* [Relatório de estágio de mestrado, NOVA FCSH]. RUN. <http://hdl.handle.net/10362/15455>.

Ferreira, C., & Quintela, P. (2018). Indústrias Culturais e Criativas em Portugal: Um balanço crítico de uma nova ‘agenda’ para as políticas públicas no início deste milénio. *Revista Todas as Artes*, 1 (1), 88-110. <http://hdl.handle.net/10316/81231>.

Fidalgo, J. (2022, 22 de janeiro). Jornalismo ou publicidade - uma questão de confiança. *Repórteres em Construção*. <https://www.rec.pt/2022/01/22/jornalismo-ou-publicidade-questao-de-confianca/>.

Franco, E. (2013). *Lifestyle Media: O Exemplo do Jornalismo Cultural em Portugal* [Dissertação de Mestrado em Comunicação Social, Universidade de Lisboa]. Repositório Universidade Técnica de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10400.5/5180>.

Freire, M., & Lopez, D. (2007). O jornalismo cultural além da crítica: Um estudo das reportagens na revista Raiz. <http://bocc.ufp.pt/pag/lopez-debora-freire-marcelo-jornalismo-cultural.pdf>.

Furtado, J. (2020). O Termo Cultura em Perspectiva Histórica: Aspetos Polissêmicos e Sociais. *Revista Valore, Volta Redonda* 5. <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/view/305/486>.

- Gadini, S. (2010). Desafios de pesquisa em Jornalismo Cultural: estratégias metodológicas para compreender os processos editoriais no campo cultural. *Revista FAMECOS*, 17 (1), 28–35. <https://doi.org/10.15448/1980-3729.2010.1.6876>
- Gadini, S. (2002). Tematização e Agendamento Cultural nas páginas dos diários portugueses. <https://www.bocc.ubi.pt/gadini--jornalismo-cultural-diarios-portugueses>.
- Gerador. (2020, Julho 25) Conversas Impróprias #1 - Cultura e investigação, os parentes pobres do jornalismo [Vídeo]. <https://www.youtube.com/watch?v=bRbHRwceLpA>.
- Gomes, A. (2005, 22 de Setembro). PÚBLICO.PT: um jornal no ciberespaço desde 1995. PÚBLICO. <https://www.publico.pt/2005/09/22/portugal/noticia/publicopt-um-jornal-no-ciberespaco-desde-1995-1233488>.
- Gonçalves, E., & Santos, M. (2016). O diversional nas narrativas jornalísticas: aproximando jornalismo e literatura. *La Trama de la Comunicación*, 21 (2), 73-85. <https://www.redalyc.org/journal/3239/323952120004/html/>.
- Hanusch, Folker & S. Banjac. (2019). Studying role conceptions in the digital age: A critical appraisal. In E. Scott et al. (Eds.), *The Routledge handbook of developments in digital journalism studies*. New York: Routledge.
- Hesmondhalgh, D. (2013). *The Cultural Industries* (3rd ed.). Sage Publications https://www.researchgate.net/publication/261554803_The_Cultural_Industries_3rd_Ed.
- Hovden, J., & Kristensen, N. (2018). The cultural journalist around the globe: A comparative study of characteristics, role perceptions, and perceived influences. *Journalism* 22 (1). <https://journals.sagepub.com/doi/10.1177/1464884918791224>.
- Isrow, Zachary (2017). Defining Art and Its Future. *Journal of Arts & Humanities* 6 (6), 84-94. <https://doi.org/10.18533/journal.v6i6.1207>.
- Junior, E. (2017). *A crítica versus a Publicidade no Jornalismo Cultural Digital* [Relatório de estágio de Mestrado em Jornalismo, NOVA FCSH]. RUN. <http://hdl.handle.net/10362/51772>.
- Karppinen, K., & Moe, H. (2016). What we talk about when talk about “media independence”. *Javnost - The Public*, 23 (2), 105-119. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13183222.2016.1162986>.

Kristensen, N. (2010). The historical transformation of cultural journalism. *Northern Lights: Film Media Studies Yearbook*, 8(1), 69-92. https://doi.org/10.1386/NL.8.69_1.

Kovach, B., & Rosenstiel, T. (2005). Os elementos do jornalismo: o que os jornalistas devem saber e o público exigir. Porto Editora.

Kuiper, K. (2024, 12 de abril). *the arts*. Encyclopaedia Britannica. <https://www.britannica.com/topic/the-arts>.

Lemos, J. (2023, 8 de abril). A voz do director, não a do dono. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2023/04/08/opinio/opinio/voz-director-nao-dono-2045410>.

Lourenço, J., & Centeno, M. (2021). A cobertura jornalística do cinema: géneros e discursos jornalísticos nos *media* portuguesas em 2019. *Media & Jornalismo*, 21 (38), 223-239. https://doi.org/10.14195/2183-5462_38_11.

Maia, Andréa. (2014). *A cultura underground nas páginas do Jornalismo Cultural*. [Dissertação de Pós-graduação em Comunicação e Culturas Midiáticas, Universidade Federal da Paraíba]. Repositório da Universidade Federal da Paraíba. <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/tede/4484/1/arquivototal.pdf>.

Marques de Melo, J., & Assis, F. (2016). Gêneros e formatos jornalísticos: um modelo classificatório. *Intercom - RBCC*, 39 (1), 39-56. São Paulo: <https://www.scielo.br/i/interc/a/YYXs6KPXhp8d7pRvJvnRiDR/?format=pdf&lang=pt>.

Marques de Melo, J. *Jornalismo opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro* (3ª ed). Campos do Jordão: Mantiqueira.

McCombs, M. (2011). *The Agenda-Setting Role of the Mass Media in the Shaping of Public Opinion*. <https://www.researchgate.net/publication/237394610> *The Agenda-Setting Role of the Mass Media in the Shaping of Public Opinion*.

McCombs, M., & Shaw, D. (1972). The agenda-setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, 36, 176-187. https://www.researchgate.net/The_Agenda-Setting.

McLuhan, M. ([1964] / 2001). *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix.

Melo, I. (2007). *Jornalismo Cultural: Pelo encontro da clareza do jornalismo com a densidade e complexidade da cultura*. Repositório Digital da UBI. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/melo-isabelle-jornalismo-cultural.pdf>.

Miége, B. (2000). *Les industries du contenu face à l'ordre informationne*. Grenoble: Presses Universitaires de Grenoble.

Moreira, F. (2006). *Os valores-notícia no Jornalismo Impresso: análise das 'características substantivas' das notícias nos jornais Folha de São Paulo, o Estado de São Paulo e o Globo*. [Dissertação de Pós-graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <http://hdl.handle.net/10183/7773>

Moreira, R. (2012). *Jornalismo Cultural e/ou Agenda*. [Relatório de estágio de Mestrado em Jornalismo, Universidade do Porto]. Repositório Aberto. <https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/65992>.

Pacheco, N. (2018, 5 de Março). No princípio eram zeros. E assim nasceu um jornal. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2018/03/05/sociedade/noticia/no-principio-eram-zeros-e-assim-nasceu-um-jornal-1805157>.

Paiva, A. (2022). *Jornalismo Cultural na Era Digital: as práticas de produção jornalística: O caso do Gerador*. [Relatório de estágio de Mestrado em Jornalismo, UBI]. Repositório Digital da UBI. <http://hdl.handle.net/10400.6/13132>.

Pereira, V. (2015). *Desafios da Comunicação Cultural*. [Relatório de estágio de Mestrado em Ciências da Comunicação, NOVA FCSH]. RUN: <http://hdl.handle.net/10362/18899>.

Pina, A. (2014). *Indústrias culturais e criativas como facilitadoras da inclusão social: boas práticas*. [Trabalho de projeto de Mestrado em Comunicação Cultura e Tecnologia da Informação, Instituto Universitário de Lisboa]. Repositório do ISCTE. <http://hdl.handle.net/10071/10597>.

Piza, D. (2003). *Jornalismo Cultural*. São Paulo: Editora Contexto.

PÚBLICO (s.d.). Estatuto Editorial. <https://www.publico.pt/nos/estatuto-editorial>.

PÚBLICO (2023, 28 de fevereiro). PÚBLICO foi o diário mais lido em Portugal e cresceu 17% no digital. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2023/02/28/sociedade/noticia/publico-diario-lido-portugal-cresceu-17-digital-2040618>.

PÚBLICO (2023, 31 de Agosto). PÚBLICO aumenta circulação no primeiro semestre do ano e lidera assinaturas digitais. *PÚBLICO*. <https://www.publico.pt/2023/08/31/sociedade/noticia/publico-aumenta-circulacao-semestre-ano-cresce-digital-2061821>.

Ramírez, F. (2010). Fundamento de la especialización periodística. In I. Markina (Eds.), *La especialización en el periodismo* (pp. 11-26). Sevilla/Zamora: Comunicación Social. <https://books.google.pt/La especialización en el periodismo>.

Reis, B (2015, 5 de março). Dantes é que o jornalismo era bom. A sério?. *PÚBLICO*. <https://acervo.publico.pt/noticia/dantes-e-que-o-jornalismo-era-bom-a-serio-1687709>.

Reuters Institute. *Digital News Report Portugal 2023*. OberCom. https://obercom.pt/wp-content/uploads/2023/06/DNRPT_2023_Final_15Junho.pdf.

Rivera, J. (2003). *El periodismo cultural*. Buenos Aires: Paidós.

Robert, S. (2018). *O Jornalismo Cultural do PÚBLICO na Era Digital*. [Relatório de estágio de Mestrado em Jornalismo, NOVA FCSH]. RUN. <http://hdl.handle.net/10362/51213>.

Rodrigues, H. (2021). *Análise da cobertura jornalística da música portuguesa no Jornal Público*. [Relatório de estágio de Mestrado em Jornalismo, NOVA FCSH]. RUN. <http://hdl.handle.net/10362/123240>.

Santos, A. (2016). *Parcerias entre instituições culturais e órgãos de comunicação social: jornalismo de cultura ou promoção de eventos culturais?* [Dissertação de Mestrado em Ciências da Comunicação, Universidade do Porto]. Repositório Aberto: <https://hdl.handle.net/10216/87145>.

Santos, M. (1988). Questionamento à volta de três noções (a grande cultura, a cultura popular, a cultura de massas). *Análise Social*, vol.XXIV (101-102), 689-702. <http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/1223031340N1gDW0zb2Gm99PA2.pdf>.

Santos Silva, D. (2021a). *Innovation in european journalism: The case of cultural journalism*. ICNOVA - Instituto de Comunicação da NOVA Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. <https://colecaoicnova.fcsh.unl.pt/index.php/icnova/article/view/51>.

Santos Silva, D. (2021b). Inovação e Comunicação de Cultura: modelos narrativos emergentes. In J. Lourenço & P. Lopes (Eds.), *Comunicação, Cultura e Jornalismo Cultural* (pp. 51 - 70). Lisboa: NIP-C@M & UAL. <http://hdl.handle.net/11144/4751>.

Santos Silva, D., & Torres da Silva, M. (2017). Definições, tendências e marcas discursivas do jornalismo cultural. In C. Baptista (Eds.), *A cultura na primeira página. Uma década de Jornalismo Cultural na Imprensa em Portugal* (pp. 87-108). Lisboa: Escritório Editores.

Santos Silva, D. (2015). *Cultural Journalism in a Digital Environment: New Models, Practices and Possibilities* [Tese de Doutoramento em Media Digitais, NOVA FCSH, UT Austin | Portugal CoLab]. RUN. <http://hdl.handle.net/10362/17022>.

Santos Silva, D. (2014). A nova dimensão performativa do jornalismo cultural. Contributos do roteiro e da review. *Cultura na Primeira Página. O lugar da cultura no jornalismo contemporâneo*, 39-51. Lisboa, Portugal: Mariposa Azul. https://www.academia.edu/22305746/A_nova_dimens%C3%A3o_performativa_do_jornalismo_o_cultural_contributos_do_roteiro_e_da_review.

Santos Silva, D., & Torres da Silva, M. (2014). Trends and transformations within cultural journalism: A case study of newsmagazine Visão. *Observatorio*, 8(4), 171-185. <http://hdl.handle.net/10362/37170>.

Santos Silva, D. (2012). *Cultura e Jornalismo Cultural – Tendências e Desafios no Contexto das Indústrias Culturais e Criativas*. Lisboa, Portugal: Media XXI.

Santos Silva, D. (2009). Tendências do Jornalismo Cultural em Portugal. https://www.academia.edu/2448702/Tend%C3%AAncias_do_Jornalismo_Cultural_em_Portugal.

Scott, R. D. (1999). Bridging the cultural gap: How arts journalists decide what gets into the arts and entertainment pages. *Critical Quarterly*, 41(1), 46-55. <https://doi.org/10.1111/1467-8705.00212>.

Shaw, E. (1979). Agenda-Setting and Mass Communication Theory. *International Communication Gazette*, 25, 96-105. <https://doi.org/10.1177/001654927902500203>.

Silva, M. (2017). *Tensões entre o alternativo e o convencional*. [Dissertação de Pós-graduação em Jornalismo; Universidade Federal de Santa Catarina]. Repositório Institucional da UFSC. <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/185627>.

Sequeira, J. (2018). *Reflexão sobre a forma como a cobertura jornalística está ou não sensível, para as questões emergentes da cultura*. [Relatório de estágio de Mestrado em Jornalismo, NOVA FCSH]. RUN. <http://hdl.handle.net/10362/74914>.

Siqueira, D., & Siqueira, E. (2017). A cultura no jornalismo cultural. *Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação Universidade Federal de Juiz de Fora / UFJF*. <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/680>.

Stangl, A. (2016). Jornalismo cultural em tempos de cultura nas redes, interatividade e pós cultura. *Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação*. <https://periodicos.ufjf.br/index.php/lumina/article/view/21267/11568>.

Tavares, F. (2009). O jornalismo especializado e a especialização periodística. *Estudos em Comunicação n^o5*, 115.113. <https://pt.scribd.com/document/26575350/>.

Traquina, N. (2004). *A tribo jornalística. Uma comunidade transnacional*. Lisboa: Editorial Notícias.

Traquina, N. (1995). O Paradigma do Agenda Setting, Redescoberta do Poder do Jornalismo. *Revista de Comunicação e Linguagens - Comunicação e Política*. Lisboa, Edições Cosmos.

Tulha, A. (2012). *O jornalismo sentado e a dependência das agências: o caso da secção de Desporto do jornal PÚBLICO*. [Relatório de Estágio de Mestrado em Jornalismo, NOVA FCSH]. RUN. <http://hdl.handle.net/10362/9391>.

Tengarrinha, J. 1989. *História da Imprensa Periódica Portuguesa*. Lisboa: Editorial Caminho.

Torres da Silva, M. (2013). Estratégias enunciativas e retóricas do jornalismo cultural. *Jornalismo e Sociedade*, 704-708. <https://doi.org/10.34624/sopcom.v0i0.15475>.

Tylor, E. B. (1871). *Primitive Culture*. London: John Murray.

Tymieniecka, A. (1998). The artistic, the aesthetic and the function of art: what is and artwork supposed to be appreciated for?. *Analecta Husserliana*, vol. LIII, 271-286. Kluwer Academic Publishers. https://link.springer.com/chapter/10.1007/978-94-011-4900-6_19.

Williams, R. (2007). *Cultura. Palavras Chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo.

Guia

tecnologia

[publico.pt/tecnologia](#)

Tecnologia portuguesa está a criar forma de falar por “telepatia”

A *startup* portuguesa Unbabel apresentou um projecto que usa IA e informação muscular para ajudar as pessoas a comunicar através do pensamento

Ana Sofia Malheiro

Imagine poder comunicar só com o pensamento. Para a *startup* portuguesa Unbabel, é este o futuro da comunicação. A empresa de tradução automática está a explorar modelos de linguagem alternativa. Halo, o mais recente produto da tecnológica, usa inteligência artificial (IA) e sensores que medem a actividade eléctrica dos músculos para descodificar o que as pessoas querem. Isto é feito através de um pequeno aparelho que pode ser colocado no braço ou na cabeça (como uma bandolete ou halo). A informação é depois transmitida via texto ou voz.

Este sistema é visto como uma mais-valia para pessoas com dificuldades de fala agravadas – por exemplo, esclerose lateral amiotrófica (ELA), uma doença debilitante que acaba por levar à paralisia total. Foi apresentada no primeiro dia da Web Summit, que teve lugar esta semana em Lisboa.

“Há dois caminhos que levam a este projecto”, explica ao PÚBLICO Vasco Pedro. “O primeiro é a visão da IA como uma maneira de aumentar o cérebro humano. O outro foi a necessidade de comunicação em situações onde a parte verbal ou de escrita não é possível.”

Ao usar sensores EMG (electromiografia) e grandes modelos de linguagem (LLM), o Halo poderá substituir os actuais modelos de comunicação para pacientes com dificuldades de fala, baseados em rastreio ocular. Regra geral, estes sistemas seguem o movimento dos olhos das pessoas num teclado. A proposta da Unbabel é mais rápida e é facilmente usada no exterior.

“Há muitas línguas no mundo. Mas existe uma ‘língua original’, uma única língua universal, a que acontece dentro das nossas cabeças”, esclarece o líder da Unbabel. “Se olharmos para imagens por ressonância magnética funcional, percebemos que, ao pensar num objecto, mesmo que em línguas diferentes, as pessoas activam as mesmas zonas do cérebro.” O Halo descodifica este proces-



O Halo é um pequeno aparelho que pode ser colocado no braço ou na cabeça, como uma bandolete

so. Vasco Pedro compara o resultado a “telepatia”.

Oitenta palavras por minuto

Uma pessoa que não tenha dificuldades diz cerca de 125 palavras por minuto. Com a técnica de rastreio ocular, é possível chegar às dez palavras. O Halo permite 15, mas a meta são 80. Caso o projecto consiga exceder as 125 palavras, estaremos perante um “cenário sobre-humano”. Para Vasco Pedro, ter-se-ão criado “canais de comunicação mais eficientes do que a linguagem actual.”

O Halo já começou a ser testado. “O habitual puré de carne e fruta assada, amor”, respondeu Mário,

O Halo pode ajudar em vários cenários que envolvam dificuldades de comunicação

nome fictício, quando questionado sobre o jantar. Foi esta a primeira frase do primeiro paciente com ELA a testar a tecnologia, ainda na semana passada. “É uma interacção mundana, mas muito difícil para um alguém com ELA”, faz notar Vasco Pedro. Estima-se que mais de 200 mil pessoas no mundo vivam com ELA.

O sistema também permite recriar a voz dos utilizadores. A partir de mensagens de voz que foram enviadas por Mário antes da perda total da fala, a Unbabel conseguiu reproduzir o som da sua voz. “De acordo com a mulher, a voz está muito perto do que era”, diz Vasco Pedro.

O projecto conta com o apoio da Fundação Champalimaud, instituição dedicada à investigação biomédica avançada. Quanto ao futuro, Vasco Pedro adianta que os muitos pacientes interessados são muitos, mas que “a nível de produto, ainda há muito trabalho a fazer”. Além da ELA, o Halo poderá ajudar noutros cenários que envolvam dificuldades de comunicação, como a paralisia cerebral.

YouTube quer barrar IA que copia artistas

As editoras discográficas vão poder solicitar a remoção de vídeos e músicas no YouTube que usem vozes de artistas geradas por inteligência artificial, tendência recente. A plataforma de vídeos da Google está a criar uma ferramenta para denunciar conteúdo que copia a “voz única” de um artista.



Palavra do ano

Graças à inteligência artificial, “alucinar” é eleita palavra do ano

O dicionário de inglês Cambridge elegeu a palavra “hallucinate” (“alucinar”, em português) como palavra do ano de 2023 esta semana. O termo, associado à psicologia, ganhou um novo significado com a popularidade da inteligência artificial (IA) generativa, em que sistemas informáticos, como o ChatGPT, produzem conteúdo original a partir da análise de grandes bases de dados. Um dos problemas destes modelos é a alucinação: no mundo da tecnologia, a palavra descreve um fenómeno que acontece quando os chatbots produzem resultados que podem parecer plausíveis, mas que são factualmente incorrectos ou saem do contexto da questão. No site oficial da Universidade de Cambridge, Henry Shevlin, investigador de Ética na Inteligência Artificial, diz que a tendência atribuir características humanas à tecnologia (antropomorfização) se vai tornar cada vez mais comum.

WikiLeaks

Julian Assange foi tema no último dia da Web Summit

A advogada Stella Assange subiu ao palco da Web Summit no último dia da cimeira para lembrar o caso do marido, Julian Assange, o co-fundador da plataforma de denúncias WikiLeaks que está detido há quatro anos e meio numa prisão de alta segurança no Reino Unido. Um dos motivos é a divulgação de milhares de ficheiros secretos dos EUA que mostram o fracasso da guerra no Afeganistão e mortes de civis em ocorrências não registadas. Há anos que os Assange lutam contra a extradição do antigo responsável da WikiLeaks para os EUA, onde será julgado por violação da lei antiespionagem. “É acusado apenas de ter publicado ficheiros que revelaram crimes de guerra”, frisou a advogada Stella Assange.



Transição desportiva: como podem os transgénero competir?

Desde que o Comité Olímpico Internacional concedeu maior liberdade de decisão às várias federações, modalidades tais como a natação ou o atletismo têm adoptado regras mais severas

Ana Sofia Malheiro

De um lado, os direitos humanos. Do outro, a equidade desportiva. A inclusão na competição de atletas transgénero – que não se identificam com o género de nascença – é uma discussão acesa, principalmente em campeonatos femininos. É se no hipismo ou tiro ao alvo esta é uma não-questão – as competições são essencialmente mistas –, na maioria das modalidades, a oposição é justificada pelas características arquitecturais associadas a cada género. Ainda assim, o debate está também presente em modalidades de menor proeminência física, como o bilhar e até o xadrez.

Há pouco mais de um mês, em declarações ao jornal inglês *The Telegraph*, Alexandra Cunha assumiu que em provas femininas não aceitaria jogar “contra ninguém que tenha maçã-de-adão”. Embora a proeminência na cartilagem do pescoço seja associada ao género masculino, muitos homens não a têm. Por oposição, há mulheres cisgénero, que, tal como a jogadora de bilhar, nasceram e identificam-se com o género feminino, com diferentes graus de proeminência nessa região, fruto de variados factores genéticos e hormonais.

As declarações da jogadora surgem na sequência da vitória automática da transgénero Harriet Haynes, em resultado da desistência da também inglesa Lynne Pinches, na final do torneio *Champions of Champions*, no País de Gales.

Embora concorde que, no bilhar, “a diferença de resultados entre homens e mulheres é muito grande” – divergências que a jogadora portuguesa atribuiu à maior capacidade de especialização e ao diferente comprimento dos braços –, Ricardo Salgado, presidente da Federação Portuguesa de Bilhar (FPB), sublinha a “aceitação” do organismo.

Ao PÚBLICO, Salgado esclarece que a mensagem que contraria as orientações internacionais – “Que tentamos seguir, até porque assim o devemos” – são de uma jogadora portuguesa, mas não de Portugal, onde “o assunto não é polémico”. “Vive no Reino Unido há muitos anos, não compete em Portugal, nem por Portugal”, reforça.



Laurel Hubbard foi a primeira halterofilista transgénero a competir nos Jogos Olímpicos



Como há pessoas de maturação mais atrasada, a World Aquatics acrescentou o limite dos 12 anos. Mesmo sob a terapia hormonal, estes valores são bastante superiores aos de uma mulher cis

Tiago Barbosa
Director da Federação Portuguesa de Nataçao

Também no Reino Unido, em Novembro, Jamie Cook, presidente executivo da Angling Trust, organismo que promove campeonatos de pesca desportiva no país, vetou a participação “trans” nas competições femininas. Segundo Cook, o objectivo é o de “aumentar a participação das mulheres [cisgénero]”. À semelhança da natação, também a pesca adoptou a categoria “aberta”, onde todos podem competir.

O que esperar de Paris 2024?

A divisão por género nos Jogos Olímpicos é uma dinâmica relativamente recente – as mulheres só competem há 123 anos, sendo que os campeonatos exclusivos não foram uma realidade até 1928. Tiago Barbosa, direc-

tor da Federação Portuguesa de Nataçao (FPN), fala de uma “questão cíclica”. “Vieram as mulheres, depois os grupos de idade e os desportos adaptados, já depois da II Guerra Mundial”, explica. “Nesta altura são os ‘trans’ e futuramente surgirão outros grupos específicos”. Para os não-binários – pessoas que se identificam com ambos ou nenhum género –, as recomendações são praticamente inexistentes, mesmo com os Jogos de Verão à espreita – o início está marcado para 26 de Julho do próximo ano.

No que aos transgénero diz respeito, as soluções não são de agora. Inicialmente, eram os caracteres sexuais secundários que determinavam em que campeonato se compe-

tia. Mas como nem todas as mulheres “trans” optam pela cirurgia de redesignação sexual, o Comité Olímpico Internacional (COI) passou a medir os níveis de testosterona circulante. Segundo Tiago Barbosa, doutorado em Ciências do Desporto, “isto também não correu muito bem”, pois o valor máximo escolhido – 10 nanomol por litro – “não corresponde aos valores habituais das mulheres”, geralmente entre os 0,5 e 2,5. Em 2021, as várias federações passaram a poder definir regras específicas para as respectivas modalidades.

Pouco depois da polémica de Lia Thomas, a primeira transgénero a ganhar um título nacional universitário, a World Aquatics (WA) reconsiderou as regras. Hoje, uma →



Domingos da Cruz
“Os cidadãos angolanos
estão sozinhos. O mundo
jamais nos vai salvar”

[P10 a 13](#)

Série D de Democracia
Lembrar para não esquecer

[P14 a 17](#)



Direitos e igualdade: há cada vez mais cores nas famílias arco-íris em Portugal

[P04 a 09](#)

Anexo A.3 | Capa do P2. Reportagem elaborada em contexto letivo

Anexo B: Entrevistas completas

Anexo B.1. Entrevista Pedro Rios - Editor do suplemento Ípsilon (02/05/2024)

O binómio Cultura-Ípsilon compreende a larga maioria dos artigos sobre cultura, mas nem «tudo o que é cultura» - e citando o *slogan* do caderno cultural do jornal - está no Ípsilon. Em setembro de 2023, secções como o Ímpar, o P3, o Local, entre outras, desenvolveram quase 18% dos 371 escritos sobre cultura. Como é feita a gestão de quem cobre o quê?

R: Se o tema começou a ser coberto numa determinada secção, por um jornalista daquela secção, é normal que o continue a ser. Não é um grande critério, mas é um critério. Outras vezes tem a ver com a dimensão. Por vezes acha-se que certos assuntos são mais locais, uma exposição no Porto, por exemplo. Mas é certo que é um evento cultural. São regras não escritas, que se decidem naturalmente e que a experiência perpetua. Há uma espécie de divisão que não é muito óbvia, por vezes até precária, mas que não me parece interferir na experiência do leitor.

Se apenas tivermos em conta artigos culturais sobre expressões não artísticas - entre as quais insiro a mediatização sobre património, espaços culturais, questões sociais e históricas, etc. - a presença das restantes secções sobe para quase 36%. É caso para afirmar que o Cultura-Ípsilon ainda se centra no tratamento das belas-artes ou não necessariamente?

R: Eu acho que até temos um escopo largo do que é a cultura, mesmo que provavelmente focando mais na questão das obras de arte. Mas tudo o que são áreas de pensamento - filosofia ou antropologia - pode entrar. E temos uma cobertura bastante sistemática da política cultural, do património. Mas na arquitetura o P3 faz uma cobertura mais intensiva, de descobrir projetos interessantes. Nós ainda fazemos uma abordagem mais conversadora, além de fazermos muito menos (e devíamos fazer mais). O Ípsilon funciona mais numa lógica de revista, de programação ou propostas culturais: novos livros, novos espetáculos.

Agora em relação ao modo como se cobre cultura. Há muito que se problematiza a queda do arquétipo do tratamento jornalístico da cultura - a crítica. No PÚBLICO, o género ainda vinga, mesmo que vinculado à mercantilização dos tempos, já que está

quase sempre associado a um sistema de atribuição de estrelas. A que se deve tal sistema e porque acham ser um método relevante?

R: O Ípsilon distingue-se por essa carga mais crítica. Mas se tirares o cinema da equação, tens poucas [críticas]. E o que mais falta faz são as críticas literárias. Eu tendo a achar que é tudo por questões materiais. As condições em que trabalhamos - no jornalismo em geral e no jornalismo cultural em particular - tem vindo a piorar ao longo dos anos. Os orçamentos minguaram e muito desse trabalho é feito por colaboradores, que recebem à peça. Depois dos momentos de corte - e tem havido várias levadas de corte ao longo dos últimos anos -, nunca se retoma o degrau anterior. E é natural que se corte nessas colaborações à peça, o que acaba por reduzir o número de páginas de crítica. Gostávamos de ter mais crítica e crítica de outras coisas. Quanto às estrelas, eu sigo uma tradição. Não sei o porquê de ter surgido, mas acho que [as estrelas] fazem sentido, apesar de todos os seus problemas - a diferença entre três estrelas e meia ou quatro pode não ser nada e poderia ser diferente na semana seguinte, mas nós temos técnicas, falíveis como é óbvio, e tentamos que essa classificação seja o mais acertada e pensada possível. É mais informação que estás a dar, uma informação económica e que ajuda imenso as pessoas a guiar-se. Mesmo em algumas entrevistas é possível ver uma ficha com umas estrelinhas dadas ao livro, filme ou disco falado naquelas páginas. No Ípsilon essas coisas são ainda mais fluídas do que noutras secções. Eu acho que são úteis e as pessoas adoram ver estrelas.

Nesta ótica do jornalismo como serviço utilitário vale ressaltar um *modus operandi* do jornal, quase sempre relacionado à mediatização da literatura, na qual se apresentam os preços e os *links* para a compra do determinado bem cultural. A que se deve esta estratégia? Existe ligação com o facto da subsecção Leituras ser apoiada pela FNAC? A mesma lógica se aplica às pré-publicações de capítulos de livros?

R: Nós tínhamos o preço numa versão anterior dessas caixas, na altura com a Wook, e em que ganhávamos, aí sim, uma comissão sobre os produtos comprados a partir daquele *link*. Com a FNAC deixamos de ganhar essa comissão, a parceria é diferente. Tem esse lado de supermercado cultural, mas tem a ver com o acordo, que prevê isso. Mas nós não somos vendedores de produtos. Mesmo quando dizemos que um livro é muito mau, vem lá o *link* para comprar. Claro que o facto de haver menos dinheiro faz

com que haja menos críticas negativas, porque tens coisas mais importantes que queres que os leitores conheçam, o que alimenta essa ideia de supermercado. Há menos críticas negativas e devia haver mais. Devia haver tudo em mais. Mas as pré-publicações entram numa lógica diferente porque entram só no online e são conteúdos fechados que nascem da vontade de dar mais aos assinantes. Fazemos isso com livros que achamos bons - há um filtro jornalístico, mas não há um filtro crítico. E procura-se por diversidade para não ser tudo da mesma editora, do mesmo estilo, tenta-se ter um pouco de tudo.

Entre a amostra surgem também listas, referentes ao que se passará na televisão durante um certo dia ou fim de semana. Porque optam por cobrir estes temas e porquê este formato?

R: Isso são as pessoas do guia de lazer. Eu acho que aquilo não tem uma grande edição. Entra na Cultura mas não passa pela secção. Tal como os *podcasts*. São lógicas diferentes.

Ainda sobre os temas tratados: em setembro de 2023, as artes performativas, onde se inserem grandes Indústrias como a música e o cinema, representam quase 50% da amostra. Num total de 371 entradas, um terço centra-se apenas nestas duas áreas. O peso do cânone associado a estas Indústrias obriga à sua maior mediatização? Que esforços de heterogeneização estão entre a política e estratégia do jornal?

R: Eu não sei se tem a ver com o peso da Indústria. E acho que o cinema pode estar inflacionado porque as críticas são conteúdos, mas são pequenos conteúdos. No cinema existe a tradição - tanto no PÚBLICO como noutros [jornais] - de publicar quatro a cinco críticas sobre os filmes da semana, sejam os filmes bons ou... aí mantêm-se a tradição de dar más estrelas. Temos três pessoas [Jorge Mourinha, Luís Miguel Oliveira e Vasco Câmara] a cobrir, pelo que [a cobertura de cinema] fica menos dependente de orçamentos e disponibilidades. Aquilo funciona como um pequeno colégio, onde se dá as notas e se discute - não as notas, acho eu, mas quem faz o quê. Seria bom que outras áreas tivessem a mesma solidez. Na música, a engrenagem é mais fragmentada. Há semanas com muita música e outras com pouca. O Ípsilon é oscilante. Eu e quem edita tenta que haja diversidade, mas talvez o cinema e a música tenham um lugar cativo. Sinto que a literatura também, pelo menos no suplemento. No jornal diário a literatura não entra muito, a não ser quando os escritores morrem, o que é triste. Eu não diria que

estamos a reboque das agendas e das indústrias, mas claro que isso existe. As programações, por exemplo, passam mais por artes de palco e às vezes somos acusados, muitas vezes com razão, de não cobrir tão bem exposições ou de só cobrir o que acontece em Lisboa, um pouco no Porto, e de esquecer o resto do país. Acho que tem a ver com a preparação da equipa e pela música e cinema serem áreas mais fáceis de cobrir. E nós não ignoramos grandes fenómenos como festivais, aqui até mais na música do que no cinema. Mas tiveste filmes como a *Barbie* e o *Oppenheimer* que foram arrasados no Ípsilon. Não fizemos grandes trabalhos sobre estes filmes e, sobre uma lógica jornalística, eu até diria que se calhar devíamos ter feito, porque ambos concentraram muito interesse do público, o que era uma oportunidade. Isso sim seria ceder à indústria. Mas a indústria também são as pessoas. Há uma tensão entre o mercado, entre não ser refém do público e da música *pop*, por exemplo; e não a ignorar, o que nem sempre é bem resolvido. O tempo não é infinito, não podemos fazer tudo. Certo é que ninguém cobre Portugal por nós, enquanto a Taylor Swift é coberta em todo o mundo. Mas ignorá-la não é uma opção. Quer dizer, é uma opção, mas é criticável. Tudo é criticável. O Ípsilon vive nesta interseção de cultura de massas e cultura erudita. Eu gosto e acho que é uma riqueza, além de uma inviabilidade, porque só há um suplemento cultural. Se existissem vários - como no passado - o cenário seria outro, mas isso pressupõe recursos que simplesmente não temos. Eu acho que muitos leitores ficam desiludidos, porque não temos o que eles querem. O que também é questionável. Devemos ir à procura do que queremos, e assim validar, de alguma forma, os nossos gostos, ou devemos ler sobre o que não percebemos patavina? Quer se tanto do mesmo suplemento e da cultura em geral que, inevitavelmente, todos ficarão desiludidos.

Entendendo então que o jornalismo é também capaz de dar a conhecer novos mundos ao leitor; é impossível ignorar o modo como o jornalismo cultural é inalienável do que está mas também do que vai acontecer. Se comparamos a escrita sobre a atualidade com a antecipação, mais de 45% dos artigos de setembro mencionam álbuns, filmes ou livros ainda não estão disponíveis; ou mais um festival ou exposição ainda não iniciados. Qual a razão deste “relógio adiantado”?

R: Aí nota-se o peso das Indústrias. E tenta-se coincidir. Mas há áreas como a literatura onde o coincidir é mais difícil. Os livros chegam antes aos jornalistas para que tenhamos

acesso e possamos eventualmente fazer alguma coisa. Mas ler um livro leva o seu tempo. E trabalhar sobre o que acabámos de ler também. E isso nem sempre é compatível com o ritmo das chegadas às livrarias. Nas exposições, por exemplo, a pressão é maior. As exposições têm um tempo e publicar depois do seu fim não faz muito sentido porque as pessoas vão querer ir e não podem. Mas muitas vezes publicamos muito na véspera do fim, mesmo que eu ache que devemos evitar. Mas também não é preciso fazer para a inauguração, nem é possível. Cinema e música é o mais fácil de acertar. Na música também queremos publicar sobre um disco naquele dia não só pela sua importância como por sabermos que vão ser falados por muitos meios. Há uma sensação de cansaço e se nós publicarmos muito depois as pessoas poderão não ter paciência para o nosso artigo, porque já leram vários. Aí tenta-se publicar no dia ou até antes. Mas se forem discos de música *indie*, mais aventureira ou portuguesa, que não seja “obrigatório”, pode não sair no mesmo dia. Se o disco está a sair há também o lado da novidade, que faz parte do jogo e dos critérios de notícia. E por vezes seguimos um pouco essa agenda das Indústrias. O ideal seria termos mais trabalhos totalmente diferentes dessa lógica, como tivemos agora, e a propósito de 25 de abril, três textos sobre a arte feita desde 1974 nas áreas de cinema, literatura e música. Ao ter este lado histórico, não tem nada a ver com o que está a ser feito agora. Seria interessante ter mais mas também são trabalhos que dão muito trabalho a fazer e é difícil ter meios. Como queres cobrir a agenda, porque há coisas importantes a acontecer, e mesmo com o filtro, porque já não fazes uma boa parte, o que resta já vai consumir a tua equipa, o que não liberta tempo para trabalhos não associados a esta agenda cultural. E isto é verdade na cultura mas também em secções como a política. A rotina e a máquina têm esse lado castrador da imaginação e isso é verdade em todas as áreas.

E pode a agenda ser mais ou menos castradora consoante a dimensão do órgão de comunicação? Estas questões intrincam-se em jornais de menor alcance?

R: Na minha experiência a trabalhar em outros jornais, quanto menos recursos tens mais agarrado à agenda ficas. A não ser que tenhas um projeto tão diferente ou fora da atualidade e que não está no mesmo campeonato. Aí podes fazer os tais trabalhos fora da agenda. Mas possivelmente não vais ter escala para esses trabalhos. Por isso quanto maior, mais possibilidades tens de sair da agenda. Mas também há o risco de, e como

tens mais pessoas, cobrires a agenda mais intensamente. Os editores devem cobrir a agenda mas não alocarem toda a equipa a cobrir a agenda. Rotativamente, alguém tem de estar a fazer trabalhos que não sejam dessa agenda. Porque senão é muito fácil cair nela, há sempre muitas coisas. A agenda já te impõe um pensamento do que é importante porque são grandes ou estão num certo espaço. E tu podes só ir a reboque disso ou podes também tentar problematizar assuntos, o que é totalmente editorial. Deves estimular as pessoas a darem novas ideias e tens de dar tempo às pessoas. Porque se apenas mandas fazer, passam-se semanas, e os leitores até podem ficar satisfeitos, mas o que fazes é menos marcante. Eu cá acho que o Ípsilon é mais marcante quando identifica tendências ou pessoas culturais e mergulha em personagens que ainda não são ninguém, digamos assim. E isso não se faz em meia hora. Não se faz muito disto, mas quando se faz, é quando resulta melhor, é quando gera opiniões, o que foge um pouco à lógica da agenda cultural. É claro que a agenda cultural também fica contente porque estás a apostar em sangue novo. A partir do momento em que estamos a tratar de objetos comercializáveis há sempre alguém que pode ganhar com o que estamos a escrever, mas também pode perder.

Anexo B.2. Entrevista Maria Paula Barreiros - Coeditora de Cultura no jornal diário (07/05/2024)

O binómio Cultura-Ípsilon compreende a larga maioria dos artigos sobre cultura, mas nem «tudo o que é cultura» - e citando o *slogan* do caderno cultural do jornal - está no Ípsilon. Em setembro de 2023, secções como o Ímpar, o P3, o Local, entre outras, desenvolveram quase 18% dos 371 escritos com a tag “cultura”. Como é feita a gestão de quem cobre o quê?

R: Têm [a tag], mas não deveriam ter. As coisas que são Ímpar ou P3 devem estar apenas associadas aos respetivos canais satélite. Para ter a nossa tag deveria estar registado na nossa *desk*, isto no online. Mas os artigos de arquitetura do P3 eu até compreendo. Há também os temas partilhados. Imagina que o P3 está a fazer um trabalho que vai ser publicado - em papel - nas páginas da Cultura. Nós muitas vezes temos trabalhos com o P3, o Azul, canais sem lugar no papel e cujos trabalhos são divididos pelas secções, geralmente pela Sociedade, Cultura, Economia... E há determinados temas que, seja por sugestão nossa, minha e da Inês [Nadais], ou por sugestão das editoras do P3, acabam

por ter expressão na secção de Cultura. Imagina que nós atribuímos importância a um determinado tema mas sabemos de antemão que, naquela semana, não vamos ter mãos para o fazer. Se fizer sentido, pode ser o P3 a agarrar. E nós avisamos sempre, sobretudo o P3, mas também a Ímpar, quando queremos ser nós a desenvolver determinado tema. O mesmo com o Local, mais referente a problemas autárquicos, cuja resolução passaria pelas câmaras locais. É feito de mútuo acordo.

Ainda sobre setembro de 2023. Ao longo destes 30 dias, as artes performativas, onde se inserem grandes Indústrias como a música e o cinema, representam quase 50% da amostra. Num total de 371 entradas, um terço centra-se apenas nestas duas áreas. O peso do cânone associado a estas Indústrias obriga à sua maior mediatização?

R: Também temos um peso grande de literatura. Depende dos nomes envolvidos, na verdade - pelo menos na edição diária, embora haja, naturalmente, colaboração entre o diário e o suplemento. Depende da capacidade de mãos e sobretudo depende da pertinência do tema.

E em relação às restantes áreas culturais - e aqui incluo também as expressões não artísticas, como a filosofia ou a sociologia. Os esforços de heterogeneização estão patentes na política e estratégia do jornal?

R: Gostaria de responder que sim. Mas dou-te um exemplo muito concreto: a arquitetura. Nós deveríamos fazer como já fizemos, no passado, mas entretanto perdemos dois dos colaboradores de arquitetura, que tem a sua vida de docência. E neste momento, a arquitetura - que curiosamente, no PÚBLICO, tem sempre grande leitura - passa sobretudo por fotogalerias no P3. É errado. A nossa obrigação para com esta disciplina deveria ser muito mais apurada, deveríamos estar a fazer muito mais do que estamos a fazer. Porque arquitetura não é só isso. Claro que tu podes apresentar uma casa e é isso que te dá cliques. Mas a disciplina obrigaria a uma análise mais séria, a um outro tipo de trabalho. É uma área em que estamos em falta.

Continuando no modo como se cobre cultura. Há muito que se problematiza a queda da crítica. No PÚBLICO, o género ainda vinga, mesmo que vinculado à mercantilização dos tempos, já que está quase sempre associado a um sistema de atribuição de estrelas. A que se deve tal sistema e porque acham ser um método relevante?

R: No caderno diário estamos responsáveis pela crítica de [música] clássica, bem como pela crítica de dança, que durante algum tempo esteve mais em défice. Até porque nós tentamos que a crítica seja, obviamente, no dia seguinte ao concerto e isso não pode acontecer num suplemento semanal. Nós, diário, também fazíamos crítica de teatro, mas o nosso colaborador adoeceu e, neste momento, não temos ninguém para a fazer. E tudo quanto é crítica deverá ter estrelas associadas, pois dão valorização, selo de garantia, acho que é sobretudo isso.

E sendo, a crítica, um género que vive à base de colaborações externas, como é feita a gestão de quem critica, mas também do que e quando se critica?

R: A gestão da clássica, por exemplo, passa muito pelas sugestões do Pedro Boléo ou da Diana [Ferreira], agora também do Ricardo [da Rocha]. Passa sempre por uma gestão em que discutimos o que é que, neste mês, é fundamental fazermos. O nosso orçamento é muito muito baixo, estamos a falar só de colaboradores externos, e às vezes não é possível, em termos orçamentais, fazer tudo. Mas passa sempre por um diálogo com os mais envolvidos na área. Nós deixamos de ter crítica a discos de clássicos, por exemplo. Quem fazia, muitas vezes, era o Augusto Seabra, que está doente há muitos anos, pelo que deixou de fazer. Estamos a tentar voltar a ter.

Estando o diário responsável pela produção noticiosa, como é que se decide o que vai ser publicado como Lusa ou Reuters e o que vale escrutínio ou explicação própria?

R: Se vivêssemos no mundo ideal, qualquer tema mereceria um escrutínio próprio. Como sabemos, não vivemos no mundo ideal e nem sempre é viável. Por exemplo, nós ontem demos lusa, porque foi mais fácil, sobre a nova maestrina do Coro Gulbenkian, mas imediatamente, e pelo facto de darmos lusa, isso levou a um salto e eu pedi ao Ricardo [da Rocha] para desenvolver um trabalho mais sério sobre os 60 anos do Coro Gulbenkian. Isto acontece muitas vezes. Depois da lusa pegas num ângulo ou noutra e aí sim já vais fazer escrutínio próprio. Isso também se aplica àquilo que picámos da imprensa internacional. Ontem, por exemplo, falava-se do quadro do Caravaggio, que vai ser exposto no [Museu do] Prado e que chegou quase a estar em leilão por 1500 euros, em tudo o que era imprensa espanhola. Com certeza que picámos e acrescentamos mais coisas, até porque temos seguido o caso. Mas não invalida que inicialmente não tenhamos picado. Podes ter ali um primeiro *imput* que às vezes não é

nosso, mas que serve de primeiro arranque, e depois é preciso ter um pensamento, de acordo com a relevância do tema, que te leva a outro tipo de abordagem, essa sim feita por um jornalista do PÚBLICO.

Alguns textos também mencionam os comunicados para a imprensa de onde provém a informação, além do convite de uma certa organização ou instituição que possa ter motivado a cobertura de um dado fenómeno. É uma prática impreterível ou a quebra da “quarta parede” diz respeito à escrita de cada jornalista?

R: Sempre que vamos a convite temos de [mencionar]. É uma questão de transparência para com o leitor. E acho que tens sempre de mencionar que recebeste um comunicado. Mas a maior parte das instituições enviam comunicados para as redações, como é óbvio, têm de o fazer. E do teu lado, como jornalista, tens de dizer onde leste aquela frase que estás a citar. Isso, mais uma vez, é uma questão de transparência. Assim como quando estás a picar um texto de um outro jornal, tens sempre de atribuir o seu ao seu dono.

Estas questões - cobertura em muito centrada nas grandes Indústrias, diminuição do espaço crítico, dependência do conteúdo das agências - intrinca-se-iam se o PÚBLICO fosse um jornal de menor alcance?

R: Claro, porque se deve à capacidade financeira e de gestão da redação, de pessoas, de mão-de-obra.

Anexo C: Análise das peças jornalísticas

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Björk, uma extraterrestre muito cá da terra</i></u>	01/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Música	
<u><i>Reencontros com velhos amigos</i></u>	01/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	—	—	—	X	—	—	—	Música	
<u><i>Novos preços nos museus a partir desta sexta-feira</i></u>	01/09	Ípsilon	X				—	—	Preço	X	—	—	—	—	Património	—	
<u><i>Os desenhos que Alberto de Lacerda não colecionou chegaram ao Museu de Arte Antiga</i></u>	01/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Desenho	
<u><i>Do ar se faz música: Avant-garde Organ, de Cláudio Pina</i></u>	01/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Música	
<u><i>Os últimos "homens"</i></u>	01/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Desporto	—	
<u><i>Se me permitem, também quero dizer uma coisa</i></u>	01/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Desporto	—	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u>Jack Sonni morre aos 68 anos</u>	01/09	Ípsilon	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
<u>Entre celebração e melancolia, uns Blur magistrais no Meo Kalorama</u>	01/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	Música	
<u>Inspecção confirma problemas do Stop. Câmara quer que Protecção Civil encerre o edifício</u>	01/09	Local	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Espaço cultural	—	
<u>Surpreendentemente Saveria Constanzo, evidentemente Lanthimos</u>	01/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	(X)	—	(X)	—	—	Cinema
<u>MFA: aqui é a fotografia que é uma arma</u>	01/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Fotografia
<u>Músicos têm dez dias para sair do Stop</u>	01/09	Local	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Espaço cultural	—	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Restos humanos em museus: um tema complexo em que importa refletir</i></u>	02/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Arqueologia	—	
<u><i>A percussão em quatro capítulos num festival itinerante</i></u>	02/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	—	—	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>Uma viagem com cem anos, da sobrinha de Freud</i></u>	02/09	Ímpar	—	—	X	—	—	—	Preço Link para compra	—	—	—	—	—	—	Literatura	
<u><i>Cornucopia na Altice Arena: uma noite de imersão no universo esperançoso de Björk</i></u>	02/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Música	
<u><i>Florence + the Machine: uma celebração da vida no Meo Kolorama</i></u>	02/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Música	
<u><i>Gonzalo Torrente Ballester. À direita de Cervantes havia um lugar vago *</i></u>	02/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	Preço Link para compra	—	—	—	—	—	—	Literatura	

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<i>Morreu o músico Jimmy Buffett</i>	02/09	Ípsilon	—	X	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—
<i>Dicas para combater o tédio de ler um livro *</i>	02/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	Literatura
<i>Barbie in the Real World. Histórias de Barbies Reais</i>	02/09	Ímpar	X	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Questões sociais	—
<i>A sinfonia embriagante de Cooper: Maestro</i>	02/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	—	Cinema
<i>Fotojornalista português vence festival brasileiro</i>	03/09	P3	—	—	X	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	Fotografia
<i>Todos juntos a cantar com os Arcade Fire numa épica despedida do Meo Kalorama</i>	03/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Música
<i>Festival Burning Man: uma pessoa morreu e milhares estão presas por causa do mau tempo</i>	03/09	Ípsilon	—	X	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Música

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>The Smiths na playing list de um killer</i></u>	03/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	—	Cinema
<u><i>The Architect, quando trabalhar não chega para viver</i></u>	04/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	(+ Lista)	—	—	—	—	—	—	—	Televisão / Streaming
<u><i>Cadela foqe de casa e é fotografada em concerto dos Metallica</i></u>	04/09	P3	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
<u><i>Woody Allen, e a morte? “É um mau negócio”</i></u>	04/09	Ípsilon	X	—	—	X Pessoa	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Cinema
<u><i>Mafra acolhe Congresso Mundial do Carrilhão em 2026</i></u>	04/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto Debates Workshops	—	—	X	—	—	—	—	—	—	Música
<u><i>William Friedkin, Ryusuke Hamauchi e Sofia Coppola: foi boa esta sequência, Veneza</i></u>	04/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	(X)	—	(X)	—	—	Cinema

Artigo	Data	Secção	Agenda								Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial							Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais										
<i>Rui Moreira deixa sobrevivência do Stop nas mãos dos proprietários</i>	04/09	Local	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Espaço cultural	—	
<i>A câmara de Jerry Schatzberg atravessou o século XX</i>	04/09	Ípsilon	—	—	—	—	Ciclo	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Cinema	
<i>Novos concursos para directores dos museus nacionais abrem até final de Junho</i>	04/09	Ípsilon	X				—	—	—	—	—	—	—	—	—	Política cultural	—	
<i>Rolling Stones confirmam: novo álbum a caminho</i>	05/09	Ípsilon	—	—	—	Pessoa	—	Álbum	—	—	—	—	—	—	—	—	Música	
<i>A Bienal de São Paulo conta uma nova história de Fernão de Magalhães</i>	05/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Instalação Escultura Videografia	
<i>Festival Artes à Rua em Évora com 280 artistas e convidados em 26 espectáculos</i>	05/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	—	X	—	—	—	—	—	—	Teatro Música Dança	

Artigo	Data	Secção	Agenda						Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial					Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais									
<u><i>Diploma que cria programa de apoio à Rede Portuguesa de Arte Contemporânea já foi promulgado</i></u>	05/09	Ípsilon			X										Política cultural	—
<u><i>Barbie é mesmo o maior êxito de 2023 e pode salvar o ano cinematográfico</i></u>	05/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Cinema
<u><i>Teatro Nacional São Jorge terá em 2024 a dotação orçamental “mais elevada de sempre”</i></u>	05/09	Ípsilon			X										Política cultural	—
<u><i>Jeanne du Barry: A Favorita do Rei abre Festa do Cinema Francês</i></u>	05/09	Ípsilon	—	—	—	X	Festival	—	—	X	—	—	—	—	—	Cinema
<u><i>Edgar Morin em Lisboa: “Espera o inesperado”</i></u>	05/09	Mundo	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Sociologia Filosofia	Literatura
<u><i>Boa viagem, Mr. Sakamoto, sussurra-lhe este filme</i></u>	05/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Música Cinema

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<i>Em Guimarães, o desenho de Davana Lucas encontra-se com o de José de Guimarães</i>	05/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival Exposição	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Desenho Poesia Música	
<i>Cupertinos nos finalistas dos Prémios Gramophone com música de Pedro de Cristo</i>	05/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Música	
<i>Caso dos roubos no Museu Britânico: novo director e pedido de restituição vindo do País de Gales</i>	05/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Património	—	
<i>O chão que Carlos Bunga pintou de rosa na Bienal de São Paulo cheira a América Latina</i>	05/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Instalação	
<i>As esculturas musicais de Guadalupe Maravilla curam na Bienal de São Paulo</i>	05/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Escultura sonora Pintura Desenho Instalação	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Stop: Apelo à criatividade</i></u>	06/09	Local	X	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Espaço cultural	—	
<u><i>Edição comemorativa dos 30 anos de In Utero dos Nirvana reúne 53 inéditos</i></u>	06/09	Ípsilon	—	—	X	Pessoa	—	Álbum	—	X	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>Priscilla Presley: Elvis foi “o amor da minha vida”</i></u>	06/09	Ímpar	X	—	—	Pessoa	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Cinema	
<u><i>Umberto Eco — A Biblioteca do Mundo. Para Eco, o mundo é um livro</i></u>	06/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Documentário)	—	—	—	X	—	—	—	Cinema (Documentário)	
<u><i>Mais uma autobiografia de Maya Angelou e as peças de Manuel António Pina *</i></u>	06/09	Ímpar	—	—	—	—	—	Livro	Lista	—	—	—	—	—	—	Literatura	
<u><i>Deezer e Universal assinam acordo para uma “mudança radical” no streaming</i></u>	06/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Indústria	—	

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Alain Corbin: “O grande século do repouso chegou ao fim” *</i></u>	06/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	Preço	—	—	—	—	X	—	História	Literatura
<u><i>Scorsese, Schrader e mais 200 querem continuar com Chatrian em Berlim</i></u>	06/09	Ípsilon	X	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Cinema
<u><i>O regresso dos Rolling Stones: “cólera e repugnância” temperadas com canções de amor</i></u>	06/09	Ípsilon	—	—	—	Pessoa	—	Álbum	—	—	—	—	—	—	—	—	Música
<u><i>A música poderá deixar o M.Ou.Co para se abrir a porta a nómadas digitais</i></u>	06/09	Local	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Espaço cultural	Música
<u><i>O que esperar de uma rede nacional de teatros?</i></u>	06/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Política cultural	—
<u><i>Os filmes não são bons? Têm é de ser necessários, mostra o Festival de Veneza</i></u>	06/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	—	Cinema

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda								Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial							Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais										
<i>Roomful of Teeth, a banda que reinventa o potencial ilimitado da voz</i>	06/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Música	
<i>Os meninos de água</i>	07/09	Opinião	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Streaming Literatura Música	
<i>Maia Blues Fest quer “atrair gente cada vez mais jovem para o blues”</i>	07/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	—	Música	
<i>A máquina de escrever salazarista que Raquel Lima levou à Bienal de S.P.</i>	07/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Videografia / Instalação	
<i>A despedida grandiosa de jaimie branch</i>	07/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Música	
<i>Gravações de Bob Dylan de três dos seus clássicos em “venda privada” na Christie’s</i>	07/09	Ípsilon	—	—	—	Pessoa	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	Música	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Love + Pop, de Current Joys: canções para o eremoceno</i></u>	07/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Música	
<u><i>A livre iniciativa nazi — Livres de Obedecer, de Johann Chapoutot *</i></u>	07/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	Preço Link para compra	—	—	X	—	—	—	História	Literatura
<u><i>Venham Mais Cinco de José Afonso nomeada para prémio da crítica alemã</i></u>	07/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>Daaaaaali! é Quentin Dupieux do melhor</i></u>	07/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	Cinema	
<u><i>Victor de Oliveira volta a escavar no passado comum de Moçambique e Portugal</i></u>	07/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Teatro	
<u><i>Festival Lisboa Mistura adiado por causa da chuva</i></u>	07/09	Ípsilon	X			—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Música	

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda								Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística	
			Atualidade			Antecipação												
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais										
<u><i>Cheque-livro para jovens: “Importa ser bem executado” para durar além de 2024*</i></u>	07/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Política cultural	—		
<u><i>O corpo negro, indígena e queer na “improvável” (não impossível) Bienal de São Paulo</i></u>	07/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	(X)	—	Questões sociais	—		
<u><i>Telemarketers. A lenda do telemarketing que se tornou numa lenda da TV</i></u>	07/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	Streaming		
<u><i>Eleanor Catton: “Vejo muito nihilismo na esquerda (...). E sou de esquerda”*</i></u>	07/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	Preço	—	—	—	—	X	—	Literatura		
<u><i>Os Bela Noia garantem que Os Miúdos Estão Bem e reafirmam-no com Canção da Lua</i></u>	08/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	Álbum	—	—	—	—	—	—	—	Música		

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Playing Robots into Heaven: o “regresso às raízes” de James Blake</i></u>	08/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Música	
<u><i>Na banda desenhada de Joana Mosi criam-se ligações *</i></u>	08/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Preço	—	—	(X)	—	X	—	—	Banda Desenhada	
<u><i>Burna Boy. A volta de glória do gigante africano</i></u>	08/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	—	Música	
<u><i>A mais bela profissão do mundo</i></u>	08/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Questões sociais	—	
<u><i>Florença. Turista entra em fonte para tirar fotografia e danifica estátua centenária</i></u>	08/09	Fugas	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
<u><i>No passa nada</i></u>	08/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Questões sociais	—	
<u><i>A nova livraria de Lisboa é dedicada a obras produzidas por mulheres</i></u>	08/09	P3	X	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Questões sociais	—	

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<i>Sunny Garden, um festival de artistas “das seis da tarde” que nasce no Porto</i>	08/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	Preço	—	—	—	—	—	—	Música	
<i>Neste concurso, basta uma ilustração sobre saúde para ganhares mil euros</i>	08/09	P3	Divulgação						—	—	—	—	—	—	—	Desenho	
<i>Um homem e uma mulher, Da ba da ba da, e um solo trans</i>	08/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	Cinema	
<i>Poor Things e mais coisas, algumas selvagens, de Veneza 80</i>	08/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Cinema	
<i>A curiosidade de Marcus Lindeen interroga a identidade</i>	08/09	Ípsilon	—	—	—	—	Peça	—	—	—	—	—	—	(X)	—	Teatro	
<i>Afastamento de directora de museu polaco gera indignação internacional</i>	08/09	Ípsilon	X				—	—	—	—	—	—	—	—	—	Política cultural	—

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Vivam os Rolling Stones!</i></u>	09/09	Ípsilon	X	—	—	Pessoa	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Música	
<u><i>Apologia do velho do Restelo</i></u>	09/09	Opinião	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Questões sociais	Literatura	
<u><i>Sustos de vários tamanhos</i></u>	09/09	Ímpar	—	—	—	—	Festival	—	Enumeração Preço / Link para compra	—	—	—	—	—	—	Cinema	
<u><i>A swinging art de Ruy Leitão</i></u>	09/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	Pintura	
<u><i>Morreu Domenico de Mais, sociólogo que nos mostrou o “ócio criativo”</i></u>	09/09	Ípsilon	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
<u><i>Poor Things, de Yorqos Lanthimos, recebe o Leão de Ouro de Veneza</i></u>	09/09	Ípsilon	—	—	X	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Cinema	
<u><i>Cinquenta anos da Leica, em Famalicão, pela lente e voz dos seus trabalhadores</i></u>	10/09	P3	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	Fotografia	
<u><i>Sardinha em lata portuguesa brilha na Times Square onde é uma velha conhecida</i></u>	10/09	Fugas	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Gastronomia	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u>Comité do Património Mundial da UNESCO inicia reunião para determinar novas classificações</u>	10/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Património	—	
<u>Tudo o que passa pela cabeça de Caetano Veloso, num espectáculo perfeito</u>	10/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	X	—	—	—	Música	
<u>Sismo em Marrocos provocou vários danos em monumentos históricos</u>	10/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Património	—	
<u>Os vampiros de What We Do in the Shadows ainda não se esgotaram</u>	11/09	Ípsilon	—	—	—	—	Série	Série	(+ Lista)	—	—	(X)	—	—	—	Streaming	
<u>O Canto do Cisne de Júlio Cardoso tem as chaves da memória do teatro português</u>	11/09	Ípsilon	—	—	X	—	Peça	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Teatro	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Cantora chinesa causa indignação com canção russa nas ruínas de Mariupol</i></u>	11/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
<u><i>Brandon Cronenberg no MOTELX: quem sai aos seus não degenera</i></u>	11/09	Ípsilon	—	—	—	X	Festival	Filme	—	—	—	—	X	—	—	Cinema	
<u><i>Festival Iminente que reflectir sobre uma Lisboa “sem margens, só com centros”</i></u>	11/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	Enumeração	X	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>Câmara do Porto irredutível: Stop fecha portas no dia 22 de Setembro</i></u>	11/09	Local	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Espaço cultural	—	
<u><i>O MOTELX leva sete dias de terror ao Cinema São Jorge</i></u>	11/09	Ípsilon	—	—	—	X	Festival	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Cinema	
<u><i>O Outono dos festivais de cinema bate à porta</i></u>	12/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Cinema	

Artigo	Data	Secção	Agenda								Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística	
			Atualidade				Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais										
<u>UNESCO diz que danos no património após sismo em Marrocos são maiores do que o esperado</u>	12/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Património	—	
<u>O Chalet Ficalho é o Prémio Vivalva 2023</u>	12/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Arquitetura	
<u>Terça na TV: Um sonho polémico, homens de kilt e prémios MTV</u>	12/09	Ípsilon	—	—	—	—	Cerimónia	—	Lista	—	—	—	—	—	—	—	Televisão / Streaming	
<u>Desconfia: Joana Marques anuncia espectáculo que satiriza mundo do “coaching”</u>	12/09	Ípsilon	—	—	—	—	Espetáculo	—	Preço	—	—	—	—	—	—	—	Comédia	
<u>A temporada do Teatro Viriato vai da estupidez humana à urgência climática</u>	12/09	Ípsilon	—	—	—	—	Peça Concerto	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	—	Teatro Música	
<u>“Tenho de trabalhar para os filhos do primeiro público do Teatro Viriato”</u>	12/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	Teatro	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Festival em Évora leva para a rua espectáculos de música, circo, teatro e dança</i></u>	12/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	Enumeração	X	—	—	—	—	—	Música Dança Teatro Circo	
<u><i>Laura Cardoso faz 96 anos sentindo-se uma estrela e crítica nova leva de actores</i></u>	12/09	Ímpar	—	—	X	Pessoa	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Televisão	
<u><i>O Van Gogh roubado durante a pandemia foi devolvido dentro de um saco azul do Ikea</i></u>	12/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
<u><i>Câmara de Braça gastou meio milhão em rendas de cineteatro que agora vai comprar</i></u>	12/09	Local	X				—	—	—	—	—	—	—	—	Património	—	
<u><i>“Romântico e misterioso”, eis o Chalet Ficalho, o prémio Vivalva de 2023</i></u>	12/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Arquitetura	

Artigo	Data	Secção	Agenda								Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial							Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais										
<u><i>Maria João Pires apresenta ciclo Shubertiades na Philharmonie de Paris</i></u>	12/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	X	—	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>Em ano de centenário, falta ler Natália Correia</i></u>	13/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	Literatura		
<u><i>Natália Correia, uma deputada contra a prostituição das consciências</i></u>	13/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Política	—		
<u><i>Festival Lumière estreia o restauro de As Ilhas Encantadas</i></u>	13/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	Filme	—	—	—	—	—	—	—	Cinema		
<u><i>A lista de candidatos ao Prémio Femina ainda é longa, mas Lídia Jorge está lá</i></u>	13/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Literatura		
<u><i>Ecos de Trovas, do compositor Luís Neto da Costa, vence Prémio Francisco de Lacerda</i></u>	13/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Música		

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Cultura portuguesa mostra-se em 80 iniciativas em Espanha até ao fim do ano</i></u>	13/09	Ípsilon	X				—	—	—	X	—	—	—	—	Política cultural	—	
<u><i>Tudo converge, tudo é graça em Honq Sang-soo</i></u>	13/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	—	X	—	—	—	Cinema	
<u><i>Debaixo das Figueiras. Um esquivam-se, as outras não</i></u>	13/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	—	X	—	—	—	Cinema	
<u><i>Mistério em Veneza. Poirot deu para o gótico</i></u>	13/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	—	X	—	—	—	Cinema	
<u><i>Don Juan de Serge Bozon: um obscuro objecto sobre o desejo</i></u>	13/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	—	X	—	—	—	Cinema	
<u><i>Estátua de Camilo no Porto pode sair do espaço público após petição que invoca questões de gosto e moral</i></u>	13/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Património	—	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Gilmário Vemba será o novo apresentador do 5 Para a Meia-Noite da RTP</i></u>	13/09	Ípsilon	—	—	—	—	Espetáculo	Programa	—	—	—	—	—	—	—	—	Televisão
<u><i>Beja, Aveiro, Elvas e Tavira acolherão Coleção de Arte Contemporânea</i></u>	13/09	Ípsilon	—	—	—	—	Exposição	—	—	X	—	—	—	—	—	Política cultural	—
<u><i>A Tempestade de Shakespeare como nunca se viu e ouviu em Portugal</i></u>	13/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	Teatro
<u><i>RTP vai festejar 40 anos de O Tal Canal e 50 anos de carreira de Herman José</i></u>	13/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	Programa Série	Enumeração	—	—	—	—	—	—	—	Televisão
<u><i>Neste Festival Informal de Ópera há “textos de gente viva” e em lugares inesperados</i></u>	14/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Música
<u><i>Encontros da Imagem regressam a olhar para o futuro do planeta e cultura</i></u>	14/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Fotografia

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Cinco dias de concertos a atravessar Lisboa</i></u>	14/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	Enumeração Preço	—	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>Quinta na TV: Um vice-presidente, um Tarzan lisboeta e uma supermodelo</i></u>	14/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Série	Lista	—	—	—	—	—	—	Televisão / Streaming	
<u><i>Historiador de arte Vítor Serrão defende candidatura de Fátima a Património da Humanidade</i></u>	14/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Património	—	
<u><i>Mal Viver de João Canijo é candidato a uma nomeação para os Óscares</i></u>	14/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Cinema	
<u><i>“Ser freak é mesmo chic”. Nos bastidores dos espectáculos de Gaultier, a celebrar a moda e a vida</i></u>	14/09	Ímpar	Convite				Espetáculo	—	Preço	—	—	—	X	—	—	Moda	
<u><i>Prémio Oceanos divulga os 41 semifinalistas</i></u>	14/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Literatura	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Festival Literário de Ovar: onde os leitores são os protagonistas</i></u>	14/09	Ímpar	—	—	—	—	Concerto	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Literatura Música	
<u><i>Museu alemão cria horário para pessoas “não brancas” — e a direita reagiu mal</i></u>	14/09	P3	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Política	—	
<u><i>Falta tempo e dinheiro para maior consumo cultural em Lisboa, diz estudo</i></u>	14/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Questões sociais	—	
<u><i>A decisão de renúncia ao mundo na trilogia de Elmano Sancho</i></u>	14/09	Ípsilon	—	—	—	—	Peça	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Teatro	
<u><i>Pedro Sobrado presidirá a empresa que vai gerir museus e monumentos</i></u>	14/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Política cultural	—	
<u><i>Obra da série Avestruzes Bailarinas de Paula Rego vai a leilão</i></u>	14/09	Ípsilon	—	—	X	—	Leilão	—	—	X	—	—	—	—	—	Pintura	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u>Woody Allen e Ricardo Araújo Pereira em Lisboa: a cena das laostas em Annie Hall</u>	14/09	Ípsilon	X	—	—	Pessoa	Concerto	—	—	—	—	X	—	—	—	Cinema Literatura Comédia	
<u>Nova petição pede que estátua de Camilo no Porto fique onde está</u>	14/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Património	—	
<u>Em The Talking Car não sabemos se há passado ou futuro. Ainda bem</u>	14/09	Ípsilon	—	—	—	—	Peça	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Teatro	
<u>Festa do Outono de Serralves acontece dias 23 e 24 e celebra 100 anos de Parque</u>	14/09	Azul	—	—	X	—	Festividade	—	—	X	—	—	—	—	Cestaria Feltragem Tecelagem Trabalho em lã	Música Literatura Fotografia	
<u>Rentrée na televisão. Séries para ver nos próximos meses</u>	14/09	Ímpar	—	—	—	—	—	Série	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Televisão / Streaming	
<u>O sol do futuro chega para a rentrée? O que vem aí no cinema</u>	14/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Filme	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Cinema	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Rentrée no teatro e na dança: guerrilha, feijoadas, tudo o que cabe num palco</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	Peça Espetáculo	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Teatro Dança	
<u><i>Gust, a peça grunge de Francisco Camacho, regressa mais à beira do abismo</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	Espetáculo	—	—	—	—	(X)	—	—	—	Dança	
<u><i>Enterrar o Verão, mergulhar na rentrée: o que vem aí na cultura</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival Peça Espetáculo Exposição	Álbum Livro Filme Série	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Música Literatura Cinema Televisão Dança Teatro Escultura	
<u><i>De Joana Vasconcelos a Bruyckere: a rentrée na arte contemporânea</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	Exposição	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Escultura Pintura Dança Fotografia Instalação	
<u><i>O que traz a rentrée literária? Salman Rushdie e outras (boas) histórias*</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Livro	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Literatura	
<u><i>Rentrée na música. Os discos, os concertos, os festivais a chegar</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	Álbum	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Música	

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Da música aos livros e ao cinema: o que não podemos perder na rentrée cultural</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	Exposição	Álbum Livro Filme Série	—	—	—	Podcast				—	Música Literatura Escultura Pintura Streaming Teatro Dança
<u><i>O Festival Interferência está habitado por árvores, pássaros, ruídos</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	Dança Instalação
<u><i>Sexta na TV: Um cão chamado Keanu, um Pinochet zombie e a história do Viagra</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Série Documentário	Lista	—	—	—	—	—	—	—	Televisão / Streaming
<u><i>João Couto abre Caixas, enquanto passeia as Canções Sobre o Meu Carro e o Meu Quarto</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	—	Música
<u><i>A estúpida economia</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Política Economia
<u><i>Cardoso Pires nunca escreveu O Delfim</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Política

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Antes de se mostrar Fora de Formato, Nuno Melo traz-nos amor e nostalgia em Polka dot</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Álbum	—	—	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>Arte contemporânea e território: panorâmica e desafios actuais</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Política cultural	—	
<u><i>Publicado diploma que cria apoio às artes</i></u>	15/09	Ípsilon	X				—	—	—	X	—	—	—	—	Política cultural	—	
<u><i>Câmara do Porto vai retirar estátua de Camilo do Largo Amor de Perdição</i></u>	15/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Política cultural	—	
<u><i>O Porto já é uma distopia</i></u>	15/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Política cultural	—	
<u><i>Rui Moreira reverte decisão de remoção da estátua de Camilo</i></u>	15/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Política cultural	—	
<u><i>LuizGa e Edgar Valente estreiam parceria com Haux Haux, a anunciar o álbum Aiê</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	Álbum	—	—	—	—	—	—	—	Música	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Esta Pirâmide do Tempo só vai ficar pronta no ano 3183 — por agora, contam-se quatro blocos de betão</i></u>	15/09	P3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Escultura	
<u><i>Porto: quartel de Monte Pedral acolhe arte urbana</i></u>	15/09	Local	—	—	—	—	Festival	—	—	—	—	—	—	—	—	Música Gráfico	
<u><i>Morreu Fernando Botero, pintor e escultor que acreditava na arte que cria prazer</i></u>	15/09	Ípsilon	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
<u><i>Colecção de Arte Contemporânea do Estado receberá este ano mais 50 obras de 35 artistas</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Obra	—	X	—	—	—	—	—	Política cultural Videografia Pintura Desenho Instalação Escultura Mixed Media Performance Fotografia	
<u><i>Natália: os subalimentos do sonho uniram por instantes um Parlamento dividido em quase tudo</i></u>	15/09	Política	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Política	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>António Campos filmou o passado e o presente de uma aldeia sem futuro</i></u>	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	Sessão de documentário	Documentário	—	—	—	—	—	—	—	Cinema	
<u><i>Oxycontin: a morte saiu à rua (ou como os Sackler drogaram uma nação inteira)</i></u> *	15/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	Preço Link para compra	—	—	X	—	—	—	Literatura	
<u><i>A estátua de Camilo e o irrevogável de Moreira</i></u>	15/09	Opinião	X	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Património	—	
<u><i>Fritz Kahn: “O maior prémio que ganho da música é liberdade”</i></u>	16/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	—	X	—	Música	
<u><i>O Turim está de volta para “abraçar o passado no presente e olhar para o futuro”</i></u>	16/09	Local	—	—	X	—	Peça Sessão de cinema e stand up Conversa Concerto	—	Enumeração	—	—	—	(X)	—	Património	—	
<u><i>Em Braça, o Itinerarium quer avivar o conhecimento sobre a história local</i></u>	16/09	Local	—	—	—	—	Visita iconográfica, religiosa e gastronómica	—	Enumeração	—	—	—	—	—	Património	—	

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Exposição dá a conhecer o que pensam (e sonham) os aveirenses</i></u>	16/09	Ípsilon	—	—	—	—	Exposição Peça Espetáculo Concerto	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Teatro Dança Música	
<u><i>Fim-de-semana na TV: de terras com e sem lei ao assassino do zodíaco</i></u>	16/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	Lista	—	—	—	—	—	—	Televisão / Streaming	
<u><i>Encontros Sonoros Atlânticos Francisco de Lacerda têm início este sábado em Lisboa</i></u>	16/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	Enumeração	X	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>Momentos que nunca se repetem</i></u>	16/09	Ímpar	—	—	—	—	—	Livro	Preço	—	—	—	—	—	—	Literatura	
<u><i>A União Negra das Artes vem o Terreiro combater o racismo que “continua em curso”</i></u>	16/09	Ípsilon	—	—	—	—	Conversa	—	—	X	—	—	—	—	Questões sociais	—	
<u><i>Estátuas e espaço público (novamente)</i></u>	16/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Política cultural	—	
<u><i>Spolia Pauper, de Rafael Sousa Santos: absolutamente na margem*</i></u>	16/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	Preço Link para compra	—	—	X	—	—	—	Literatura	

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<i>Os "corpos estranhos, como enqenhos fora do tempo", de Rafael Sousa Santos *</i>	16/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	Preço Link para compra	—	—	—	—	X	—	—	Literatura
<i>Em Genebra, esta pintura gigante pede um mundo sem armas à ONU</i>	16/09	P3	X	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Questões sociais	Pintura
<i>Mais dois monumentos ucranianos na lista de património em perigo da UNESCO</i>	16/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Património	—
<i>Edições de bolso e infanto-juvenis: como um grande grupo vê o futuro do livro em português *</i>	16/09	Ímpar	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Literatura
<i>Prémios para os alunos, recados para os "esquecidos": é preciso proteger o mirandês</i>	17/09	Local	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	Património	—

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<i>Greve em Hollywood está a custar milhões, mas actores e escritores recusam-se a ceder</i>	17/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Cinema	
<i>“Stevie Wonder, um génio?”: fundador da Rolling Stone afastado do Rock & Roll Hall of Fame</i>	17/09	Ípsilon			X			—	—	X	—	—	—	—	—	Música	
<i>Gabriel Abrantes fez um filme de terror “a sério” — quem diria?</i>	17/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Cinema	
<i>O cinema real despertou memórias nos sobreviventes de Vilarinho da Furna</i>	17/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Cinema (Documentário)	
<i>Uma polémica “à Porto”</i>	18/09	Opinião	X	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Política cultural	—	
<i>Charraz, Fialho e Úria convocam uma Reunião de Condomínio para ver e ouvir</i>	18/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	Livro-disco	—	—	—	—	—	—	—	Música	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u>O que esconde o hotel The Continental de John Wick? A série explica</u>	18/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Série	(+ Lista)	—	—	—	—	—	—	—	Televisão
<u>De Império vence melhor curta portuguesa no festival MOTELX</u>	18/09	Ípsilon	—	—	X	X	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	Cinema
<u>Segunda na TV: uma Professora Baldas, uma luz no corredor e um Chef de Serviço</u>	18/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Série Programa	Lista	—	—	—	—	—	—	—	Televisão / Streaming Gastronomia
<u>Os alfarrabistas das margens do Sena recusam-se a sair durante os Jogos Olímpicos *</u>	18/09	Ímpar	X				—	—	—	(com AFP)	—	—	—	—	—	Património Questões sociais	—
<u>O trailer da Viennale 2023 é de Pedro Costa</u>	18/09	Ípsilon	—	—	—	X	Festival	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Cinema
<u>“Musk é duro e até cruel. Não acho que os seus feitos o desculpem” *</u>	18/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	Preço Link para compra	—	—	—	—	X	—	—	Literatura

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u>Quantas vezes um homem pensa no Império Romano? Muitas, aparentemente</u>	18/09	P3	Artigo emprestado do <i>The Washington Post</i>							—	—	—	—	—	História	Questões sociais	—
<u>Doçlisboa abre com a catarse de man in Black, de Wang Bing</u>	18/09	Ípsilon	—	—	—	X	Festival	Filme	—	—	—	—	—	—	—	—	Cinema
<u>Como as bibliotecas e as formações ajudam a melhorar a escola</u>	18/09	Ímpar	Convite				—	—	—	—	—	—	(X)	—	Questões sociais	Literatura	
<u>Pedro Sobrado: nova empresa de gestão de museus e monumentos "terá de ter ambição estratégica"</u>	18/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	Política cultural	—	
<u>Alguns herdeiros querem travar trasladação de Eça de Queiroz. Parlamento mantém data</u>	19/09	Ípsilon	X				—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Liza Lim: “Fazer música é uma colaboração com uma entidade viva, o som”</i></u>	19/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Obra	—	—	—	—	—	X	—	Música	
<u><i>Nesta obra, até o plástico se pode ouvir</i></u>	19/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	Obra	—	—	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>Concertos, teatro e Di's animam festival dedicado a quem tem cabelos brancos</i></u>	19/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	Enumeração	—	—	—	—	—	Desporto	Música Teatro	
<u><i>Deputada independente diz que Porto perdeu com polémica da estátua de Camilo</i></u>	19/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Política cultural	—	
<u><i>Terça na TV: O Santo das Segundas Oportunidades, Kim e Kanye, e Maria Judite de Carvalho</i></u>	19/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Série Documentário	Lista	—	—	—	—	—	—	Televisão / Streaming	
<u><i>O regresso dos Folk Implosion, quase 25 anos depois da implosão</i></u>	19/09	Ípsilon	X				—	—	—	—	—	—	X	—	—	Música	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura		
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística	
			Atualidade				Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais										
<i>O Conde. Por favor, Pablo Larraín, não nos morda mais o pescoço</i>	19/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	
<i>O estudante negro</i>	19/09	Opinião	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Questões sociais	
<i>UNESCO aprova ampliação da zona classificada como património mundial em Guimarães</i>	19/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	Património	
<i>Os alunos denunciaram-na por falar de raça. Poderá confiar neles?</i>	19/09	Ímpar	Artigo emprestado do <i>The Washington Post</i>							—	—	—	—	—	—	—	Questões sociais	
<i>Fundação Eça antecipa trasladação com programa evocativo do escritor</i>	19/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	Enumeração	X	—	—	—	—	—	—	Literatura
<i>Oppenheimer já é o biopic mais rentável de sempre</i>	19/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Cinema
<i>Museu da Imprensa de Faro vai ser instalado no antigo espaço da Tipografia União</i>	19/09	Local	—	—	X	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	Política cultural

Artigo	Data	Secção	Agenda								Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística	
			Atualidade				Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais										
<i>Afinal, a Sagrada Família de Gaudí não estará concluída em 2026. E não há nova data</i>	19/09	Fugas	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Arquitetura		
<i>Carminho e Maria Mendes nomeadas para prémios Grammy Latino</i>	19/09	Ípsilon	—	—	X	—	Cerimónia	—	—	X	—	—	—	—	—	Música		
<i>Em Guimarães, o que era invisível é hoje património mundial</i>	19/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	Património	—		
<i>Por este monte alentejano cultivado há 500 anos será passado mão-de-obra escrava</i>	19/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	Arqueologia	—		
<i>O Tivoli faz 100 anos em 2024 mas a festa começa já em Novembro</i>	19/09	Local	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Património	Teatro		
<i>A vida suspensa nas mulheres de Jean-Luz Laqarce</i>	20/09	Ípsilon	—	—	—	—	Peça	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Teatro		

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u>Quarta na TV: Refrigerantes, canções de amor, 'Incorrecto e Afirmativo' e Herman José</u>	20/09	Ípsilon	—	—	—	—	Entrevista	Série Programa Documentário	Lista	—	—	—	—	—	—	—	Televisão / Streaming
<u>João Cabrito Trio nos Concertos ao Pôr do Sol em Almada</u>	20/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Música
<u>'Ted K'. Queres ser o Unabomber?</u>	20/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	—	X	—	—	—	—	Cinema
<u>Morreu Gianni Vattimo, o filósofo do "pensamento fraco"</u>	20/09	Ípsilon	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—
<u>'Dumb Money'. A segunda queda de Wall Street</u>	20/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	—	X	—	—	—	—	Cinema
<u>'Sujo, Difícil, Perigoso'. A esperança do outro lado</u>	20/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	—	X	—	—	—	—	Cinema
<u>'O Primeiro Dia do Resto da Minha Vida'. Não caem estrelas, do céu de Roma</u>	20/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	—	X	—	—	—	—	Cinema

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u>Tribunal consagra direitos de actor de 'Quem quer Ser Bilionário?' face à inteligência artificial</u>	20/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Cinema	
<u>Joana Vasconcelos vai expor em Florença</u>	20/09	Ípsilon	—	—	—	—	Exposição	—	—	X	—	—	—	—	—	Instalação Escultura	
<u>Mimi Froes apresenta 'Lembra-me de respirar' na véspera do primeiro álbum, 'Contornos'</u>	20/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	Álbum	—	—	—	—	—	—	—	Música	
<u>Filipe Andrade, Miquelango Padro, Super-Homem e Garfield em Outubro no AmadoraBD</u>	20/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	—	—	—	—	—	—	—	Literatura (Banda Desenhada)	
<u>Excerto do primeiro capítulo de 'Eu Sou Um Gato', de Natsume Soseki</u>	20/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Livro	Antevisão Preço Link para compra	—	—	—	—	—	—	Literatura	
<u>Cidadões de Baião manifestam-se contra trasladação de Eça de Queiroz</u>	20/09	Sociedade	X	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	

Artigo	Data	Secção	Agenda						Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial					Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais									
<i>Arquitectos escolhem quem vai liderar a sua Ordem: Gonçalo Byrne ou Avelino Oliveira?</i>	20/09	Ípsilon			X											Arquitetura
<i>A UNESCO já adicionou 27 novos monumentos à lista do Património Mundial este mês</i>	20/09	Ípsilon			X										Património	
<i>Há prenúncios do apocalipse nos Encontros da Imagem</i>	20/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—		Fotografia
<i>Ele foi português aqui. E ainda é, passado meio século *</i>	21/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—		Literatura
<i>Mimo Froes lança um álbum em torno da ideia de controlo, ou da falta dele</i>	21/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	Link para compra	—	—	—	—	(X)	—	Música
<i>Andrea Conangla de corpo e voz no 'femi-ni-no': "O feminismo não é uma estética"</i>	21/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	—	(X)	—	Música

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda								Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística	
			Atualidade			Antecipação												
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais										
<u>Criador de 'A Guerra dos Tronos' e outros 16 autores processam OpenAI</u>	21/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Literatura		
<u>Quinta na TV: Um Verão em Provença, 'Os Jovens Amantes' e o fim de 'Sex Education'</u>	21/09	Ípsilon	—	—	—	—	Jogo de Futebol	Série Documentário	Lista	—	—	—	—	—	Desporto	Televisão / Streaming		
<u>Jean-Marie Straub e Danièle Huillet. A altura justa entre a terra e o céu</u>	21/09	Ípsilon	—	—	—	—	Ciclo de cinema	Exposição	—	—	—	—	—	—	—	Cinema		
<u>Antologia dedicada a Eduardo Lourenço e à sua obra reúne 17 poetas portugueses</u>	21/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	Livro	—	X	—	—	—	—	—	Literatura		
<u>Um dos capítulos de 'As Árvores', o thriller literário de Percival Everett</u>	21/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Livro	Antevisão Preço Link para compra	—	—	—	—	—	—	Literatura		
<u>Cantautora Valéria Castro estreia-se em Portugal 'Com Cariño y Com Cuidado'</u>	21/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	—	(X)	—	Música		

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<i>Erwin Olaf, o fotógrafo das imagens encenadas</i>	21/09	Ípsilon	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
<i>Antiga creche no Jardim da Estrela foi renovada e Lisboa ganhou um novo espaço cultural</i>	21/09	Local	—	—	—	—	—	Espaço cultural	—	—	—	—	—	—	Política cultural	—	
<i>Da criação à reflexão sobre a extinção do mundo</i>	21/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Música	
<i>Lídia Jorge nomeada para prémio literário Médicis com 'Misericórdia'</i>	21/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Literatura	
<i>Acervo de Ana Luísa Amaral passa para a Casa dos Livros.*</i>	21/09	Ípsilon	—	—	—	—	Exposição Congresso	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Literatura	
<i>O que faz a dança? "Ajuda a adiar a guerra"</i>	21/09	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Dança	
<i>Na série 'O Clube', as cenas de sexo são "as mais técnicas"</i>	21/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Série	—	—	—	—	—	—	—	Televisão	

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<i>'How To With John Wilson'. O homem da câmara de filmar</i>	21/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	—	Streaming	
<i>'Fazer' é uma revista, é uma exposição e vai discutir o design em Portugal</i>	21/09	Ípsilon	—	—	—	—	Exposição	Revista	—	—	—	—	—	—	—	Design	
<i>Tigerman: entre perda e negrume, uma luminosa reinvenção</i>	22/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Álbum	—	—	—	—	X	—	—	Música	
<i>A nova pele electrónica assenta na perfeição ao nosso homem-tigre</i>	22/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Álbum)	—	—	X	—	—	—	—	Música	
<i>Com um pé dentro e outro fora, no Stop a música faz-se no limbo e a temer-se o futuro</i>	22/09	Local	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	Espaço cultural	—	
<i>Elisa Rodrigues leva-nos a viajar 'Até o Sol', num EP e ao vivo no Planetário</i>	22/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	—	—	—	Música	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Imperatriz Sisi, BDSM, buracos negros - e muito mais no Queer Lisboa</i></u>	22/09	Ípsilon	—	—	—	X	Festival	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Cinema	
<u><i>Tânia Oleiro canta 'Lisboa e o fado', antes de mostrar em Oeiras o que o fado já lhe deu</i></u>	22/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>Cristina Branco lança 'Mãe' e guia-o com 'Passos certos' "no caminho de volta a casa"</i></u>	22/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>Lura estreia 'Cetam' com Angélique Kidjo no dia em que lança o novo álbum 'Multicolor'</i></u>	22/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>Sexta na TV: 'Crash+', 'Cassandra' e a Liga das Nações feminina</i></u>	22/09	Ípsilon	—	—	—	—	Jogo de Futebol	Série	Lista	—	—	—	—	—	Desporto	Televisão / Streaming	
<u><i>Expresso Transatlântico estreiam 'Ressaca Bailada'</i></u>	22/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	Álbum	—	—	—	—	—	—	—	Música	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>O computador, um espírito absoluto</i></u>	22/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Questões sociais	—	
<u><i>A ilustre casa de Portugal</i></u>	22/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Política Património	—	
<u><i>E o sétimo álbum Lura grita liberdade em todas as cores</i></u>	22/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	(X)	—	—	—	Música	
<u><i>Encerramento do Stop está suspenso por tempo indeterminado</i></u>	22/09	Local	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Espaço cultural	—	
<u><i>"Brexit" ameaça estatuto do Reino Unido como grande mercado de arte europeu</i></u>	22/09	Ípsilon	X				—	—	—	—	—	—	—	—	Indústria	—	
<u><i>Lídia Jorge vence Prémio Eduardo Lourenço 2023</i></u>	22/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Literatura	
<u><i>Novos romances de Max Potter, NoViolet Bulawayo e de Percival Everett *</i></u>	22/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Livro	Lista Preço Link para compra	—	—	—	—	—	—	Literatura	

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Anaïs Cloud, estrela da série 'Euphoria', terá morrido de "overdose acidental"</i></u>	22/09	Ímpar	X	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
<u><i>Aqui, a arqueologia ajuda a pensar no colapso de modelos políticos com cinco mil anos</i></u>	22/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Arqueologia	—	
<u><i>Bucólico, experimental e orgânico: assim é 'Leveza', o novo disco de André Henriques</i></u>	22/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Música	
<u><i>Los Sunn O))) são uma constelação: iluminem-nos</i></u>	22/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	X	—	—	Música	
<u><i>"Stop não pára": Artistas na rua para defender o Stop</i></u>	22/09	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Espaço cultural	—	
<u><i>Fim-de-semana na TV: 'O Hábito do Taskmaster' e os Lobos no mundial de rãquebi</i></u>	23/09	Ípsilon	—	—	—	—	Jogo de Futebol	Programa Série	Lista	—	—	—	—	—	Desporto	Televisão / Streaming	
<u><i>A luta dos SillySeason com a urgência e o privilégio</i></u>	23/09	Ípsilon	—	—	—	—	Espetáculo	—	—	—	—	—	—	—	—	Teatro	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Benjamin Clementine, maestro de emoções à solta no Campo Pequeno</i></u>	23/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	X	—	—	—	—	Música	
<u><i>Mais uma 'Volta' e faz-se caminho quando a dança junta seniores a jovens</i></u>	23/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Dança	
<u><i>Na cidade do barro, a vanguarda conduz a tradição para um novo despertar</i></u>	23/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	Olaria	—	
<u><i>O desejo de voltar atrás</i></u>	23/09	Ímpar	—	—	—	—	—	—	Antevisão Preço	—	—	—	—	—	—	Literatura	
<u><i>Geoff Dyer fez o livro das coisas que acabam: 'Os Últimos Dias' de Roger Federer e Outros Finais*</i></u>	23/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	Preço Link para compra	—	—	—	X	—	—	Literatura	
<u><i>Porque é que os fãs de true crime estão a desistir do género?</i></u>	23/09	P3	Artigo emprestado do <i>The Washington Post</i>							—	—	—	—	—	Questões sociais	—	

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda						Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial					Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais									
<i>Foi bonita a bolha, pá: a maior parte dos NFT vale hoje zero</i>	23/09	Ípsilon			X											Criptoarte
<i>Centro de artes cénicas em Nova Iorque construído com mármore de Vila Viçosa</i>	23/09	Ípsilon			X				X							Arquitetura
<i>Livro infantil com linguagem inclusiva alvo de protesto. Autora diz ser "censura"</i>	23/09	Ípsilon	X												Questões sociais	Literatura
<i>Uma exposição e um livro na Galeria Carlos Carvalho</i>	23/09	Ípsilon														Artes plásticas Fotografia
<i>Galeria Carlos Carvalho, uma história com 35 anos que promete durar</i>	23/09	Ípsilon											(X)		Espaço cultural	
<i>Jardim da Estrela estreia nova estreia: uma "casa aberta" a artistas, famílias e à sustentabilidade</i>	23/09	Fugas						Espaço cultural					X		Espaço cultural	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Sobre a atualidade de Eça de Queirós</i></u>	24/09	Opinião	X	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Literatura	
<u><i>'Rabo de Peixe' agora em roteiro turístico pela Ribeira Grande</i></u>	24/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Streaming	
<u><i>Schubertiades para renovar o recital clássico</i></u>	24/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Música	
<u><i>Mais de 50 pessoas contestam trasladação de Eça para Lisboa</i></u>	24/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	
<u><i>Pintura de Artemisia Gentileschi redescoberta nos armazéns reais em Inglaterra</i></u>	24/09	Ípsilon	X						—	—	—	—	—	—	—	Pintura	
<u><i>A máscara de Conner O'Malley</i></u>	25/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	(+ Lista)	—	—	(X)	—	—	—	—	Streaming
<u><i>Estúdios e argumentistas chegam a acordo provisório que pode pôr fim à greve</i></u>	25/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Cinema

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<i><u>A Bienal de Dança de Lyon está “em transição”, mas a cidade começa a apanhar boleia</u></i>	25/09	Opinião	Convite				—	—	—	—	—	(X)	—	—	—	Dança	
<i><u>A verdade de Roth e Zuckerman. Que verdade? *</u></i>	25/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	Preço Link para compra	—	—	X	—	—	—	Literatura	
<i><u>A solidão rugosa do jazz de Nebbia</u></i>	25/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Música	
<i><u>Segunda na TV: Um Judas, um Messias Negro, um ‘Vício Intrinseco’ e tudo ‘Verde por Dentro’</u></i>	25/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Série Programa	Lista	—	—	—	—	—	—	Televisão / Streaming	
<i><u>Morreu marionetista, actor e locutor José Henrique Neto</u></i>	25/09	Ípsilon	—	X	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	
<i><u>Cemitério infantil com mil anos descoberto no Peru</u></i>	25/09	Azul	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Arqueologia	
<i><u>DGArtes: Concurso para representar Portugal em Veneza abre com um mês de atraso</u></i>	25/09	Ípsilon	X				—	—	—	—	X	—	—	—	—	Política cultural	

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda								Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial							Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais										
<u><i>Livro ilustrado 'No meu bairro' tem nova apresentação em Lisboa e editora avalia reedição</i></u>	25/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	Literatura	
<u><i>Um exercício de resistência chamado Sunn O))) num Amplifest entre a luz e as trevas</i></u>	25/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Música	
<u><i>Morreu Avelino Tavares, que nos deu 'Mundo da Canção'</i></u>	25/09	Ípsilon	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
<u><i>Síndrome de Estocolmo no Coliseu do Porto</i></u>	25/09	Opinião	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Espaço cultural	—	
<u><i>Arquitectos de Hollywood aguardam termos do acordo para regressarem ao trabalho</i></u>	26/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	Cinema	
<u><i>Do CD à cassete, eles colecionam música — mas sempre de ouvido no streaming</i></u>	26/09	P3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Música	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>FIMP: as marionetas e as ligações entre memória, imagem e manipulação</i></u>	26/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	—	—	—	—	—	—	—	Teatro	
<u><i>Rede de Museus de Coimbra passa a ser composta por 12 instituições</i></u>	26/09	Ípsilon	X				—	—	—	X	—	—	—	—	Política cultural	—	
<u><i>A Leste tudo de novo (e não só) no BEAST</i></u>	26/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Cinema	
<u><i>Museu Britânico pede ajuda para localizar peças roubadas</i></u>	26/09	Ípsilon	X				—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
<u><i>MIL, para conversar e descobrir música entre o Beato e o Cais do Sodré</i></u>	27/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	Preço Enumeração	—	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>Trocar de vida. Uma atriz e uma prostituta encontram-se em 'Rua dos Anjos'</i></u>	27/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Cinema	
<u><i>Argumentistas voltam hoje ao trabalho com o fim da greve</i></u>	27/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Cinema	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Golda: uma Helen Mirren a fazer-se ao Óscar e nada mais</i></u>	27/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	—	X	—	—	—	—	Cinema
<u><i>Agnès Varda, Werner Herzog, Aki Kaurismäki: o 21.º Doclisboa fecha a programação</i></u>	27/09	Ípsilon	—	—	—	X	Festival	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	—	Cinema
<u><i>Um dos capítulos de 'Abelhas e Trvoada ao Longe' da japonesa Riku Onda</i></u>	27/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Livro	Antevisão	—	—	—	—	—	—	—	Literatura
<u><i>Governo renova comissão de serviço de Luís Chaby Vaz à frente do ICA</i></u>	27/09	Opinião	X			—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Política cultural	—
<u><i>Aline Bei: "Não são muito boa a fechar portas, tampas e gavetas" *</i></u>	27/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Livro	Preço Link para compra	—	—	—	—	X	—	—	Literatura
<u><i>O bom velho Raylan Givens em 'Justified: Cidade Primitiva'</i></u>	27/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Televisão / Streaming

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u>Salman Rushdie vai estar na Feira do Livro de Frankfurt e receber o Prémio da Paz *</u>	27/09	Ípsilon	—	—	X	—	Cerimónia	—	—	—	—	—	—	—	—	Literatura	
<u>Director-geral das Artes defende concursos para directores de teatros municipais</u>	27/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Política cultural	—	
<u>Uma noite para a eternidade dos Dead Combo e de Pedro Gonçalves</u>	27/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Música	
<u>'O Sol do Futuro': Nanni Moretti e as coisas interrompidas</u>	27/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	—	(X)	—	—	—	Cinema	
<u>Elisa Rodrigues estreia 'Até ao Sol' com concerto inédito</u>	28/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	—	—	—	Música	
<u>Historiador garante que a espada de D. Afonso Henriques ficou em Alcácer Quibir</u>	28/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	História	—	

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u>Woody Allen ponto e vírgula</u>	28/09	Ípsilon	—	—	—	Pessoa	—	Filme	—	—	—	—	—	—	—	Cinema	
<u>Um Cristo pintado em Lisboa há 500 anos se tornou um ícone real da Etiópia</u>	28/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Pintura	
<u>Festival de Arte Urbana de Lisboa em Outubro</u>	28/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	—	X	—	—	—	—	—	Arte urbana	
<u>Museu Nacional da Música fecha portas, com Maфра no horizonte</u>	28/09	Ípsilon	X				Concerto	—	—	—	—	—	—	—	Política cultural	—	
<u>O primeiro Folio sem José Pinho tem por tema o Risco *</u>	28/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	Espaço cultural	—	—	—	—	—	—	—	Literatura	
<u>Casa dos Pais traz união de artes e desavenças de irmãos ao Rivoli</u>	28/09	Ípsilon	—	—	—	—	Peça	—	—	—	—	—	—	—	—	Teatro	
<u>Joana Vasconcelos: “A minha arte tem força para estar diante da dos grandes artistas”</u>	28/09	Ípsilon	—	—	—	—	Exposição	—	—	—	—	—	X	—	—	Escultura Instalação	

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<i>As músicas do mundo de Salvador Sobral</i>	28/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	X	—	—	Música	
<i>Woody Allen em entrevista: “Tive uma sorte excepcional”</i>	29/09	Ípsilon	—	—	—	Pessoa	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Cinema	
<i>Festival Escritaria de Penafiel homenageia Miguel Esteves Cardoso</i>	29/09	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	—	—	—	—	—	—	—	Literatura	
<i>Paus estreiam ‘Paus e o Caos’ em disco e ao vivo: “Chegámos a um sítio novo”</i>	29/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	Álbum	—	—	—	—	—	—	—	Música	
<i>O ligeiro desvio no olhar de Teresa Silva</i>	29/09	Ípsilon	—	—	—	—	Espetáculo	—	—	—	—	—	—	—	—	Dança	
<i>Como Filipe Sambado deixou de ter medo de ser</i>	29/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Música	
<i>Em ‘Isn’t It Now?’, os Animal Collective provam: são uma das melhores bandas do século</i>	29/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Música	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>'Flying Wig'. Mistério e frustração na nova vida sintética de Devendra Banhart</i></u>	29/09	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	X	—	—	—	—	Música
<u><i>Uma estátua para Camilo</i></u>	29/09	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Património	—
<u><i>Bordalo II monta tendas em Lisboa para criticar o "desalojamento local"</i></u>	29/09	P3	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Intervenção artística urbana Questões sociais	—
<u><i>Sonata desafinada de Outono</i></u>	29/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	Questões sociais	—
<u><i>Estante executiva: as escolhas de Jorge Ferreira e as nossas</i></u>	29/09	Economia	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Literatura
<u><i>Escritora Alice Vieira vence prémio ibero-americano de literatura infantil e juvenil</i></u>	29/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	Literatura
<u><i>Polícia detém suspeitos de disparar contra o rapper Tupac Shakur</i></u>	29/09	Ímpar	—	—	—	Pessoa	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Música

Artigo	Data	Secção	Agenda								Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial							Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais										
<u><i>No seu 20.º aniversário, o Museu do Vinho Bairrada junta trabalhos de mais de 70 artistas</i></u>	29/09	Local	—	—	X	—	Exposição	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Pintura Escultura Fotografia Desenho Cartoon Vídeo arte Moda	
<u><i>Angela Davis e a pergunta: “Como será a liberdade daqui a 50 anos?” *</i></u>	30/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	Documentário	—	—	—	—	—	—	—	—	Cinema (Documentário)	
<u><i>Há hotspots londrinos a ganhar vida com estas obras de arte coloridas</i></u>	30/09	P3	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Arte urbana	
<u><i>‘Aparas dos Dias’. O pensamento ensaiante de João barrento *</i></u>	30/09	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	Preço Link para compra	—	—	X	—	—	—	—	Literatura	
<u><i>António Lobo Antunes e Yvette Centeno premiados pela Fundação Inês de Castro</i></u>	30/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	Literatura	
<u><i>Regra 34, de Julia Murat, vence Prémio de Melhor Longa-Metragem do Queer Lisboa</i></u>	30/09	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	Cinema	

* Subsecção com apoio da FNAC.

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade				Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Porque é que o design dos Fames continua na moda? É um caso de “sobrevivência do mais forte”</i></u>	01/10	Ípsilon	Convite				—	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Design	
<u><i>James Crawford: “As fronteiras já não são só sintoma, mas a causa dos problemas”</i></u>	01/10	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	Link para compra	—	—	—	—	X	—	Literatura	
<u><i>Berardo usou associação para comprar 214 obras adquiridas a meias com o Estado</i></u>	26/10	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Política cultural	—	
<u><i>No MAC/CCB a Coleccção Berardo ainda fala mais alto, mas já conversa com outras</i></u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	Espetáculo	Museu	—	—	—	—	—	—	—	Desenho Pintura Escultura Mixed Media	
<u><i>Uma fotografia em busca de memórias para os bebés “sem passado” da Roda do Porto</i></u>	26/10	P3	—	—	—	—	Conversa	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Fotografia	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u>A vulnerabilidade fez bem a Loraine James</u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	—	—	—	Música	
<u>Pedro Moutinho anuncia com 'Carolina' o segundo EP do projecto para o álbum 'Casa d'Água'</u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	—	Álbum	—	—	—	—	—	—	—	Música	
<u>Quinta na TV: Raparigas à janela, 'Liações Perigosas' e 'Pluto'</u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	Jogo de Futebol	Filme Série	Lista	—	—	—	—	—	Desporto	Cinema (e documentário)	
<u>Ricardo Ribeiro: "Somos um país do Atlântico, mas um povo do Mediterrâneo"</u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Álbum)	—	—	—	—	X	—	—	Música	
<u>Habitar Lisboa: onde estão os arquitectos?</u>	26/10	P3	X	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Arquitetura	
<u>Vaços Metal Fest volta em Agosto de 2024 com Blind Guardian, Samael e Uada</u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	Preço	—	—	—	—	—	—	Música	
<u>No décimo aniversário, o Porto/Post/Doc vai no Batalha</u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Cinema	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Oneohtrix Point Never, Sevdaliza, 2manydjs e Bonobo no Sónar Lisboa 2024</i></u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>The Streets de olhos encandeados pela ameaça de um novo dia</i></u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Música	
<u><i>Mão Morta + Pedro Sousa: o som deste inquietante zeitgeist</i></u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Música	
<u><i>Morreu a antifascista Margarida Tenqarrinha</i></u>	26/10	Política	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	
<u><i>'Now and then', "a última canção dos Beatles", sai a 2 de Novembro</i></u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	—	Obra	—	—	—	—	—	—	—	Música	
<u><i>Os textos-fantasma de Hervé Guibert</i></u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	Link para compra	—	—	X	—	—	—	Literatura	
<u><i>As fotografias "sem passado" dos bebés da Roda do Porto estão agora em exposição</i></u>	26/10	P3	—	—	—	—	Conversa	—	—	—	—	—	—	—	—	Fotografia	

Artigo	Data	Secção	Agenda						Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial					Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação										
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais									
<u>Prédio em Braga evacuado após desabamento parcial no interior</u>	26/10	Local	X			—	—	—	—	—	—	—	—	Património	—	
<u>Sónica Ekranu: do passado ao presente, mundos de música revelam-se em cinema</u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	Festival	—	Enumeração Preço	—	—	—	—	—	Música Cinema	
<u>Novo MAC/CCB abre com um fundo de aquisições de dois milhões de euros</u>	26/10	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Política cultural	—	
<u>Três propostas e um dilema para o Monumental: cinema ou centro tecnológico?</u>	26/10	Ípsilon	X			—	—	—	—	—	—	—	—	Política cultural Espaço cultural	—	
<u>Ana Franço Elétrico: o desejo, a intimidade, a psaiia e um mundo musical rico</u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	X	—	—	
<u>Joana de Verona quer colocar-nos entre o sono e a vigília</u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	Espetáculo	—	—	—	—	—	(X)	—	Instalação	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Associação que comprou as 214 obras da Colecção Berardo é dona de vários museus</i></u>	26/10	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Espaço cultural	—	
<u><i>'Cyber Elf': o diário de uma duende ciberactivista sobre a Guerra na Ucrânia</i></u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	Peça	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Teatro	
<u><i>Das memórias de Britney Spears à reflexão de Djaimilia Pereira de Almeida</i></u>	26/10	Ípsilon	—	—	—	—	—	Livro	Lista <i>Link para compra</i>	—	—	—	—	—	—	Literatura	
<u><i>Titãs, diversão e arte para aliviar a dor</i></u>	04/11	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	—	—	—	X	—	—	—	Música	
<u><i>Contrariar o medo da noite</i></u>	04/11	Ímpar	—	—	—	—	—	—	Antevisão <i>Link para compra</i>	—	—	—	—	—	—	Literatura	
<u><i>Bienal de Veneza dá Leão de Ouro às artistas Maiolino e Nil Yalter</i></u>	04/11	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Instalação	
<u><i>Dois registos fonográficos com 'Grândola' propostos para Património Nacional</i></u>	29/11	Ípsilon	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Música	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>ALLiAN veio agitar as raves 'queer' no Porto com música que "berra as injustiças"</i></u>	29/11	P3	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	(X)	—	Música	
<u><i>Consentimento: o pedófilo e a sua vítima, uma história de amor</i></u>	29/11	Ípsilon	—	—	—	—	—	Filme	—	—	—	X	—	—	—	Cinema	
<u><i>Presidente da República condecora Herman José com Ordem do Infante D. Henrique</i></u>	29/11	Ípsilon	—	—	X	—	—	—	—	X	—	—	—	—	—	Televisão	
<u><i>'O Último Animal': formatado, utilitário, sem ideias nem convicção</i></u>	29/11	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	—	X	—	—	—	Cinema	
<u><i>'May December': donas de casa desesperadas</i></u>	29/11	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	—	X	—	—	—	Cinema	
<u><i>'Pompeia, Cidade do Pecado' escrita na lava</i></u>	29/11	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	—	X	—	—	—	Cinema (Documentário)	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<i>‘Consentimento’ na sala de cinema “pode ser chocante, mas esse é também o objectivo”</i>	29/11	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	—	—	X	—	—	Cinema	
<i>‘Onde Fica Esta Rua?’: elegia de ‘Os Verdes Anos’, elegia de Lisboa</i>	29/11	Ípsilon	—	—	—	—	—	(Filme)	—	—	X	—	—	—	—	Cinema	
<i>Patt Smith e o seu quarteto actuam em Julho no Festival Jardins do Marquês</i>	29/11	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	Preço	—	—	—	—	—	—	Música	
<i>Primeiro capítulo de ‘Noite Feliz’, o novo mistério de Hercule Poirot</i>	29/11	Ípsilon	—	—	—	—	—	Livro	Antevisão	—	—	—				Literatura	
<i>Aberto concurso para 24 bolsas de criação literária no valor de 270 mil euros</i>	29/11	Ípsilon	X				—	—	—	X	—	—	—	—	—	Literatura	
<i>Samantha Fox passa por Portugal em Dezembro na sua tournée mundial</i>	29/11	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	Preço	—	—	—	—	—	—	Música	

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Ozu, entre a luz e o crepúsculo, de novo nas salas portuguesas</i></u>	29/11	Ípsilon	—	—	X	—	—	Filme	—	—	—	X	—	—	—	—	Cinema
<u><i>T-Rex é o português mais ouvido no Spotify, Taylor Swift a campeã internacional</i></u>	29/11	Ípsilon	—	—	—	X	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Música
<u><i>Comunidade, resistência e intimidade no 2024 do Teatro do Porto</i></u>	29/11	Ípsilon	—	—	—	—	Peça	—	Enumeração	—	—	—	—	—	—	—	Teatro
<u><i>Mural de Banksy sobre o “Brexit” foi demolido em Dover</i></u>	29/11	Ípsilon	X						—	—	—	—	—	—	—	Pintura	
<u><i>A lição de democracia de George Weah. Aline Frazão fala da sua admiração por Sara Tavares</i></u>	29/11	Mundo	X	X	—	—	—	—	—	—	—	Podcast				—	—
<u><i>Luiz Caracol: “Este é talvez o álbum que mulher reflecte todo o meu percurso”</i></u>	29/11	Ípsilon	—	—	—	—	Concerto	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Música

Artigo	Data	Secção	Agenda							Agências		Artigos opinativos, informativos e interpretativos				Categorização da cultura	
			Estratégia editorial						Género ou formato utilitário	Lusa	Reuters	Crítica	Opinião ou Crónica	Reportagem ou Entrevista	Perfil	Expressão cultural não artística	Expressão cultural artística
			Atualidade			Antecipação											
			Em voga	Óbitos	Comemorações (Datas/Prémios)	Cânone	Momentos culturais	Bens culturais									
<u><i>Por causa desta exposição o Museu Nacional de Arte Antiga ganhou um Zurbarán</i></u>	29/11	Ípsilon	—	—	—	—	Exposição	—	—	—	—	—	(X)	—	—	Pintura	
<u><i>MILF, “mother” e agora “daddy”. De onde vieram tantos pais?</i></u>	29/11	Ímpar	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	Questões sociais	—	
<u><i>40 anos em 12 discos: para uma paisagem do rap português</i></u>	29/11	Ípsilon	—	—	—	—	—	—	Lista	—	—	—	—	—	—	Música	